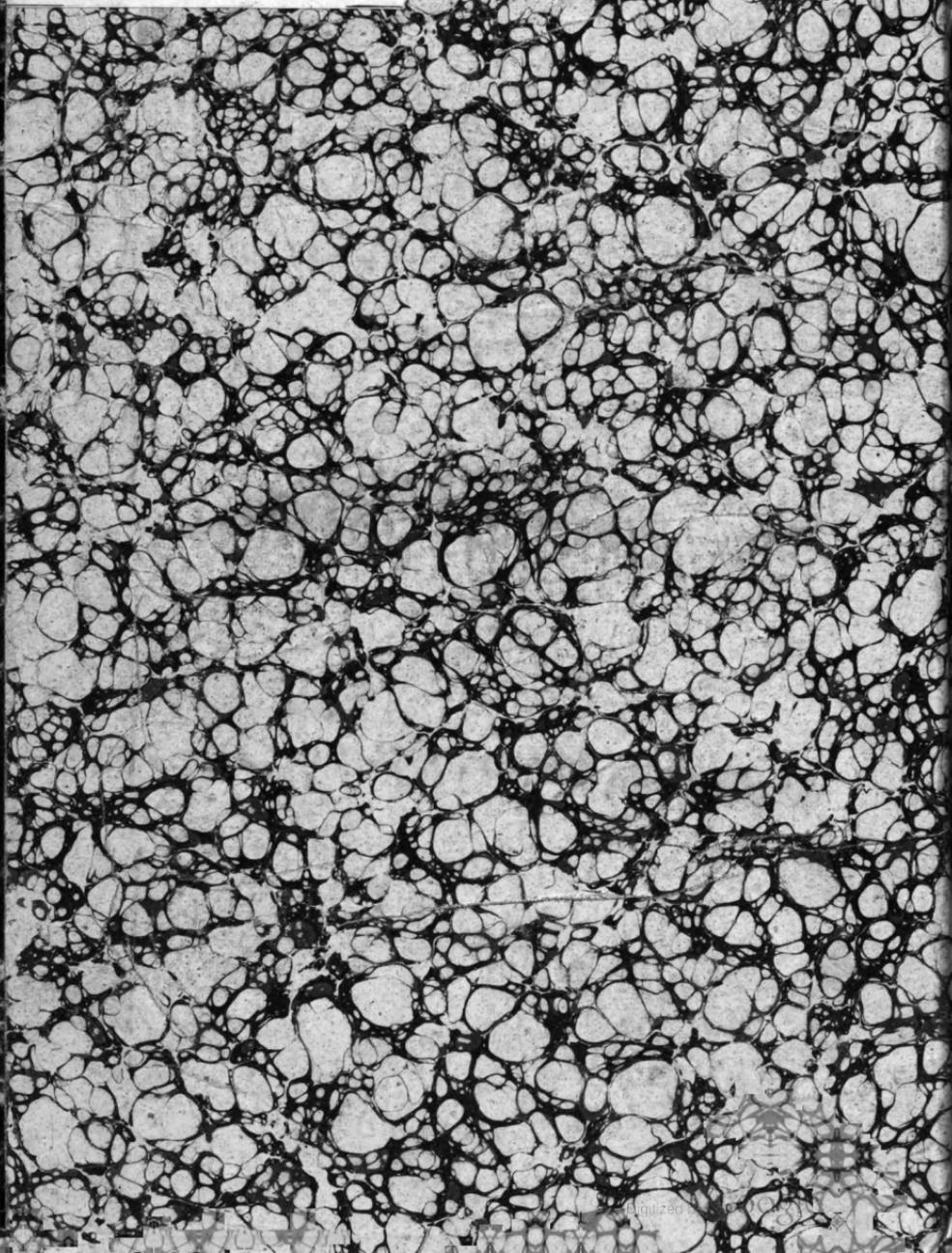


NATIONALBIBLIOTHEK
IN WIEN

161299-B

NEU-

150. F. 22.



Österreichische Nationalbibliothek



+Z254525809

161299-B

FAUSTO

PARTE PRIMEIRA

FAUSTO

TRAGEDIA DE GOETHE

TRADUZIDO

POR

Agostinho d'Ornellas

14.º MORGADO DO CANISSO

SECRETARIO DE LEGAÇÃO DE S. M. FIDELISSIMA

LISBOA

TYPOGRAPHIA FRANCO-PORTUGUEZA

6 Rua do Thesouro Velho 6

1867



U
gu
em
vel
ac
idé
alle
ria
C
at
bl
cip
vo
co
tr

Uma tarde do verão de 1860, estávamos alguns addidos de legação numa salla do Club, em Berlim, procurando meio de passar agradavelmente a noite. Propoz alguém que fossemos ao theatro vêr o Fausto. Aceitaram todos a idéa, só eu lembrei que mui pouco sabia de allemão. Seguraram-me que assim mesmo gostaria da peça, e fomos.

O theatro estava apinhado de gente, enchia-o até os ultimos recantos uma variadissima assemblea, esperando em profundo silencio que principiasse a representação. Ergueu-se o panno, e a voz vibrante e sympathica de Hendrichs começou a declamar o magnifico monologo, que estrêa o primeiro acto.

Prendeu-se-me logo a attenção. Entendendo apenas algumas phrases, penetrei, como por intuição, o sentido do que ouvia, e comprehendí o grito d'alma, o desespero do homem que pedira em vão á sciencia a resolução do problema do Universo. Á scena de angustia e desalento passada no estreito e solitario gabinete de estudo, succedeu a franca e ruidosa alegria do povo, celebrando ao ar livre, no meio dos campos enfeitados pela primavera, a Paschoa da Ressurreição. Foram passando diante de meus olhos os quadros encantados do maravilhoso drama: o pacto com Mephistopheles, o dialogo deste com o estudante, o primeiro encontro de Fausto com Margarida, a scena repassada de poesia em que, depois de remoçado, Fausto penetra na camara virginal da donzella, as entrevistas no jardim de Martha, e finalmente a incomparavel e pungentissima scena da prisão.

Saí profundamente commovido, ancioso por conhecer em todo o seu esplendor, em toda a sua plenitude a obra de que apenas entrevira as portentosas bellezas. Formei o firme proposito de entender o Fausto e dei-me logo, com afinco, ao estudo do allemão. Mas quando pude lêr o original, ainda não fiquei satisfeito; quiz, para melhor o possuir, para mais completamente d'elle me penetrar, traduzir em portuguez aquelles

trechos ao menos, que me pareceram mais bellos.

Quando deixei Berlim, nos fins de 1862, já tinha em portuguez alguns pedaços. Na primavera de 1863, achei-me detido em Lisboa pela demora de um negocio pendente no Ministerio dos estrangeiros; cansado de esperar uma decisão que nunca apparecia, fui passar o mez de Julho na Cortegana, com o meu amigo Visconde de Chancelleiros. O muito que conversámos sobre a Allemanha, e a necessidade que senti de occupar o meu ocio forçado, suscitaram-me a idéa de reunir numa traducção completa os fragmentos que possuia.

Como me captivára a primeira representação do Fausto a que assisti, assim me enlevou o trabalho a que me dei de traduzil-o. Continuei-o no meio das distrações de Baden, e terminei-o, pelos fins de 1864, na solidão das montanhas da Madeira. Admirador sincero das idéas de Goethe e da fôrma sublime de simplicidade com que as revestiu, desvelei-me por transportal-as intactas para o portuguez, cuja maravilhosa flexibilidade e riqueza tudo tornam possível. Respeitei até as liberdades de expressão, o amor do termo proprio que characterisam o meu autor. Sinto quanto fiquei aquem do alvo em que puz o fito, mas tambem não foram pequenas as

difficuldades que encontrei. Nem achei traduzido na nossa lingua um só verso do Fausto, nem um bom dictionario allemão-portuguez pude sequer descobrir.

Concluido o meu trabalho, podia dar-me por satisfeito com os prazeres intellectuaes que tão abundantemente me causou. Pensei todavia que prazeres egoistas nunca são completos, e imaginei, talvez me engane, que uma traducção do Fausto poderia chamar a attenção do nosso publico para a riquissima litteratura allemã, inda mal, tão ignorada entre nós. A opinião de um amigo, em cujo bom gosto e juizo tenho a maior confiança, confirmou-me nesta idéa. Resolvi pois dar á imprensa o manuscripto; revi-o cuidadosamente em Londres, e quando, em Fevereiro ultimo, me achei de volta a Lisboa, mandei-o immediatamente para o prélo.

Por ora apenas traduzi a primeira parte do Fausto, aquella que se accomoda ás condições da scena, mas que, embora independente, é um episodio do vastissimo poema, da grandiosa epopêa, cujo heroe é o homem, considerado em todas as phases do seu desenvolvimento subjectivo e da sua acção externa. A aposta feita com Deus, não a ganhou ainda Mephistopheles; antes parecem mallogrados os seus esforços para perverter e rebaixar a indole generosa de Fausto.

A orgia brutal da taberna de Auerbach, as torpissimas extravagancias da cosinha da bruxa, o elixir que deve atear em Fausto o fogo da paixão sensual, as visões plântasticas da noite de Walpurgis, só lhe augmentam a repugnancia por quanto é ignobil e baixo. O amor em que se accende por Margarida, em vez de fogo impuro que o avilte, é chamma que o acrisola e eleva. Margarida é a redemptora do seu amante, e a idéa sublime do resgate de Fausto pelo amor, tem no final do poema uma sublime expressão.

Conclue a primeira parte com a morte de Margarida, que expia voluntariamente neste mundo as culpas do seu amor, e cuja desdita lança no coração de Fausto a semente fecunda do remorso; na segunda continuam os esforços de Mephistopheles para domar Fausto, e proseguem cada vez mais vastos e energicos os passos deste no caminho do aperfeiçoamento e desenvolvimento do seu ser. A côrte, as finanças, a guerra, a politica veem offerecer-lhe espheras de actividade cada vez mais largas, sempre mais elevadas; consagra-se todo ao bem estar dos seus semelhantes, e quando em fim gosa a plenitude da satisfação, não é reclinado no leito da sensualidade, mas antevendo o effeito benefico dos seus trabalhos no meio dos outros homens. Approveita Mephistopheles o momento para

matal-o, mas não ganhou nos termos do contracto a alma de Fausto, que lhe escapou elevando-se sempre e que os anjos lhe veem reclamar.

Neste quadro, de que apenas esbocei os mais vagos contornos, derramou Goethe com profusão as maravilhas do seu genio: os maiores arrojos da idéa, as mais peregrinas e mimosas bellezas da fôrma. Foi a sua obra favorita, a tarefa de sua vida inteira, o cofre em que ia encerrando todas as joias que lhe ministravam um incomparavel espirito, uma incansavel e fecundissima intelligencia. Idéas scientificas, systemas religiosos, theorias politicas e philosophicas, poesia e arte antigas, mythologias pagans, já escondidas em allegorias admiraveis, já patentes em bellissimos versos, reúnem-se, movem-se, vivem naquelle labyrintho de maravilhas, naquelle Universo poetico que se chama a segunda parte do Fausto.

Parei assombrado no limiar do templo. Antes de commetter empreza tanta como a traducção de tal obra, esperarei que pronuncie a sua sentença sobre o meu ensaio, o publico a quem o entrego.

Lisboa 31 de Março de 1867.

FAUSTO

DEDICATORIA

Rodeaes-me de novo, aereos vultos,
Que á turva vista outr'ora vos mostrastes.
Tentarei desta vez aqui reter-vos,
E a tal illusão inda propenso
Será meu coração? Approximaes-vos!
Pois bem, reinae potentes, resurgidos
Da vaporosa nevoa do passado;
Magico sopro que esvoaça em torno
De vós, memorias no meu peito acorda
Da juventude e seu sentir ardente.

Trazeis convosco de bem doces dias
A chorada lembrança. Sombras charas
Resurgem numerosas; qual antiga
Tradicção esquecida, vão volvendo

Primeiro amor, antigas amizades ;
A saudade cruel com dor recorda
A marcha errante que seguiu a vida,
E nobres peitos lembra, que frustrados
Pela sorte de dias deleitosos,
Antes de mim a vida terminaram.

Meus derradeiros cantos não escutam
Aquelles para quem cantei primeiro ;
Dispersa jaz essa phalange amiga,
E mudos, ai, os echos despertados
Nesse tempo feliz. Minhas endeixas
Por entre turba incognita resoam,
De quem o louvor mesmo m'entristece ;
Espalhados, errantes são no mundo
Os que meu canto amavam — s'inda vivem.

Saudade, a que já 'stava desaffeito,
Daquelles nobres placidos espiritos,
De mim se apossa, e qual eolia lyra
Só vagos cantos o meu estro entôa ;
Estremeço, de lagrimas banhado
Commovido se sente o peito austero ;
Como que foge o que possuo agora,
Em presente o passado eis se converte.

PROLOGO NO THEATRO

Director — Poeta dramatico — Gracioso.

DIRECTOR

Vós ambos, que me tendes tantas vezes
Em apertos e magoas soccorido,
Dizei-me, que futuro á nossa empreza
Agouraes n'estas terras d'Allemanha?
Desejos tenho de agradar ás massas,
Pois ellas vivem, e viver nos fazem.
O theatro está prompto, esperam todos
Uma festa gosar. Já estam a postos,
Bem abertos os olhos, desejosos

De maravilhas ver. Sei por que modo
O publico favor ganhar se logra,
Mas em tal embaraço nunca estive,
Não 'stam affeitos ao melhor, é certo,
Mas, por meu mal, tem lido immensamente.
Que havemos de fazer, p'ra que pareça
Bem novo tudo, de conceitos rico
E demais, agradavel? Porque quero
Que á nossa casa corra a turbamulta
Em torrente compacta, e com arrancos
Repetidos, profundos, se comprima
Junto á porta de entrada; que de dia,
Ainda antes das cinco se dispute,
Á força d'encontrões, um logarsinho
Ao pé do bilheteiro, e como em tempo
De fome á porta dos padeiros, quebre
O povo a cara p'ra alcançar bilhete.
Tal milagre entre gente tão diversa
Faz o poeta — Amigo, opera-o hoje.

POETA

Não me falles da turba variegada,
A cuja vista o espirito nos foge.
Esconde-me o tropel tumultuoso,
Que ao abysmo nos quer, máo grado nosso,
Violento arrastar. Tu me transporta
A placido asylo onde somente
Pode pura alegria achar o vate,

Onde o amor e a amisade inundam,
Com mão divina de ventura o peito.
Ai, o que surge então no fundo d'alma,
O que os labios a si murmuram tímidos,
Mallogrado por vezes, outras bello,
Leva-o, devora-o rapido o momento.
Talvez que só depois de longos annos
Acabado e perfeito emfim pareça.
O que só brilho tem, dura um instante,
O verdadeiro bello ao porvir chega.

GRACIOSO

Não me tragam p'ra aqui tempos vindouros!
Supponhamos que eu fallar quizesse
Dos vindouros também; quem divertira
Nossos contemporaneos? Rir-se querem
E tem direito a rir-se. A mim, parece-me,
Que o presente de um homem sempre deve
Ter alguma valia. Quem com graça
Se souber exprimir, não no irritam
Os caprichos do publico; deseja
Numeroso auditorio que mais prompto
Consiga commover. Eia pois, animo!
Mostrai-vos um primor; á phantasia
E seu brilhante sequito dai largas:
Paixões, razão, engenho e sentimento,
Em vossos cantos brilhem; mas cuidado,
Que nelles a loucura também entre.

DIRECTOR

E sobretudo sejam numerosos
Os lances; é p'ra ver que vem o publico,
E na vista acha o maximo deleite.
Se diante dos olhos se desdobra
Abundante espectaculo, que possa
Mirar a multidão boquiaberta,
Larga fama alcançaes, homem bemquisto
Do publico sereis. É só com massas
Que massas movereis. De toda a peça
Escolhe cada um, por fim, aquillo
Que mais lhe agrada. Quem off'rece muito
Pode a muitos um pouco dar, e todos
Se retiram a casa satisfeitos.
Dando uma peça, dai-a já pedaços,
Só com guizado tal fareis fortuna;
É facil de servir, mais facil 'inda
D'imaginar. De que vos serve um todo
Harmonico, perfeito? Fal-o em postas
O publico illustrado.

POETA

E vós não vedes
Como é vil tal mister, quam mal cabido
Em verdadeiro artista? Por modelos,
De certos poetastros os escriptos
Pretendeis inculcar?

DIRECTOR

Essa censura

Molestar-me não pode. Quem deseja
Devéras trabalhar, servir-se deve
Do melhor instrumento. Recordae-vos,
Que tendes de rachar madeira molle,
E para quem escreveis não vos esqueça.
Se fastio aborrido arrasta este,
D'opiparo banquete saciado
Aquelle chega; e, peor inda, muitos
Vem frescos da leitura das gazetas;
Distrahidos nos buscam como iriam
A qualquer mascarada. O que os attrahe
É só curiosidade. As lindas damas
Tambem sem serem pagas representam,
E ostentando galas em 'spectaculo
Ao publico s'off'recem. Da poesia
Lá nas alturas que sonhaes? Pois pode
A chusma d'um theatro compr'ender-vos?
Attento consid'rae os amadores;
Frios são ou grosseiros. 'Stá pensando
Este em jogar, depois de ouvida a peça;
Aquelle espera noite delirante
Nos braços d'uma moça. P'ra tal gente
Não deis ás musas tratos, pobres tolos!
Digo-vos eu, mettei cousas infindas
Na vossa obra, e mais e mais ainda,

Que não podeis assim do alvo ir longe.
Os homens confundir buscai somente
Pois contental-os custa. Oh lá! que é isso?
Enthusiasmo ou dor?

POETA

Busca outro escravo!

O seu direito summo deve o vate,
Direito de homem da natura havido,
Por tua causa violar ousado?
Por que meios commove os peitos todos?
Por que meios domina os elementos?
Não é pela harmonia que lhe mana
Do fundo d'alma, e o coração lhe liga
Ao immenso Universo? Quando solta
Descuidosa do fuso a natureza
O fio eterno e longo, quando a turba
Discorde sôa dos confusos seres,
Quem em partes harmonicas divide
Essa torrente e a compasso a move,
Infundindo-lhe vida? Quem consagra
Aos olhos do Universo o individuo,
E em grandiosos cantos o celebra?
A furia das paixões quem desenfrêa?
Quem accende na mente austera e grave
O fulgor do poente, quem desparge,
Da primavera as dadivas mimosas
Sobre as pégadas da adorada amante,

E d'umas folhas verdes sem valia
A c'roa tece ao merito subido?
Quem nos torna immortaes, nos une aos Deuses?
É a força do homem que sublime
Se revela no Vate.

GRACIOSO

Emprega ella

Esses subidos dotes, e dirige
Os assumptos poeticos qual corre
Aventura d'amor. Topam-se acaso,
Sentem, speram, e pouco e pouco envolvem-se
Nos laços da paixão; cresce a delicia,
Tropeços surgem; eil-os abrazados
D'amor, mas sobrevem-lhes dor, pezares,
E sem por isso darem, compozeram
Um perfeito romance. Similhante
O vosso drama seja. Eia! talhai-o
Em plena vida humana! Os homens todos
A vivem, mas bem poucos a conhecem,
E se bem a pilhaes sois int'ressante.
Em variados quadros luz pequena,
De verdade um vislumbre entre mil erros,
Assim se faz o liquido que o mundo
Edifica e alegre. Então se apinha
Ante vossa comedia, dos mancebos
A mais brilhante flor, ouvindo attenta
Vossas revelações, e della sugam

Melancolico pasto as almas ternas.
Agora este se move, agora aquelle
E todos veem o que no peito escondem.
Inda podem mover-se a pranto ou riso,
Os arrojos do genio inda respeitam
E brilhante apparencia lhes agrada.
Já não ha contentar um homem feito,
Mas sempre vos é grato o adolescente.

POETA

Pois esse tempo restitue-me em que era
Adolescente eu mesmo, e caudalosa
Fonte perenne de canções manava
Sem cessar de meu peito; densa nevoa
O mundo m'involvia e maravilhas
Promettia o botão desabrochando,
Quando as flores innumeradas colhia
Que nos valles frondosos vecejavam.
Opulento me cria; nada tendo
Mais que amor da verdade, e doce apego
Ás illusões da vida. Esses impulsos
Ardentes, livres, restitue-me agora;
Dá-me os deleites fundos e pungentes,
A força de odiar, de amar a força,
Oh torna-me de novo á mocidade!

GRACIOSO

A mocidade has tu mister, amigo,

S'inimigos na p'leja te acozzarem,
Se donzellas gentis com doce força
Pendurar-se vierem do teu collo;
Se da carreira o premio que se ganha
A custo, acena da longiqua meta;
Quando depois de valsas doudejantes
Em orgia ruidosa as noites passam;
Mas com graça e vigor, vibrar da lyra
As sonoras cordas, e um alvo,
Em que o fito pozestes, ir buscando
Por intrincadas, deleitosas sendas,
Eis vossa missão, velhos, que por isso
Menos não respeitamos. Não nos torna
Como é ditado, infantes a velhice;
Inda meras creanças vem achar-nos.

DIRECTOR

Já palavras de mais tendes trocado,
E ver emfim acções tambem desejo.
O tempo que gastaes em cumprimentos
Pode em cousa mais util empregar-se.
Fallar d'inspiração pouco aproveita,
Nunca ao homem que teme ella apparece,
Se vos daes por poetas, que a poesia
A vosso mando ceda. O que é preciso
Já de mais o sabeis, licor bem forte
Desejamos beber; pois sem demora
Nol-o dae preparado. Não se cumpre

Amanhã o que hoje não for feito,
E nem um dia só perder se deve.
Um homem resoluta, do possível
Lança mão com ardor, fugir não o deixa,
E na empreza prosegue, até findal-a.
Sabeis que cada um nos nossos palcos
Exp'rimenta o que quer; pois neste dia
Prospectos não poupeis nem machinismos.
Da lua e sol servi-vos, e aos centos
Espalhae as estrellas. Fogo e aguas,
Rochedos, bosques, passaros não faltem.
Do bastidor no acanhado espaço,
A criação inteira se desdobre,
E caminhae, com rapidez medida,
Pela terra e o ceu ao fundo inferno.

PROLOGO NO CEU

O Senhor, as phalanges celestes, depois Mephistopheles.

(Os tres archanjos entram)

RAPHAEL

Sua antiga harmonia o sol unindo
D'irmans esferas ás rivaes canções,
A carreira prescripta vai seguindo
Com sonoro estampido de trovões.
Aos anjos fortalece o seu aspecto,
Embora concebê-lo ninguem possa;
Como é grande, Senhor, inexcrutavel
Qual no dia primeiro a obra vossa!

GABRIEL

E rapida, e tão rapida que espanta
Em toda a sua pompa gira a terra;

Do paraiso a luz alterna santa,
Com densa noite que de escura atterra ;
Rebenta o mar em vagas espumantes
Ao pé das rochas com bramir profundo,
E rochedos e mar são arrastados
Na carreira veloz que arrasta o mundo.

MIGUEL

E tempestades voam furiosas
Do mar ás terras e da terra aos mares,
Uma corrente formam poderosas
Que té o fundo penetra o solo e os ares ;
Pelo trilho do raio chammejante,
A lavareda brilha assoladora,
Mas teus servos, Senhor, fieis adoram
De tua luz a marcha creadora.

TODOS TRES

Aos anjos fortalece o vasto aspecto,
Embora conceber-vos ninguem possa,
Como é grande, Senhor, inexcrutavel.
Qual no dia primeiro a obra vossa.

MEPHISTOPHELES

Pois que, Senhor, de novo te approximas
E como vão no mundo me perguntas
As cousas, tu que sempre com agrado
Me recebeste ; aqui me tens agora

No meio de teus famulos. Perdoa,
Não sei usar de phrase altisonante,
Embora de mim zombe est'assembléa.
Minha emphase ao riso te movera
Se do riso não foras desaffeito.
Do sol fallar não sei nem das espheras,
Vejo só como os homens se affadigam.
O Deusinho do mundo é sempre o mesmo
E tão extravagante como era
Em seu primeiro dia. Mais ditoso
Vivera, se da luz celeste um raio
Lhe não houvesse dado. Denomina-o
Razão e só lhe serve de tornar-se
Mais que os brutos brutal. Acho que imita,
Dê-me licença vossa senhoria,
As inquietas, garrulas cigarras
Que saltam, pulam, esvoaçam, correm
E de novo repetem lá na relva
Seu antigo gritar. Se nella ao menos
Socegado ficasse! Não ha lixo
Em que o nariz não metta.

O SENHOR

Que contar-me
Outra lôa não tens? Sempre queixumes!
Nunca ha de na terra existir cousa
Que contentar-te possa?

MEPHISTOPHELES

Senhor, nunca.

Máo deveras é tudo como sempre ;
Em seus dias de dor causam-me os homens
Tal pena que nem posso atormental-os.

O SENHOR

Fausto conheces ?

MEPHISTOPHELES

O Doutor ?

O SENHOR

Meu servo.

MEPHISTOPHELES

Maneira singular tem de servir-vos,
Por minha fé. Não é terreno o pasto
Desse insensato; impelle-o á immensidade
Agitação secreta, e consciencia
Tem de sua loucura. Aos ceus inveja
As mais bellas estrellas, e da terra
Os gosos summos alcançar cubiça,
E quanto perto tem, quanto affastado,
O inquieto peito não lhe acalma.

O SENHOR

Se no erro involvido inda me serve,

Hei de prestes guial-o á claridade.
Quando ao nascer a arvore verdeja,
Conhece o hortelão que flor e fructo
Em seus annos futuros ha de dar-lhe.

MEPHISTOPHELES

E quanto apostais vós qu'inda se perde,
Se licença me derdes de leval-o
Suavemente pelo meu caminho?

O SENHOR

Em quanto elle viver vida terrena
Não te é prohibido exp'rimental-o.
Está sujeito a errar enquanto lucta
O homem.

MEPHISTOPHELES

Agradeço-vos, pois nunca
Soube haver-me com mortos. O meu gosto
São rubicundas e sadias faces,
Cadaveres não quero; faço o mesmo
Que o gato com o rato.

O SENHOR

Eu t'o entrego!
Esse espirito arreda da primeira
Origem sua e se vencel-o podes,
A tua senda tortuosa o guia;

Mas de pejo te cobre se te é força
Confessar que lidando em treva escura,
Sente o homem honrado o bom caminho.

MEPHISTOPHELES

Ora bem! Muito tempo não preciso,
Desta aposta que fiz nada receio.
Se meu intento logro, tu permite
Que cante em altas vozes o triumpho.
Qual a famosa serpe, minha tia,
Ha de comer com gosto o pó da terra.

O SENHOR

Poderás nisso andar a teu talante;
Nunca a teus semelhantes odio tive.
De todos os espiritos que negam
O velhaco me é menos pesado.
Affrouxa o homem prompto a actividade
E em molle indolencia se deleita,
Porisso companheiro dar-lhe folgo
Que o excite e punja, e tome parte
Da criação na obra, como démo.
Mas vós de Deus a verdadeira prole
Da belleza gosae fecunda e viva!
D'amor nos doces laços vos involva
A substancia que eterna vive e obra,
Fixae com pensamentos perduraveis
O que fluctua em vagas apparencias.

(Fecha-se o ceu, os archanjos separam-se)

MEPHISTOPHELES (só)

Lá de tempos a tempos me divirto
Com visitar o velho e tomo tento
Em não romper com elle. É mui bonito
Da parte de senhor tão poderoso
C'o diabo fallar humanamente.

PRIMEIRA PARTE DA TRAGEDIA

NOITE

FAUSTO

*(Numa camara gothica, alta, abobadada e estreita,
inquieta sobre um assento junto da banca)*

Philosophia, leis e Medicina,
Theologia até, com pena o digo,
Tudo, tudo estudei com louco empenho!
E eis-me aqui agora, pobre tolo,
Tão sabio como d'antes! É verdade
Que sou mestre, doutor, e ha já dez annos
Que discipulos levo a meu talante
Á esquerda, á direita, ao sul ou norte.
Mas conheço que nada nós sabemos!
Roc-me isto o coração! Sinto-me acima
De mestres e de padres e de escribas,
Não me perseguem duvidas nem 'scrupulos,
Nem do demonio ou do inferno hei medo;

Mas tambem nunca tenho um'hora alegre!
Nem chego a imaginar que haja sciencia
Em que devéras creia, nem que saiba
Cousa alguma ensinar que aos homens sirva,
E convertel-os possa ou melhoral-os.
Tambem não possuo eu nem bens, nem ouro,
Nem grandezas ou glorias deste mundo;
Um cão não supportára uma tal vida!
Por isso me entreguei todo á magia
Para ver se do espirito as potencias
Alguns arcanos revelar-me podem,
Por que não haja com suor amargo
D'ensinar o que ignoro; o que sustenta
Do mundo o interior conhecer logre,
Veja as forças activas, veja as causas
E cesse o traficar com vans palavras!

Seja a vez derradeira, oh luz da lua,
Que vês o meu penar! Já nesta mesa
Tanta noite o velei. Sobr'estes livros
Sobr'os papeis, amiga melancholica
Me appar'cias então. Podesse ao menos
Á tua cara luz nos altos montes
Correr, ir com espiritos em torno
Das grutas revoar das serranias,
Ao crepusculo teu, vagar nos prados,
Da angustia do saber emfim liberto
Ir banhar-me sarado em teu rocio.

Horror! Inda no carcere encerrado!
Oh caverna maldicta, tenebrosa,
Aonde a propria luz do ceu tão chara,
Por vidraças de côr penetra turva!
De livros por acervos estreitada,
Que roem vermes e a poeira alastra,
D'affumados papeis té a alta abobeda
Toda coberta; de redomas, vidros,
D'instrumentos pejada, accumulados
Aqui d'avós os carcomidos moveis —
Teu mundo é isto? Chama-se isto um mundo?

E perguntas ainda porque ancioso
Teu coração no peito se confrange,
E occulto soffrer inexplicado
A energia vital em ti comprime?
Em logar da vivente natureza,
Em cujo seio Deus creou os homens,
Rodeam-te entre a podridão e o fumo
Sómente ossadas nuas e esqueletos.

Foge, eia, foge pela vasta terra!
E este livro de mysterios cheio,
Da propria mão de Nostradamo 'scripto
Não te será bastante companhia?
O curso então entenderás dos astros,
E se mestra te fôr a natureza,
Sentirás elevar-se a força da alma

Vendo como os espiritos se fallam.

Debalde aqui meditação esteril

Os sagrados signaes explicar tenta;

Que junto a mim voais conheço, espiritos,

Respondei pois, se vos é dado ouvir-me.

(Abre o livro e olha o signo do Makrokosmo)

Ah! que deleite, a vista tal, s'estende

De subito por todos os sentidos,

E prazer juvenil, sagrado gosto

Té á medulla ardentes me penetram!

Seria um Deus quem desenhou taes signos,

Que a interna tormenta em mim serenam,

O pobre coração de paz me enchem

E com myst'rioso impulso patenteam

Em torno a mim as forças da natura?

Serei eu Deus? Tão claro se me torna

Tudo; e patente nestes puros traços

Vejo ante mim a natureza activa.

Agora comprehendo a voz do Sabio:

«Não 'stá cerrado o mundo dos espiritos,

O coração tens morto e o pensamento!

Eia, discipulo, o terreno peito

No rubor da manhã banha incansavel.»

(Contempla o signo)

Como tudo no todo vai fundir-se,

E actuam e vivem uns nos outros

Os seres! Como baixam e remontam,
De mão em mão passando-se aureos vasos,
Com vô abençoado empyreas forças
Que do ceu pela terra penetrando,
Harmonia no mundo infundem todas!

Espectaculo immenso! mas que apenas
Espectaculo é. Natura infinda,
Onde posso palpar-te? Vós oh peitos,
Da vida universal perennes fontes,
Donde o ceu e a terra estão pendentés,
A que os labios mirrados chegar buscam,
Manaes, amamentaes e em vão anceio!

*(Folhea com tristeza o livro e vê o signal do
Espirito da terra)*

Como este signo em mim diverso influe,
Tu, oh genio da terra, estás-me proximo!
Já minhas forças mais pujantes sinto,
Ardo como de mosto embriagado;
Animo sinto d'arrojar-me ao mundo,
Da terra os gozos partilhar e as penas,
Luctar co'a tormenta, e ao estrondo
De naufragio cruel suster o rosto!

Innuvia-se o ar — a lua esconde
A luz — desmaia a lampada — vapores
Eis surgem — Eis fuzilam rubros raios

De minha frente em torno. Da alta abobada
Desce um pavor que me penetra todo!
De mim proximo voas, sinto-o, sinto-o,
Oh desejado espirito. — Revela-te!
Ah como o seio se me rasga! Como
Por novas sensações os meus sentidos
Todos anceam. A ti todo entregue
Sinto meu coração. Alfim mostrar-te
É força, embora a vida isso me custe!

*(Toma o livro e pronuncia mysteriosamente o signo
do espirito. Reluz uma chamma avermelhada. O
espirito apparece na chamma)*

ESPIRITO

Quem me ousa evocar?

FAUSTO *(desviando o rosto)*

Semblante horrendo!

ESPIRITO

Com força me attrahiste, á minha esphera
Longo tempo aspiraste, e agora —

FAUSTO

Sinto

Que teu aspecto supportar não posso!

ESPIRITO

Por olhar-me de perto, ancioso choras,

Por escutar-me a voz, por vêr-me a face;
De tu'alma ao clamor possante acudo
E eis-me aqui! Que miseravel mêdo
De ti, mais que homem, se apodera? Onde
Está da alma o grito, aonde o peito
Que em si pôde crear, suster um mundo,
Que intumeceu, tremendo de alegria,
Té elevar-se á altura dos espiritos?
Onde estás, Fausto, a quem ouvi os brados
E aspiraste a mim co'as forças todas?
És tu que de meu ha'bito cercado,
Qual encolhido verme, temeroso,
De teu ser até o intimo estremeces?

FAUSTO

Hei-de ceder-te a ti, vulto de chammas?
Sou eu, sou Fausto, teu igual me julgo.

ESPIRITO

No mar da vida, no volver dos factos,
Abaixo, acima boio,
Aqui e alli vagueio!
A morte, o nascer,
Um pelago eterno,
Tecido cambiante,
Brilhante viver,
Assim do tempo no tear ruidoso,
Vivente manto á divindade teço.

FAUSTO

Tu que o mundo vastissimo circumdas,
Quam perto sou de ti, potente espirito.

ESPIRITO

És igual ao espirito que entendes,
A mim não!

(desapparece)

FAUSTO *(cahindo por terra)*

A ti não? a quem pois posso
Egualar eu, da divindade imagem,
Se nem a ti?

(Batem)

FAUSTO

Oh mortal! eis o meu famulo!
Em nada se tornou meu summo encanto!
Ha de vir perturbar este importuno,
Este seccante, apparições tão plenas!

WAGNER

*(De chambre e barrete de dormir, com um candieiro
na mão; Fausto volta-se contrariado)*

WAGNER

Perdoae, mas ouvi que declamaveis;
Lieis talvez uma tragedia grega?

Dess'arte um pouco eu aprender quizera,
Pois possui hoje em dia grande peso.
Ouvi dizer que bem podia um comico
A qualquer prégador servir de mestre.

FAUSTO

Sim, póde ser, se o prégador for comico.

WAGNER

Ail quem vive encerrado em sua cella,
E só lá n'um Domingo avista o mundo,
E mesmo assim de longe, por um oculo,
Mal póde a arte ter de convencel-o!

FAUSTO

Se a fundo não sentís, jámais a tendes,
Se do intimo d'alma vos não brota
E com espontanea, poderosa força,
Os corações não vence dos ouvintes.
Estudae sem cessar, grudae palavras,
Dos restos d'outrem cosinhae um prato,
Do acervo de cinzas que juntardes
Chammas mesquinhas assoprae a custo!
Pasma sereis de bobos e creanças,
Se ao vosso paladar isso se ageita;
Mas corações não ganhareis vós nunca,
Se o proprio coração vos ficar mudo.

WAGNER

Porém a exposição faz a fortuna
Do orador; comquanto bem o sinta
Longe estou d'alcançal-o.

FAUSTO

Lucro honesto
Buscae sómente, e não façaes de bobo
Cascaveis agitando. O senso recto,
O claro entendimento, por si mesmos
Sem muit'arte s'expoem. Pois se tiverdes
Que dizer cousas serias, é preciso
Excogitar palavras? Sim, os vossos
Discursos reluzentes, ostentando
Ante os ouvintes enfeitados nadas,
Aridos são como o vento d'outomno
Que nas folhas mirradas rumoreja.

WAGNER

Valha-nos o Senhor, a arte é longa
E nossa vida curta. Angustiadados
Peito e cabeça em meus trabalhos criticos,
Bastas vezes eu sinto. Quanto custa
Os meios conseguir que ás fontes guiam!
Inda um pobre diabo não alcança
Da senda o meio, quando o leva morte.

FAUSTO

É pergaminho o manancial sagrado
Donde brota p'ra a sede eterno liquido?
Se te elle não manar da propria alma
Conforto não terás.

WAGNER

Perdoae; delicia
Infinda é ao espirito dos tempos
Poder-se transportar, vêr como antes
De nós pensaram sabios e quam longe
O progresso recente altivo chega.

FAUSTO

Bem longe, sim, té ás proprias estrellas!
Os tempos que passaram, meu amigo,
Um livro são p'ra nós de septe sêllos;
O que chamaes espirito dos tempos
D'alguns senhores vem a ser o espirito,
Em que os tempos s'espelham. Muitas vezes
Lastima é, de que á primeira vista
Enojado se foge. Ou vil monturo,
Ou pejado armazem de velhos trastes,
Ou solemne e gravissima comedia,
Com excellentes maximas pragmaticas,
De titeres na boca bem cabidas!

WAGNER

Porém o mundo, a mente e o peito humano
Quem não desejará vir a entendel-os?

FAUSTO

Pois sim; aquillo que entender se chama!
Quem sabe o proprio nome dar ás cousas?
Aquelles que jámais o comprehenderam
E que insensatos, descobrindo o peito,
Pensar e sentimento á turba abriram;
Na fogueira e na cruz o tem expiado.
Amigo, desculpae, vai alta a noite,
É mister desta vez interromper-nos.

WAGNER

Velara de bom grado ind'algun tempo
Só por tão doutamente conversar-vos,
Mas amanhã, santa manhã de Paschoa,
Uma ou outra pergunta permitti-me.
Com zelo ao estudar me hei dedicado,
Sei muito, mas quizera saber tudo.

(sahe)

FAUSTO (só)

Como não foge toda a esp'rança á mente
Que á apparencia insipida se apega,
Que com avida mão busca thesouros
E satisfeita fica, achando vermes!

De tal homem a voz resoar ousa
Onde espiritos mil me circumdaram?
Mas aíl que desta vez graças te rendo,
Tu dos filhos da terra o mais mesquinho.
Vieste arrebatat-me ao desespero,
Que a razão destruir-me ameaçava.
Ai, que a apparição foi tão gigante,
Que misero pigmeu me achei ante ella!

Eu imagem de Deus, que me achei proximo
Da verdade eternal ao claro espelho,
Que do meu ser gosei na luz etherea,
Despojado do involucro terrestre;
Eu mais que cherubim, que a activa força,
Cheio d'aspirações, já me arrojava
A diffundir nas veias da natura;
Vida divina no crear gosando:
Bem caro o expiei, tão alto sonho,
Uma voz de trovão lançou-me ao longe.

Comtigo de egualar-me ousar não posso.
Se a força de attrahir-te me foi dada,
Para reter-te falleceu-me a força.
No ineffavel sentir daquelle instante,
Tão pequeno e tão grande me sentia;
Tu, cruel, repellindo-me, arrojaste-me
Do commum dos mortaes á sorte incerta!
Quem me ha de ensinar? Que fugir devo?

Áquelle impulso obedecer me cumpre?
Ai, que nossas acções, quaes nossos males,
De nossa vida á marcha põem tropeços.

Ao mais bello do que concebe o espirito,
Sempre estranha materia vem mesclar-se.
Quando o Bom desta vida nos é dado,
Chamamos o Melhor, fallaz engano.
Os altos sentimentos que nos deram
Vida, se gelam no lidar terreno,
Essa imaginação que outr'ora ousara
Com atrevido vôo aos ceus subir-se,
De pouco espaço se contenta agora,
Pois que do tempo na voragem funda,
Uma apoz outra esp'rança naufragaram.
O cuidado no fundo peito aninha-se,
Inquieto se agita, e o socego
E o doce prazer, de vario aspecto
Revestido perturba; ora da esposa
A apparencia tomando, ora do filho,
E do paterno lar; ou qual incendio
Ferrô ou peçonha, ou furiosas aguas;—
Ante o que te não fere, tremes medroso,
E o que não perdes, é mister que o chores.

Os Deuses não egualo! sinto-o a fundo;
Qual o verme sou eu que o pó revolve,

Que vivendo no pó, delle nutrido,
Do caminhante o pé mata e soterra.

Pois não é pó o que nestas paredes
Em tantas prateleiras me suffoca?
O lixo que nest'antro carunchoso
Cheio de mil velorios, me comprime?
Hei d'aqui eu achar o que me falta?
Hei de talvez ir lêr em mil volumes
Que em toda a parte os homens padeceram,
Que aqui e alli, houve um feliz entr'elles?
Com teu rir descarnado tu, caveira,
Que me dizes senão, que em outro tempo,
Como o meu delirou teu pobre cerebro,
A luz do dia procurou, com vasto
Desejo de verdade, e vagou triste
Em deprimente, lugubre crepusculo!
Com essas molas, rodas, alavancas
Escarneceis de mim, vós instrumentos.
Ante as portas estive a que devieis
Servir de chaves; ingenhoso é certo
O mecanismo vosso, mas correl-o,
O pesado ferrolho, não soubestes.
Amante do mysterio, á luz do dia
Não deixa despojar-se a natureza
Do seu escuro veu, e o que ao espirito
Não quizer revelar-te, nem com helices
Lh'o arrebatas, nem com alavancas.

Antigos utensilios, que não uso,
Jazeis aqui porque a meu pae servistes;
E tu, polé vetusta, ennegreceste
Tanto ha que na banca tem ardido
A amortecida lampada. Mil vezes
Antes a pobre herança haver disperso,
Do que penar aqui com este pouco
Opprimido. O que herdámos d'avoengos
É mister que o gosemos p'ra ser nosso!
O que não se aproveita é grave carga,
E só nos serve o que o momento off'rece.

Mas porque sinto a vista acolá presa?
Aquelle frasco é para os olhos iman?
Porque de subito uma luz m'inunda,
Doce como a da lua em denso bosque?

Eu te saúdo, singular redoma,
Que respeitoso para baixo tiro!
Sciencia, e arte humana em ti venero.
Tu essencia dos succos soporiferos,
E das forças lethaes supremo extracto,
A teu senhor te mostra favoravel!
Vejo-te e meu soffrer tem lenitivo,
Toco-te e já serena o meu aneio,
Do espirito as vagas tranquillizam-se.
Ao alto mar me sinto transportado,

Brilha a meus pés das ondas o espelho,
Uma luz nova attrahe-me a novas praias.

Carro de fogo para mim fluctua
Com ligeiro oscillar. Sinto-me prompto
Por novo trilho à penetrar o Ether,
Té á 'sphaera da pura actividade.
Este alto viver, prazer de Deuses,
Verme ind'ha pouco, julgas tu mer'cel-o?
De certo, ousa sómente desta terra
Ao adorado sol voltar as costas!
Ousa romper com energia ardente
As portas que tremendo os mais evitam!
Agora é tempo de provar com factos,
Que dos Deuses não cede á magestade
A dignidade do homem, arrostando
Com ess'antro terrivel em que a mente
De si mesma a tormento se condemna,
Té a passagem penetrando estreita,
Em torno a cuja boca ruge o inferno;
E ousando transpol-a hardidamente,
Embora em risco de passar ao Nada.

Vem tu agora, crystallino calix,
Teu velho estojo para sempre deixa,
De mim ha tantos annos olvidado!
Nos paternos festins brilhaste alegres,
E os convivas sisudos excitaste,

Quando de mão em mão passavas cheio.
De teus ornatos a riqueza artistica,
Do conviva o dever de descrevel-os
Em rima, e teu licôr beber de um golpe,
Noites dê juventude á mente trazem.
A mão amiga não te passo agora
Nem meu ingenho em descrever-te ostento:
Bebida é esta que embriaga prompto,
Com ondas pardas o teu seio enche.
Este ultimo trago, preparado
E escolhido por mim, beber desejo
Como brinde festivo, saudar ledô,
Do fundo de minh'alma á manhã bella!

(põe á boca o calix)

(Repiques de sinos — CÓROS —)

CÓRO DOS ANJOS

Resurgiu Christo!
Jubilo, mortaes,
Que perniciosas,
Occultas, damnosas
Faltas herdaes.

FAUSTO

Que profunda surpresa, que som claro
Com força o calix de meu labio arreda?
Já vós annunciaes, oh campanarios,

Da gran festa paschal a hora primeira?
O consolador hymno entoaes, coros,
Que de labios angelicos na noite
Do sepulchro soou, nova alliança
Confirmando do homem com o Eterno?

CORO DAS MULHERES

Com myrrha e aromas
O embalsamámos,
Em pannos alvissimos
O amortalhámos,
Nós suas fieis
Aqui o sepultámos;
Ai de nós que o Christo
Já não encontramos,

CORO DOS ANJOS

Resurgiu o Christo,
Bemdicto o amor,
A que a provação
Que turva a razão,
Não quebra o fervor.

FAUSTO

Porque desceis ao pó para buscar-me
Vós, oh hymnos do ceu, meigos e fortes?
Ide soar onde ha corações brandos.
A boa nova ouço e falta a crença;

O milagre é da crença o filho amado.
Não me atrevo a aspirar a essas espheras
Onde retumba a nova abençoada;
E comtudo a este som, da infancia affeito,
Sinto-o agora revocar-me á vida.
Outr'ora do amor divino o osculo,
Do dia do Senhor nas horas graves,
Descia sobre mim; do campanario
O tanger tão presago me soava
E era uma oração, almo deleite;
Um ineffavel mas bem doce aneio
A vaguear nos bosques m'impellia,
E por entre mil lagrimas ardentes,
Sentia-me surgir no peito um mundo.
Da juventude os jogos prazenteiros
Annunciava est'hymno, o prazer livre
Da louçan primavera; ora saudosas
Recordações e um sentir d'infante,
Do passo ultimo e grave me desviam.
Resoae, resoae, celestes hymnos!
Lagrimas verto, recobrou-me a terra!

CORO DOS DISCIPULOS

Já o sepultado
Vivente, exaltado
Aos ceus remontou;
A vida já gosa,
No crear s'encerra;

E nós, ai, fazemos
Mesquinhos 'na terra.
A nós que seus somos
Saudosos deixou;
Tua dita, oh mestre,
Quem não invejou!

CORO DOS ANJOS.

Resurgiu Christo,
A morte venceu;
Exultae que a todos
Liberdade deu.
Vós que o louvaes,
Amor lhe mostraes,
Aos irmãos valeis
E prégando andaes,
Salvação é o premio
Que o mestre dá,
Exultae que sempre
Com vosço estará.

Diante das portas da cidade

(Sahem passeantes de toda a casta)

OPERARIOS

Para que vão vocês por esse lado?

OUTROS

Vamos além, do caçador á casa.

OS PRIMEIROS

Nós cá vamos andando até o moinho.

UM OPERARIO

O meu conselho é ir té a cascata.

OUTRO

O caminho p'ra lá não é bonito.

OS SEGUNDOS

O que fazes então?

TERCEIRO

Sigo com os outros.

QUARTO

Vamos antes á aldêa; achamos certo
Excellente cerveja, bellas moças
E tambem o melhor divertimento.

QUINTO

Tu, meu grande ratão, comem-t'as costas
Pela terceira vez? Lá nesse sitio
Não gósto de brincar, tenho meu medo.

CREADA DE SERVIR

Nada, não quero, p'ra a cidade torno.

OUTRA

Achamol-o de certo lá nos alamos.

A PRIMEIRA

Que me faz isso a mim? Põe-se a teu lado,
Só contigo é que dança lá na eira;
Que parte tenho eu nos teus namoros?

A OUTRA

Fica certa que hoje só não anda;
Disse-me que o amigo também vinha.

ESTUDANTE

Apre, como se mexem estas moças!
Amigo, chega cá, vamos segui-las.
Cervejasinha forte, bom tabaco,
Uma boa pequena, eis o meu gosto.

RAPARIGAS DA CIDADE

Olha, pois tu não vês esses rapazes!
É mesmo uma vergonha; ter podiam
Tão boa companhia, e vão correndo
Apoz daquella gente, de creadas!

SEGUNDO ESTUDANTE (*ao primeiro*)

Anda mais devagar, vem atraz duas
E muito bem vestidas, a vizinha
Lá vem de quem eu gosto; muito séria,
Mas acceitam-nos certo a companhia.

PRIMEIRO

Nada, meu charo amigo, isso é massada.
Depressa, não nos fuja a outra caça;
A mão que uma vassoura empunha ao sabbado,
Com mais carinho affaga no Domingo.

BURGUEZ

Cá a mim não me agrada o Burgomestre:
Agora des que o é, faz-se atrevido
E cada dia mais. Pela cidade
O que tem elle feito? A peor vae tudo:
Força é obedecer mais do que nunca,
E tambem ir pagando mais que outr'ora.

MENDIGO (*canta*)

Minhas bellas senhoras, meus senhores,
Tão bem vestidos, de tão bom par'cer,
Dignai-vos de olhar as minhas dôres,
Vêde e alliviae meu padecer!
Não seja vão meu supplice cantar,
Dá de bom grado o coração contente.

Esmolas fartas espero eu juntar
Em dia que festeja toda a gente.

OUTRO BURGUEZ

Nada melhor conheço em dias santos
Do que é conversar sobre batalhas,
Quando longe de nós lá na Turquia
Os povos entre si brigam raivosos.
Põe-se a gente á janella, bebe um copo,
Vê correr rio abaixo as barcas cheias,
E volta á noite para casa alegre,
Paz e tempos de paz abençoando.

TERCEIRO BURGUEZ

Visinho, tem razão, assim eu penso:
Abram-se embora os outros as cabeças,
Façam andar lá tudo em polvorosa,
Mas cá por casa fique tudo á antiga.

VELHA (*ás raparigas*)

Eia, como vão secias as meninas!
Quem não ha de ficar de boca aberta?
Mas nada de soberbas, ora escutem
Arranjar-lhes eu posso o que procuram.

RAPARIGA BURGUEZA

Agueda, vamos! tenho um medo immenso
De na rua fallar com bruxas destas.

Noite de Santo André mostrou-me aquella
O meu futuro amante, em corpo e alma.

A OUTRA

E o meu me fez vêr em crystal puro,
Á militar, com muitos companheiros;
Olho p'ra toda a parte, miro a todos,
Mas até hoje não logrei encontral-o.

SOLDADOS

Castello roqueiro
De muros altivos,
Donzella formosa
De modos esquivos,
Quizera ganhar!
É empreza arriscada
Mas bem compensada!

O nosso trombeta
Lá vae recrutar,
É para morrer
Ou para gosar.
Isto é que é viver,
É que é conquistar!
Donzellas e torres
Hão de s'entregar,
É empreza arriscada
Mas bem compensada,

E nós, oh soldados,
Avante marchar!

Fausto e Wagner

FAUSTO

Já de gelo libertos os regatos
E arroios estão, da primavera
Aço quente e vivo sopro. Reverdece
No fundo valle a esp'rança de colheita,
E o gelado inverno já sem força
Ás agrestes montanhas se retira.
Dalli envia, fugitivo, apenas
De saraiva chuveiros impotentes,
Que matizam de branco o verde prado.
Mas essa mesma alvura o sol não soffre;
A creadora força em toda a parte
Opera vigorosa, varias côres
Em tudo renovando; na campina
Faltam flôres ainda, em lugar dellas
Homens tem enfeitados. Dest'altura
Volta-te p'ra a cidade. Variegada
Turba lhe sae da porta escura e funda.
Festejando o Senhor resuscitado
Todos hoje contentes se assoalham;
Pois tambem elles mesmos resurgiram:
Do sombrio recincto das moradas,

De officinas e fabricas que os prendem,
Da compressão dos tectos deprimidos,
Da estreiteza das ruas acanhadas,
Da veneranda noite das Igrejas,
Eil-os todos á luz restituídos.
Olha como ligeira se dispersa
Por campos e jardins a turbamulta,
Como do rio em toda a superficie
Tantas barcas alegres vogam. Cheia
Quasi até se alagar a derradeira
Lá se solta da margem. Nas distantes
Veredas das montanhas serpeando,
Brilham ao longe fatos domingueiros.
Já me chega o rumor que vae n'aldea;
Este é do povo o verdadeiro empyreo,
Grandes, pequenos, satisfeitos folgam;
Aqui sou homem, posso eu aqui sel-o.

WAGNER

Senhor Doutor, o passear comvosco
Não é honra sómente, que é proveito;
Mas confesso que aqui só não quizera
Perder-me, pois detesto quanto é rude.
As musicas campestres, gritos, jogos,
São me profundamente aborrecidos.
Vêde como se agitam quaes possessos
E dizem que é prazer, chamam-lhe festa!

Camponezes debaixo das tilias.

(*Danças e cantares*)

Para o bailarico vestiu-se o pastor
De jaleca nova, de fitas de côr
 Guapo trajar ;
Debaixo das tilias já todos estão
Quaes doidos saltando sobr'o verde chão,
 La la, la la, la
 Lari ra la la la !
 Rabeca a tocar.

Á pressa se chega, e no peito bello
De fresca pastora foi lh'o cotovêlo
 De leve roçar,
A moça mirando-o com ar irritado
Lhe grita, não seja você malcreado,
 -La la la la la
 Larira, la la la,
 Cá vir-se esfregar !

No baile já tudo contente saltava,
Á esquerda, á direita com fogo bailava
 Saias pelo ar ;
De faces accesas as moças arfavam

No braço dos pares repouso tomavam,
La la la la la
Larira la la la!
A bom conchegar.

Não seja comigo você confiado
Que não sou daquellas que tem enganado
Com doce fallar ;
Mas sempre a foi elle p'ra o lado levando,
Debaixo das tilias ao longe soando,
La la la la la
Larira la la la !
Rabeça e gritar.

VELHO CAMPONEZ

Ora, senhor Doutor, mui bem vos fica
Não desdenhardes hoje a nossa festa,
Andar homem tão douto entre este povo.
Pois tomae por favor a bella taça
Que de fresca bebida aqui vos encho.
Bebo á vossa saude e é meu desejo,
Que não só vos mitigue a sede ardente,
Senão que tantos dias Deus ajunte
Aos vossos, quantas gotas leva o copo.

FAUSTO

A bebida que alegre acceito grato,
A vossa saudação a todos torno.

(O povo apinha-se em torno)

VELHO CAMPONEZ

É na verdade cousa mui bem feita
O appar'cer assim n'um dia alegre,
Quem outr'ora p'ra nós, em negros dias,
Certo refugio foi. Aqui estão muitos
Vivos que vosso pai na extremidade,
Soube arrancar á devorante febre,
Pondo termo aos estragos do contagio.
E vós tambem, então ainda mancebo,
Dos enfermos as casas visitaveis;
Mais de um 'cadaver as deixou p'ra sempre
Mas foi-vos dado de escapar illeso,
A duras provas resististe. Auxilio
Divino vos salvou, vós, nosso auxilio.

TODOS

Eia! á saude do provado sabio,
Que muitos annos nos ajude ainda.

FAUSTO

Diante do altissimo curvae-vos,
Que ensina a soccorrer, que manda auxilio.

(Segue com Wagner)

WAGNER

O que não sentes tu, oh grande homem,

Quando honras te rende o povo em chusma !
Feliz quem de seus dotes tal proveito
Pode tirar. O pae aos tenros filhos
Com respeito te mostra, alvoroçada
A turba acode e ávida pergunta :
Emmudecem os cantos, danças param,
Quando tu passas, e formando alas,
Os barretes ao ar atiram todos ;
Por pouco que não cahem de joelhos
Como se vissem vir o Sacramento.

FAUSTO .

Só mais dous passos té aquella pedra ! —
Alli do passear descansáremos.
Muita vez meditei aqui sosinho
E atormentei-me com jejuns e rezas.
Rico d'esp'ranças e na crença firme,
Com lagrimas, suspiros, mãos erguidas,
Julguei o termo em fim daquella peste
Alcançar do Senhor. Como um escarneo
Da turba o applaudir sôa-me agora.
Oh ! se podesses ler dentro em meu peito
Quam pouco filho e pae louvor mer'ceram !
Meu pae, homem de bem, porém obscuro,
Sincero d'intenções, mas a seu modo,
A natureza e sua sacra esphera
Com phantastico ardor investigava ;
Encerrado em cosinha tenebrosa,

Rodeado d'adeptos, e segundo
Receitas infinitas, os contrarios
Procurava fundir. Um leão vermelho,
Pretendente attrevido, desposava
Com o candido lyrio em banho tepido ;
Um e outro depois com viva chamma,
De retorta em retorta transmutava.
No vidro então surgia matizada
A rainha gentil, de varias cores :¹
Era o remedio ; a morte os pacientes
Ceifava ; se algum tivera cura
Ninguem sequer por isso perguntava.
Assim nestas montanhas, nestes valles,
Com drogas infernaes, peores estragos
Do que a peste fizemos. Dei eu mesmo
A muitos o veneno. Succumbiram
E sobrevivo eu, e presencôo
Louvor ao assassino tributado.

WAGNER

Como podeis com isso atormentar-vos ?
Bastante homem não faz quando pratica
Qual lh'a ensinaram cuidadoso a arte ?
Se tu, como mancebo, teu pai honras,
As licções que te der submisso escutas ;
E se depois, já homem, á sciencia

¹ Vide nota no fim.

Um passo fazes dar, tambem teu filho
A maior perfeição leval-a pode.

FAUSTO

Oh feliz, quem a esp'rança nutre ainda
De surgir deste mar immenso de erros!
D'aquillo que não sabe o homem carece
E o que sabe, utilizar não pode.
Mas com tristezas taes não perturbemos.
Dest'hora os dons bellissimos. Contempla
Como no resplendor do sol cadente
Reluzem, rodeadas de verdura,
Essas choças na serra desparzidas.
Recua o astro e cede, o dia acaba;
Mais longe corre o sol dar nova vida.
Oh! não me erguer da terra aza nenhuma
Para seguir traz d'elle sempre, sempre!
Veria em eterna tarde radiosa,
Aos pés tranquillo mundo, as altas serras
Todas em fogo accesas, fundos valles
Em placido repouso, e em veios d'ouro.
O arroio de prata serpeando.
De monte agreste os escarpados corgãos
A divina carreira não sustaram,
Abrir-se-hia o mar co'os seios tepidos
Ao attonito olhar. Lá vai sumir-se
O Deus emfim no seio do oceano;
Mas nova aspiração em mim acorda,

Sigo ávante a beber-lhe a luz eterna,
Tendo o dia ante mim e atraz a noite,
Os ceus sobré a cabeça, aos pés as ondas.
Um bello sonho emquanto o sol s'esvae!
Ai, que ás azas do espirito tão facil
Não hão de associar-se azas corporeas!
E todavia a todo o ser nascido
Acima e ávante impelle o sentimento,
Se sobre nós no espaço azul perdida
Entôa a cotovia o canto agudo,
Se sobre os pinheiraes d'altivas rochas
Paira a aguia estendida, e por lagôas
Ou por plainos o grou procura o ninho.

WAGNER

Horas tenho tambem de phantasia,
Mas d'aspiração tal jamais fui conscio.
De bosques e de prados cedo farto
Nunca invejei aos passaros as azas.
Como o prazer do 'studo outro nos leva
De livro em livro, d'uma a outra pagina!
Assim se tornam bellas, tediosas
Noites d'hinverno e calorosa vida
Os membros nos aquece, e ai, se acaso
Um douto pergaminho desenrolas,
É o céu que sobre ti baixar se digna.

FAUSTO

Só d'uma aspiração tens consciencia
Oh, não queiras jamais sentir a outra !
Duas almas habitam no meu peito
Uma da outra separar-se anream ;
Uma com órgãos mat'riaes se afferra
Amorosa e ardente ao mundo physico ;
Outra quer insoffrida remontar-se
De sua excelsa origem ás alturas.
Oh ! se no vasto ar vagam espiritos
Entre a terra e o ceu regendo o espaço,
Baixem té mim desse dourado ambiente
E a nova, varia vida me transportem !
Ah sim, se fosse meu, magico manto
Que me levasse a terras desvairadas,
Pela mais rica veste o não trocára
Nem por manto de rei, vaidoso o déra.

WAGNER

Não evoques a grei bem conhecida
Que em torrentes no ar anda espalhada,
E de todos os lados aos humanos
P'rigos infindos sem cessar prepara :
Do norte corre o penetrante sopro
Sobre ti com mil linguas aceradas ;
Do oriente vem arido e secco
Teus pulmões devorar ; Já do deserto

Adusto agora os manda o meio dia,
Ardores sobre ardor accumulando ;
Agora veem do Oeste com chuveiros
Que a ti e os campos ao depois inundam.
Faceis escutam de ferir gostosos,
Promptos acodem a enganar affeitos ;
Como vindos do ceu se nos inculcam
E quaes anjos nos fallam, quando mentem.
Ora voltemos, já escurece tudo,
O ar torna-se frio, a nevoa desce,
Horas da noite valem mais em casa. —
Porque páras assim, que olhas attonito ?
O que pode atterrar-te no crepusculo ?

FAUSTO

Vês aquella cão negro como corre
Por searas e estevas ?

WAGNER

Vejo-o ha muito,
De pouca monta me par'ceu ser elle :

FAUSTO

Attenta bem, que julgas tu que seja ?

WAGNER

É um gozo, que a pista de seu dono
A seu modo procura impaciente.

FAUSTO

Pois não reparas que em 'spiral correndo,
De nós em torno, mais e mais se chega?
E um rasto de fogo, se não érro,
Pelo trilho lhe segue?

WAGNER

Nada vejo
Mais que um gozo negro, a vista illude-vos.

FAUSTO

Parece que em subtis, magicos laços,
Prisão futura, nossos pés enreda.

WAGNER

Vejo-o saltar em roda receoso,
Por ver em vez do dono dois extranhos.

FAUSTO

Eis que s'estreita o circulo, approxima-se.

WAGNER

Que phantasma não é já vês, é um gozo.
Hesita, rosna, sobre o ventre roja,
Àgita a cauda — são caninos usos.

FAUSTO

Chega-te'a nós — Aqui!...

WAGNER

É mesmo um gozo:
Se paras, pára elle; se lhe fallas,
Procura marinhar por ti aciña;
Perde seja o que for, virá trazer-t'o
Apoz do teu bastão saltará n' agua.

FAUSTO

Tens de certo razão, rastos não vejo
D'espírito, o que faz é tudo ensino.

WAGNER

Ao cão, se habilmente o ensinaram,
Té o homem prudente se affeiçoa.
De todo o teu louvor de certo é digno
Elle do 'studioso o melhor socio.

(Entram pela porta da cidade)

Quarto d'Estudo

FAUSTO *(entrando com o cão)*

Deixei prados e campinas
Que noite profunda cobre,

Com presago terror santo
Em nós falla a alma mais nobre.
Loucos impulsos repousam,
Cessa a impetuosa acção,
Desperta o amor dos homens
E o de Deus no coração.

Quieto, cão ! Aqui e' alli não corras !
Ahi no limiar que estás cheirando ?
Vae detraz do fogão deitar-te quêdo,
O melhor coxim meu quero offertar-te.
Como lá fóra na vereda alpina
A saltar e correr me divertiste,
O gasalhado meu acceita agora,
Como bem vindo hospede tranquillo.

Ah, quando na estreita cella
Torna a luz amada a arder,
Faz-se claro o intimo d'alma,
Podemos no seio ler.
De novo falla a razão,
De' novo a esp'rança floresce,
Á fonte, origem da vida,
A aspiração em nós creçe !

Não rosnes, cão ! co'os echos sacrosantos
Que em toda minh'alma ora resoam,
Mal se pode casar a voz do bruto.

'Stou costumado a que escarneçam homens
Daquillo que nem mesmo entender podem,
A que do Bello e Bom, que tantas vezes
Tão pesados lhes são, murmurar ousem ;
D'isso resnar pretende o cão como elles ?

Mas ai ! que já com a melhor vontade,
Me não sinto manar a paz do seio.
Porque ha de seccar tão cedo a fonte
E ficarmos de novo ardendo em sêde ?
Tanta exp'riencia d'isto terho tido !
Mas esta falta pode ressarcir-se !
O sobrenatural então prezamos
E de revelação temos cubiça,
Que em livro nenhum tão pura brilha
Como no Evangelho. Vivo impulso
Me leva a compulsar o sacro texto
E o santo original, com sentir puro,
A trasladar no meu allemão charo.

(Abre o volume e prepara-se para escrever)

«No principio era o verbo» vejo escripto,
E aqui já tropeço ! Quem me ajuda ?
Tão alto sublimar não posso o verbo,
Devo d'outra maneira traduzil-o.
Escripto está, se o espirito m'inspira,
Que no principio era o *Pensamento*. —
Medita bem sobre a primeira linha,

Apressada não seja a penna tua ;
Anima, cria tudo o pensamento ?
Devera' estar — era ao principio a *Força*.
No momento porém em que isto escrevo
Diz-me uma voz que aqui não pare. Inspira-me
A final o espirito. Alvitre,
Solução emfim acho : satisfeito
No principio era a Acção escrever devo.

Se te hei de no quarto agasalhar

Deixa os teus ladros, cão,

Cessa de uivar !

Não posso ter tão perto companhia

Que me esteja a inquietar.

É mister que um de nós saía da cella,

Direito de hospede é força infringir ;

Está aberta a porta, podes partir.

Mas que hei de eu ver ?

Pode isto sem arte acontecer,

É sombra ou realidade ?

Torna-se o cão enorme na verdade !

Ergue-se com bravura

Não é esta de cão a figura !

Que phantasma fui ao quarto trazer !

Tem de hippopotamo o par'cer,

As presas temerosas, fogo o olhar.

Certo estou de te domar !

Contra esta do inferno grei tinhosa,
De Salomão a chave é poderosa.

ESPIRITOS (*no corredor*)

Um de nós alli 'stá preso,
Ficae fora, seguil-o é defeso.
Qual o raposo em ferros geme,
Velho lince do inferno alli treme.
Mas cuidado,
Correi daqui, dalli voae;
Subi, baixae,
E eil-o emfim libertado!
Se valer-lhe podeis,
Preso não o deixeis;
Que já de mil modos,
Nos serviu a todos.

FAUSTO

Primeiro, para o monstro debellar,
O quadruplo esconjuro hei de empregar.
Salamandra ha de arder,
Ondina serpear,
Sylpho esvaecer,
Kobolde lutar!¹

Quem os elementos
Não conhecer,

¹ Vide nota no fim.

Seus dotes e forças
Usar não souber,
Jamais os espiritos
Poderá vencer.

Desapparece em chammas,
Salamandra,
Desfaz-te em fresca espuma,
Ondina,
Brilha em fugaz meteoro,
Sylpho,
Caseiro auxilio traze,
Incubo, incubo,
São e a conclusão faze.

Nenhum, inda mal,
Contem o animal;
Os dentes mostrando lá jaz socegado,
Não foi por mim inda devéras tocado.
Ouvirás te juro
Mais forte esconjuro.
Se ao mundo superno
Vieste do inferno,
Olha este signal,
Ante elle se prostram
As hostes precitas.

Já o vejo intumecer co'as cerdas hirtas

Podes tu ler,
Reprobo ser,
O ineffavel,
O increado

Que os ceus inunda de divina luz
E os homens pregaram numa cruz?

Detraz do fogão acolhido,
Qual elephante intumecido,
O espaço enche completo,
Quer se em nevoa dissolver.
Não subas té o alto tecto,
Vem te a meus pés estender.
Vês que não sei de balde ameaçar,
Com fogo bento te vou já queimar.
Não esperes.
A luz que brilha triplice,
Não queiras
De meus meios o maximo provar.

MEPHISTOPHELES.

*(Em quanto a nevoa se dissipa, sae detraz do fogão
vestido de estudante que viaja.)*

Para que é tal bulha? Que serviço
Posso ao Senhor prestar?

5

FAUSTO

Pois isto era
O trapo do novêlo! um estudante
Em trajos de viagem! É p'ra rirmos.

MEPHISTOPHELES

Ao sabio professor os meus respeitos,
Fizeste-me suar e foi devéras.

FAUSTO

Como te chamas tu?

MEPHISTOPHELES

Pergunta fraca
Para quem tal desprezo mostra ao verbo,
Quem, as vans apparencias desdenhando,
Só do ser no mais fundo se deleita.

FAUSTO

De vós outros, amigo, a natureza
Vulgarmente no nome lêr se póde,
Como bem claramente se demonstra
Co'os nomes de demonio ou mentiroso.
Ora pois, quem és tu?

MEPHISTOPHELES

Parte da força
Que tem no mal o intento e o bem só causa.

FAUSTO

Que queres tu dizer com esse enigma?

MEPHISTOPHELES

O espirito sou que sempre nega
E com razão; pois tudo quanto existe
D'exterminio total sómente é digno,
Pelo que, nada haver melhor seria.
É pois aquillo que chamais peccado,
Ruina, em summa—o Mal—meu elemento.

FAUSTO

Parte te dizes e porém completo
Te contemplo ante mim?

MEPHISTOPHELES

Pura verdade
Te fallo eu. Embora o homem nescio
Geralmente qual todo s' imagine;
Sou parte de uma parte que foi todo,
Uma parte das trévas, que geraram
A altiva luz, que ora á madre noite
A primazia antiga e o vasto espaço
A disputar se atreve. Mas de balde,
Por mais que lide; está ligada aos corpos
Dos corpos irradia, fal-os bellos,
Pode um corpo detel-a na carreira

E antes de muito tempo tenho esp'rança,
Que co'os corpos em fim ao nada torne:

FAUSTO

Conheço agora teu mister honroso !
Nada consegues destruir em grande
E com pequenas cousas só te atreves.

MEPHISTOPHELES

E devéras, com isso pouco faço.
O que se oppõe ao Nada—o Ser—o mundo
Macisso, por mais vezes que o ataque,
Não me é possível o chegar-lhe ao cabo
Com ondas, temporaes nem terremotos;
A final terra e mar ficam tranquillos !
E essa grei maldicta, a eterna raça
D'animaes e de homens, não ha modo
De vir a entrar com ella. Que milhares
Não tenho eu enterrado ! Pois circula
Novo sangue vivaz sempre incansavel.
Marcha, triumpho a vida, eu enlouqueço :
Das aguas e do ar como da terra,
Saem milhões de germens que prosperam
No humido ou no secco, frio ou calido,
E se p'ra mim a chamma não guardasse,
Nada tivera que me fosse proprio.

FAUSTO

Assim oppões da creadora força
Á salutar acção sempre animada,
O punho do demonio, que debalde
Convulsivo se fecha. Empreza nova
Procura commetter, filho do chaos.

MEPHISTOPHELES

Ainda havemos de vir a corrigir-nos.
Outra vez fallaremos deste assumpto.
É permittido retirar-me agora?

FAUSTO

Não sei porque perguntas. Tenho feito
O teu conhecimento; d'ora avante
Visita-me se queres. A janella
Póde dar-te saída, como a porta,
Ou o cano do fogão se o preferires.

MEPHISTOPHELES

É mister confessal-o, um embaraço
A partida me veda, a garatuja
Alli no limiar.

FAUSTO

O pentagramma
Afflige-te? Ora dize, infernal ente,

Como podeste entrar se te elle expulsa?
Espirito, qual tu, deixa enganar-se?

MEPHISTOPHELES

Repara que não foi bem desenhado;
O angulo que p'ra fóra se dirige
Um pouco aberto está, como vêr podes.

FAUSTO

Desta vez acertou bem o acaso;
És tu meu prisioneiro desse modo?
Fui mais bem succedido do que esp'rava.

MEPHISTOPHELES

Não deu por nada o cão, saltando dentro,
Mas toma agora a cousa um outro aspecto;
Pois não pôde daqui safar-se o démo.

FAUSTO

Mas porque não sáes tu pela janella?

MEPHISTOPHELES

Preceito é do démo e dos espectros,
A saída fazer por onde entraram.
É nos livre o ingresso, mas na fuga
Escravos somos.

FAUSTO

Pois ha leis no inferno?

Acho-o excellente. Pôde então comvosco
Um contracto seguro celebrar-se?

MEPHISTOPHELES

O que se prometter, tel-o-has inteiro,
Em nada te será diminuido.
Não é. contudo p'ra fazer-se á pressa,
Havemos mais d'espaco discutil-o;
Por agora só peço instantemente
Que desta vez me dês livre saída.

FAUSTO

Demora-te inda um pouco, p'ra contar-me
Alguma boa historia.

MEPHISTOPHELES

Agora deixa-me!
Em breve hei-de tornar e então podes
A teu contentamento interrogar-me.

FAUSTO

Em nada te enganei, tu mesmo foste
Enredar-te no laço. Quem tem preso
O démo, não no largue! Tão depressa
O não torna a pilhar assim seguro.

MEPHISTOPHELES

Já que assim o desejas, eis-me prompto

A ficar-te fazendo companhia;
Mas com a condição de distrahir-te,
Como devido é, com minhas artes.

FAUSTO

De bom grado consinto, tens licença,
Mas comtanto que agradem as taes artes.

MEPHISTOPHELES

Teus sentidos, amigo, vão nest'hora
Maior prazer gosar que em roda d'anno.
O que os subtis espiritos te cantam,
As fórmãs bellas que a teus olhos trazem,
Van magia não são: tambem o olfacto
Delicias te dará, de finos gostos
Os labios lamberás depois, e a chamma
Doce e viva de amor alfim te abraza.
Não has mister de preparar-te muito;
Promptos estamos, começae vós outros.

ESPIRITOS

Rasgae-vos, escuras
Abobadas altas,
Penetre ridente,
Em onda fremente,
O ether aqui.
Despersa das nuvens
A densa negrura,

Estrellas scintillam,
Soes de mais doçura
Reluzem alli.
Oh anjos celestes,
Bellezas ideaes,
Em circ'lo ondeante
Voando passaes.
Attração potente
Mais longe vos chama.
Das vestes brilhantes
Pendientes grinaldas,
Revestem as faldas
Dos montes, as grutas
Aonde p'ra sempre,
Com doces pensares,
Amantes s'entregam,
Futuros pesares
De todo esquecendo.
Os cachos dourados
No fundo lançados
Já são do lagar,
Já corre em torrente
O vinho espumante,
Por leito brilhante
De pedras preciosas;
Atraz de si deixa
As rochas altivas,
Indo as ondas vivas

Em lago espraiaar.
Virentes outeiros
As ribas formosas
Lhe vem circumdar.
As aves alegres,
Delicias sorvendo,
Ao sol vão correndo,
Ás ilhas ditosas
Que no mar ceruleo
S'embalam mimosas,
Onde soam córos
De cantos sonoros,
Choreas se tecem,
Nas verdes campinas,
Que no livre espaço
De novo se rompem.
Quaes gálgam alturas,
As aguas escuras
Dos lagos quaes cortam,
Quaes voam: e todos
A vida, a distante
Estrella radiante
D'amor vão buscando.

MEPHISTOPHELES

Dorme! Fostes mui bem, aereos sylphos,
Incantal-o soubestes, na verdade!
Por tal concerto devedor sou vosso.

Ainda homem não és que prenda o démo.
Embalae-o com doces phantasias
E em mar d'illusões submergi-o.
Mas p'ra romper do limiar o encanto,
É me mister de rato o dente agudo.
Longo esconjuro não farei, já ouço
Um aqui perto que a meu mando acode.

Dos ratos o senhor e dos morganhos,
Das moscas e das rans, sapos e osgas,
Ordena-te que saías atrevido
E que esta limieira roas como
Se de oleo 'stivera toda untada;
Vamos á obra: o ang'lô que me prende
É o que adiante está mesmo no canto,
Uma dentada mais; 'stá tudo feito.
Agora, Fausto, sonha, até nos vemos.

FAUSTO (*despertando*)

Inda mais uma vez ludibriado!
D'espectros a visão assim termina?
Vi em sonho mentido o proprio démo,
E um cão que trouxera escapuliu-se?

QUARTO DE ESTUDO

Fausto Mephistopheles

FAUSTO

Batem? Entrae! Quem vem atormentar-me?

MEPHISTOPHELES

Sou eu.

FAUSTO

Entrae!

MEPHISTOPHELES

Has-de o dizer tres vezes.

FAUSTO

Pois outra vez, entrae.

MEPHISTOPHELES

Assim agradas-me.

Havemo's de entender-nos, tenho esp'rança.
Para curar-te da melancholia,
Aqui me tens vestido á cavalleira,
De carmezim com passamanes de ouro,
De pluma no chapeu, manto de seda
E ao lado pendente a aguda espada;
Um conselho te dou, sem mais preambulos,
Que vás ataviar-te deste modo,
E livre venhas vêr qual seja a vida.

FAUSTO

Seja qual fôr o trajo, sempre as penas
Hei-de sentir deste viver mesquinho.
Sou já mui velho p'ra brincar sómente,
E muito moço p'ra não ter desejos.
Em que me póde contentar o mundo?

Priva-te, priva-tel eis a lenda eterna
Que aos ouvidos de todos triste sôa;
Que toda a nossa vida, com voz rouca,
Cada hora repete. Com a aurora
Horrorisado acordo; amargo pranto
Sobre o dia derramo que em seu curso
Nem um desejo poderá fartar-me,
Nem um sequer; que o pressentimento
De futuro prazer turva invejoso,
E o crear de minha activa mente
Ha-de empecer, da vida co'as miserias!
Quando á noite no leito vou lançar-me,
Novo soffrer me punge. Não me é dado
Tranquillo repousar. Sonhos tremendos,
Atterrando-me, o somno me angustiam.
A divindade que meu peito habita,
De meu ser agitar pode o mais fundo;
Mas minhas forças todas dominando
Do mundo externo nada mover pode.
É me assim cruelissima a existencia,
A vida um peso, a morte suspirada.

MEPHISTOPHELES

A morte poucas vezes é benvinda.

FAUSTO

Ditoso aquelle a quem no ardor da lide
Os louros da victoria em sangue tinge,

O que depois de valsa doudejante
É nos braços da amante arrebatado.
Tivera eu, ante o grandioso espirito,
Transportado d'amor, cahido exanime!

MEPHISTOPHELES

Nessa noite houve alguém, que certo liquido
Escuro não bebeu.

FAUSTO

A espionagem
Parece ser teu gosto favorito.

MEPHISTOPHELES

Sem ser omnisciente, sei bastante.

FAUSTO

De tormenta mental tão temerosa,
Se doce, amigo som veiu salvar-me ;
Se suaves memorias acordando,
Inda crenças da infancia me cegaram ;
Maldigo agora o que seduz a alma
Com illusões, engodos que fascinam ;
O que neste antro triste e tenebroso,
Com ardilosa força a traz captiva.
Maldicta seja a opinião subida
Que de si mesma forma a mente cega,
Maldictas essas falsas apparencias

Que aos sentidos mentem, esses sonhos
De gloria, e de nome immorredouro.
Maldictos sejam bens com que a fortuna
Nos affaga a avareza, as terras pingues,
O arado que as sulca, a mão que o guia!
Afeições de familia, esposa, prole,
Sede maldictos; sê maldicto Mammon,
Que a emprezas audazes nos incitas
Com teus thesouros vis, e em ricas sallas
Fofos coxins para a indolencia apprestas.
Succo fervente de purpureos cachos,
Gosto summo de amor, sede maldictos.
Maldicta seja a esp'rança, a fé maldicta,
E mil vezes maldicta a paciencia!

CORO DE ESPIRITOS (*invisivel*)

Ai, ai,
Destruiste
O mundo tão bello,
Com mão attrevida;
La cae derrocado!
Em terra um semideus o tem prostrado.
Nós tristes levamos
Ao nada os destroços,
Saudosos choramos
Perdida belleza.
Mortal poderoso,
Fal-a reviver;

No peito orgulhoso
De novo nascer.
Carreira da vida
Enceta de novo,
Com alto pensar,
Eternas canções
Te vão celebrar.

MEPHISTOPHELES

Dos minimos meus
As vozes escutas,
Chamando-te á vida,
Aos gozos, ás luctas!
Da solidão que gela
Em ti sangue e vigor,
Do mundo ao vasto espaço
Te chamam com ardor

Deixa de te entreter com tua magoa
Que te roe as entranhas qual abutre.
Na peor companhia ao menos sentes
Que és homem como os mais. E não te digo
Com isto, que no vulgo vás sumir-te.
Não é muito o que posso, mas se queres
Junto comigo percorrer o mundo,
A teu dispor me tens; desde já prompto
Companheiro sou teu, e se convenho,
Tambem serei creado, humilde famulo.

FAUSTO

Que te hei de tornar em paga d'isso?

MEPHISTOPHELES

Tempo temos sobejo p'ra tratal-o.

FAUSTO

Nada, não quero. O demo é egoista
Que por amor de Deus não faz serviços
A outrem. Dize o que por paga exigés;
P'ra tomar tal creado é mister tento.

MEPHISTOPHELES

Obrigo-me a servir-te cá na terra,
A teu menor aceno obedecendo,
Se, quando no outro mundo nos toparmos,
O mesmo me fizeres.

FAUSTO

Pouca monta

O outro mundo tem p'ra mim; se este
For um dia ruínas, muito embora
Venha outro depois. É desta terra
Que brotam meus prazeres, minhas penas
Este sol allumia. Quando delles
A separar-me chegue, então succeda
Seja o que for. E nem saber m'importa

Se ha odio ou amor na outra vida,
Nem se existe lá n'essas espheras,
Região superior ou fundo abysmo.

MEPHISTOPHELES

Pensando assim, bem podes arriscar-te;
Façamos o contracto. Com delicia
De meu poder verás as maravilhas.
Dar-te-hei o que homem nenhum viu.

FAUSTO

Que me has de tu dar, pobre diabo?
A mente humana e seu immenso anhelô
Acaso compr'ender podem teus pares?
Manjares tens que não saciam, ouro
Que nos corre das mãos qual vivo azougue,
Jogo a que se não ganha; tens mulheres
Que sobre o peito meu, com meigos olhos,
A outrem se promettem, tens da gloria
O divino prazer, vão meteoro
Que rapido s'esvae. Mostra-me fructos
Que antes de colhidos se corrompam,
Plantas que nova folha sempre vistam.

MEPHISTOPHELES

Não me atterra a incumbencia, posso dar-te
Tambem d'esses thesouros. Mas, amigo,

O tempo alfim lá chega em que somente,
Algum prazer gosar em paz queremos.

FAUSTO

Se jamais repousar eu socegado
Em leito d'indolencia, morra logo!
Se com liçonjas tanto m'illudires,
Que chegue a estar comigo satisfeito,
Se com deleites logras seduzir-me;
Seja esse meu dia derradeiro.
A aposta off'reço.

MEPHISTOPHELES

Topo.

FAUSTO

Pois 'stá dito.
Se disser ao momento quando foge:
És tão bello, demora-te, — encadea-me,
Succumbo satisfeito. Então repique
Por mim a campa de finados, cesse
O serviço que fazes, sê liberto;
Pare o relógio e o ponteiro cáia,
De minha vida soe a hora extrema.

MEPHISTOPHELES

Attenta bem, nós não o esqueceremos.

FAUSTO

Terás todo o direito de lebral-o ;
Tal decisão não a tomei de leve.
Como vivo sou escravo, que m'importa
Sel-o teu ou de outrem ?

MEPHISTOPHELES

Hoje mesmo
Ao jantar do Doutor farei serviço.
Uma cousa — por quanto ha t'ó peço,
Dá-me duas regrinhas assignadas.

FAUSTO

Escriptura tambem queres, pedante,
A fé de homem honrado não conheces ?
Não é bastante que a palavra dada
Para sempre me ligue em toda a vida ?
Emquanto o mundo arrastam mil torrentes
Terão promessas força de prender-me ?!
Mas é esta a illusão que temos n'alma,
Quem ousará jamais soltar-se d'ella ?
Ditoso o que no peito traz verdade,
Não lhe hão de pesar os sacrificios !
Pergaminho porém sellado e escripto,
É phantasma que atterra os mais affoutos.
Já na penna a palavra morre, a cera
E o couro curtido então dominam.

O que exiges de mim, maligno espirito?
Papel ou pergaminho, bronze ou marmore,
Que escreva com cinzel ou com uma penna?
Deixo-te livre a escolha.

MEPHISTOPHELES

P'ra que has de
A tal ponto empolar tua facundia?
Qualquer papel nos serve, se assignares
Com um pingo de sangue.

FAUSTO

No capricho
Consinto, se com elle te contentas.

MEPHISTOPHELES

É o sangue um licor especialissimo.

FAUSTO

Medo não tenhas que viole o pacto.
Com minhas forças todas desejava
Aquillo que prometto. Infatuára-me
Excessiva soberba; á tua igualha
Conheço pertencer: o grande espirito
Cruel me desdenhou e a natureza
Ante meus olhos seus arcanos vela.
O fio das idéas tenho roto,
E muito ha já, que o saber m'enoja.

Da sensualidade nos abysmos,
Inflammadas paixões me tranquillisem ;
Em denso veu de encantos envolvidas
Todas as maravilhas se me off'reçam !
Do tempo na torrente caudalosa,
No pelago da vida nos lancemos !
Victorias e revezes, pranto e riso
Se sigam, alternando-se incansaveis ;
Só lidando sem fim, se prova o homem.

MEPHISTOPHELES

Nem medida, nem termo se vos marca.
Se de tudo as primicias só quizerdes,
Somente alguma flor provando rapido,
Bom proveito vos faça o vosso gosto.
É deitar mão de tudo e sem modestia !

FAUSTO

Entendes-me ? Não curo de prazeres.
Ao delirio me voto, aos mais pungentes
Deleites : odio que ama, dor que alegre.
A nenhum soffrimento, dor nenhuma,
Fique extranho meu peito, já sarado
Da ancia do saber. O que é partilha
De toda a humanidade, no meu seio
Quero sentir, e perceber na mente
As idéas mais altas, mais profundas ;
Enthesourar no peito os Bens e Males

Que dos homens são sorte, dilatando
Té o delles meu ser e succumbindo
Como elles a final.

MEPHISTOPHELES

Olha, acredita-me
A mim que ha milhões de annos que mastigo
Este duro bocado. Nenhum homem,
Do berço á sepultura, jamais logra
Ir o velho fermento digerindo.
Acredita um de nós, foi este todo
Feito só para um Deus! A luz eterna
De todo o sempre o cerca, densa treva
Por morada nos deu, e a vós somente
O tempo repartiu em dia e noite.

FAUSTO

Porém eu quero!

MEPHISTOPHELES

E o dizel-o é facil!
Uma cousa recêo, a vida é curta
E muito longa a arte. Imaginava
Que serieis mais docil ao ensino.
Associae-vos com algum poeta,
Deixae-o divagar e enriquecer-vos
Da natura com os dotes mais subidos,
Coragem de leão, pernas de cervo
Ligeiras, d'italiano o sangue ardente

E de filho do norte a pertinácia.
Fazei com que o ségreto vos descubra
De astucia infundir em alma nobre,
E de guiar, segundo urdida traça,
Os impulsos de amor da mocidade.
Quizera muito conhecer tal homem;
O senhor Mikrokosmo lhe chamára.

FAUSTO

Que pois sou eu, se me não é possível
Essa c'roa alcançar da humanidade,
A que toda minh'alma audaz aspira?

MEPHISTOPHELES

Vens a ser o que és — nem mais nem menos.
Põe as mais gadelhudas cabelleiras,
Saltos de vara e meia põe nas botas,
Ficas sempre o que és — nem mais nem menos.

FAUSTO

Vejo que tenho em vão do humano espirito
Os thesouros na mente accumulado:
Quando medito, não rebenta força
Alguma nova dentro do meu peito;
Não cresci mais a altura de um cabelo,
Nem mais cerca cheguei do Infinito.

MEPHISTOPHELES

Meu caro, as cousas vedes como todos ;
Deveremos nós ser mais atilados
Antes que nos escape a doce vida.
Pés e mãos, co'os diabos, e cabeça
São teus, não é verdade? Pois aquillo
De que gozas contente sel-o-ha menos?
Se tenho seis cavallos, suas forças
Minhas não são, e não ando ligeiro
Como se houvesse vinte e quatro pernas?
Deixa-te de pensar, vamos á vida!
Digo-t'o eu, um homem que medita,
É como um animal que em ressequida
Esteve faz girar maligno genio,
Quando a dous passos ha pastagens verdes.

FAUSTO

Como damos principio?

MEPHISTOPHELES

Partiremos
Sem a menor demora. Que buraco
É este em que tu vives, e que vida?
Atormentado a atormentar rapazes!
A teu visinho Pansa deixa isso;
'Star aqui sempre a repizar o mesmo!
O melhor que tu sabes não no ousas

Às creanças dizer. Um alli ouço
Andar no corredor.

FAUSTO

Não me é possível
Agora recebê-lo.

MEPHISTOPHELES

Espera ha muito
O pobre do rapaz, ir não no deixo
Assim desconsolado. Anda, o teu manto
E barrete me dá. Fica-me certo
As maravilhas mil este disfarce.

(*Veste-se*)

Deixa-o agora cá por minha conta,
Um quartosinho de hora é o que preciso;
No entanto te apresta p'ra a viagem.

FAUSTO (*sde*)

MEPHISTOPHELES (*com o traje de Fausto*)

A razão menospreza e a sciencia,
Essas do homem forças sublimadas!
Do genio da mentira pelas artes
Seductoras e vans deixa illudir-te.
És meu sem condições, dessa maneira....
Um animo insoffrido deu-lhe a sorte
Que ávante, indomavel, o impelle,
A cujo aneio soffrego não bastam

As terrenas delicias. Pela vida
Agitada o arrasto, pela chata
E torpe insipidez. Já o estou vendo
Estrebuchar, teimar, querer afferrar-se
E aos labios sedentos só de longe
Mostrarei refrigerio. Ha de de balde
Por allivio clamar. 'Stava perdido,
Ainda que ao demonio se não desse.

(Entra um estudante)

ESTUDANTE

Recem-chegado sou, com reverencia
Conhecer, conversar procuro um homem,
De quem todos me fallam respeitosos.

MEPHISTOPHELES

Muito me apraz a vossa cortezia,
Um homem vêdes como muitos outros.
A vossa installação já haveis disposto?

ESTUDANTE

Rogar-vos venho que sejaes meu mestre.
Tenho a melhor vontade, algum dinheiro,
Energia e ardor não me fallecem;
Minha mãe me deixou partir a custo;
Alguma cousa a fundo aprender quero.

MEPHISTOPHELES

Não podieis achar logar mais proprio.

ESTUDANTE

Fallando francamente, o meu desejo
Era ir-me outra vez. Estas paredes,
Estas sallas não podem agradar-me.
Falta-me o ar, não vejo nada verde
Nem sequer uma arvore, e nos bancos
Das aulas, perco o tino e o sentimento.

MEPHISTOPHELES

É falta de costume. A creancinha
Tambem não toma logo de bom grado
O peito nutridor, porém mais tarde
Alimenta-se delle com delicias.
O leite da sciencia pouco a pouco,
Vos irá cada vez melhor par'cendo.

ESTUDANTE

Gostoso em seu regaço repousára;
Mas dizei, como hei de eu conseguil-o?

MEPHISTOPHELES

Antes d'irmos mais longe declarae-vos.
Que faculdade tendes escolhido?

ESTUDANTE

Quizera ser um sabio consummado;
O que conteem em si os ceus e a terra
A fundo conhecer, a natureza
E a sciencia.

MEPHISTOPHELES

Estaes no bom caminho,
Mas não deixeis que delle vos diſtráhiam.

ESTUDANTE

Com alma e corpo o sigo, mas deveras,
Algun prazer nos dias feriados
E liberdade, haviam de agradar-me.

MEPHISTOPHELES

Empregae bem o fugitivo tempo,
Ensina a boa ordem a ganhal-o.
O conselho que dou, meu charo amigo,
É primeiro que tudo aula de logica.
Ahi vos hão de dar á mente ensino,
Em borzeguins estreitos apertando-a,
Por que percorra com airoso passo
A estrada do pensar, e não vagueie
Por aqui, por alli, qual fogo fatuo.
Depois dias e dias vos demonstram,
Que o que d'uma assentada antes fazieis,
Por exemplo, comer, é necessario

Que contéis um, dois, tres para fazel-o.
Verdade é que a fabrica de idéas
A um tear se assemelha, cada lanço
Vae mil fios mover que se entretecem
Escondidos á vista. Acima, abaixo
Correndo a lançadeira, a cada golpe
Ata mil ligações. Chega o Philosopho,
E que assim ser deve vos explica:
Foi o primeiro assim, assim segundo,
Serão portanto assim terceiro e quarto;
Se primeiro e segundo não houvesse,
Terceiro e quarto não seriam nunca.
Isto faz as delicias dos discipulos,
Mas a ser tecelões nunca aprenderam.
Quem um ser vivo conhecer procura,
Começa logo por tirar-lhe a vida;
As partes depois tem, mas já lhes falta
O espirito que as liga e as anima.
Encheiresin naturæ diz a Chimica,
Escarnece de si sem percebê-lo.

ESTUDANTE

Não vos posso entender perfeitamente.

MEPHISTOPHELES

Lá chegareis com o tempo, em aprendendo
A tudo reduzir, classificando o.

ESTUDANTE

Estou tão tonto, nem que me rodasse
Uma mó de moinho na cabeça!

MEPHISTOPHELES

Logo depois, primeiro que o mais tudo,
Dedicar-vos deveis á Metaphysica.
Haveis de vêr que percebeis a fundo
O que não cabe ao homem no miolo.
Para o que nelle entrar póde e não póde,
Palavra achareis sempre altisonante.
Mas sobretudo agora, este semestre,
Um methodo segui mui rigoroso.
Cinco aulas por dia e entrae nellas
Á hora em ponto, não sem predispor-vos
Estudando devéras os paragraphos,
Para bem conhecer que o sabio mestre,
Nada mais diz do que já 'stá no livro.
Mas tomae cuidadoso apontamentos,
Como se vos ditasse o Paraclito.

ESTUDANTE

Não haveis de dizer-m'o duas vezes,
Sei muito bem o quanto isso auxilia.
Em possuindo preto sobre branco,
Podemos ir p'ra casa satisfeitos.

MEPHISTOPHELES

Mas escolhei a vossa faculdade.

ESTUDANTE

Co'a jurisprudencia não me ageito.

MEPHISTOPHELES

Nem vol-o levo a mal. Dessa sciencia
O estado conheço. Leis, direitos
Como eterna molestia se transmittem,
De geração em geração se arrastam,
De logar p'ra logar. Vem a ser erro
O que já foi verdade, em dom funesto
Se torna o beneficio: e és desgraçado
Porque tarde vieste. Do direito
Que comnosco nasceu, ninguem cogita.

ESTUDANTE

Augmentais-me a aversão. Ditoso aquelle
Que vos ouve as licções. Quasi que sinto
Desejos de estudar Theologia.

MEPHISTOPHELES

Não vos quero induzir em erro. Em quanto
A essa disciplina, é tão difficil
Do errado caminho desviar-se;
Tanta occulta peçonha existe nella

Que da triaga apenas se distingue,
Que tambem neste caso o bom systema
É ouvirdes um só, jurando sempre
Na palavra do mestre. Em summa — atende-vos
Sempre ás palavras, eis os meios optimos
De penetrar no templo da certeza.

ESTUDANTE

Mas idéas exprimem as palavras!

MEPHISTOPHELES

É verdade, mas não o tomeis á lettra;
Serve a palavra onde as idéas faltam.
Disputa-se mui bem só com palavras,
Com palavras systemas se constroem,
Na palavra se crê com fé profunda,
Da palavra um iota se não tira.

ESTUDANTE

Perdoae o deter-vos com perguntas,
Mais uma permitti. Da Medicina
Duas palavras não quereis dizer-me?
Tres annos não são muito e o campo é vasto.
Mas tendo p'ra guiar-nos bom conselho,
Mais seguros andamos no caminho.

MEPHISTOPHELES (*á parte*)

Já estou cansado deste tom pedante,
Vou fazer outra vez papel de démo.

(alto)

Da Medicina o fundo, sem trabalho
Se pôde compr'ender; todo o Universo
Estudaes, para alfim deixar que ande
Como a Deus approuver. Perdeis o tempo
Em doutos devaneios engolphando-vos,
Ninguem aprende mais que aprender pôde;
Sabio é quem se vale do momento.
Não me par'ceis mal feito e ousadia
De certo vos não falta, se em vós mesmo
Tiverdes confiança, os outros homens
Em vós confiarão. Deveis mormente
Saber levar as lindas senhoritas;
Suas queixas sem fim, seus mil achaques,
Com um remedio unico se curam,
E se sabeis salvar as apparencias,
Na mão as tendes todas. Honorifico
Titulo lhes demonstre, que sciencia
Possuís que a de muitos mais profunda;
Assim, logo ao entrar, venceis obstaculos
Em que outro levára uns poucos d'annos,
Aprendeí a apertar-lhes o pulsinho;
E com olhar de fogo ide apalpando
A cintura gentil, a vêr se acaso
Demasiado aperta o espartilho.

ESTUDANTE

Isso é outro fallar, já 'stou contente,
Já percebo melhor o como e quando.

MEPHISTOPHELES

Pallida, amigo, é toda a theoria,
Mas a arvor' da vida é verdejante.

ESTUDANTE

Eu vos juro que estou como num sonho.
Ousarei outra vez incomodar-vos
Para a fundo entender as licções vossas?

MEPHISTOPHELES

O que couber em mim, fal-o-hei contente.

ESTUDANTE

Não me posso ir daqui, appresentar-vos
Inda quero o meu album, implorando
Uma lembrança vossa.

MEPHISTOPHELES

De bom grado.

(escreve e restitue o album)

ESTUDANTE (*lê*)

Eritis sicut Deus, scientes bonum et malum!

(*fecha respeitoso o album e despede-se*)

MEPHISTOPHELES

Crê no dito da serpe, que inda um dia;
A par'cença com Deus te dá desgosto.

(*entra Fausto*)

FAUSTO

Aonde vamos nós?

MEPHISTOPHELES

Onde quizeres.

O grande mundo e o baixo visitamos.
Que prazer, que proveito de tal curso
Não has de tu tirar.

FAUSTO

Mas esta barba
Faz tão grave e pesado o meu semblante,
Que da empreza sahir bem não espero:
Nunca me soube haver na sociedade;
Tão pequeno me acho entre os mais homens,
Que sempre hei de ser timido, acanhado.

MEPHISTOPHELES

Tudo isso ha de vir, meu charo amigo;
Confia em ti, e já viver tu sabes.

FAUSTO

E como sahiremos, onde esperam
Carruagens, cavallos e creados?

MEPHISTOPHELES

Estender este manto é quanto basta;
Pelo ar nos transporta. Mas não tragas
Excessiva bagagem, em jornada
De tanto risco. Gazes inflammaveis,
Que já vou preparar, hão de da terra
Promptamente elevar-nos. Indo leves
Subiremos depressa. Ora recebe
Meus parabens por tua nova vida.

TAVERNA DE AUERBACH EM LEIPZIG

Reunião de alegres bebedores

FROSCH

Ninguem ri? ninguem bebe? Hei de ensinar-vos
A não 'star de carranca. Acho-vos hoje
Mais molles do que papas, quando sempre
Sois mais vivos que azougue.

BRANDER

A culpa é tua;
Porcaria não fazes nem asneira.

FROSCH (*vasa-lhe um copo na cabeça*)

Pois juntas hi as tens.

BRANDER

Que grande porco!

FROSCH

Pediste-m'o 'tu mesmo, obedeci-te.

SIEBEL

Fóra! p'ra a rua quem armar pendencia!
Berrae, bebei, cantae quanto quizerdes!
Vamos — hop, oh, la, oh!

ALTMAYER

Ai, quem m' acode!
Algodão, que me partem os ouvidos.

SIEBEL

Quando resôa o tecto é que se sente
Da voz de baixo a força.

FROSCH

Mui bem dito!
Quem d'isto não gostar, ponha-se fóra.
Ah! tara lara la!

ALTMAYER

Ah! tara lara la!

FROSCH

As guelas já temos afinadas.

(*Canta*)

O sacro romano imperio
Como pode inda durar?

BRANDER

Que pessima cantiga! Pfui! politica,
Cantiga de má casta! Dae vós graças
A Deus todos os dias, de não terdes
De curar do romano sacro imperio.
Em quanto a mim, de mui feliz me prézo,
Por não ser chancellor, nem mesmo Cesar.
Mas contudo de chefe precisamos,
Escolhamos um Papa. É já sabido
Que qualidade da eleição decide
E a tal dignidade eleva o homem.

FROSCH (*canta*)

Vôa vôa, rouxinol,
Minha amada vae saudar

SIEBEL

Nada de saudações, não quero d'isso.

FROSCH

Hei de a amante saudar, tu não m'o tolhes.

(*Canta*)

Abre á noitinha o ferrolho,
Abre que espera o amado,
De manhã vac-o fechar

SIEBEL

Canta lá, canta, a teu contento a louva,
Hei de rir-me de ti ainda algum dia.
Comigo foi sem fé, sel-o-ha contigo.
Por amante lhe seja dado um bruxo,
Com quem na encruzilhada folgue á noite;
Um bode velho, do Blocksberg á volta,
Lhe berre boas noites galopando.
Homem de carne e osso é p'ra a menina,
Muito mais que merece. As serenatas
Que lhe hei de dar, são pedras nas janellas.

BRANDER

(*Batendo na meza*)

Escutar, escutar. Obedecei-me!
Haveis de confessar que tenho modos;
Gente temos aqui apaixonada,
E segundo o costume, é mister dar-lhes
Serenata nocturna. Attenção peço,
Ahi vai uma cantiga das máis novas,
Repeti bem de rijo o estribilho.

(Canta)

N'uma dispensa houve um rato
Que só manteiga comia,
Uma pansinha creára
Que nem Lutherø o vencia.
A cosinheira veneno
No buraco lhe foi pôr ;
Em taes apertos se viu
Como quem arde d'amor.

TODOS EM CORO

Como quem arde d'amor !

BRANDER

Dentro e fóra corre doido,
Infinda agua bebia,
A casa toda roendo,
Não mitigava a agonia,
Dava pulos desesp'rados,
Tanto o apertava a dor,
De cansaço está rendido
Como quem arde de amor.

CORO

Como quem arde de amor !

BRANDER

A final agoniado
Apparece á luz do dia,
Na cosinha anda a correr
E no lar já s'estendia.
Estrebuchava o coitado,
E vendo-o no estertor,
Ria a cosinheira. O pobre
Expirou como d'amor.

CORO

Expirou como d'amor!

SIEBEL

Como os brutos se riem! É bonito
Ir veneno deitar aos pobres ratos.

BRANDER

São protegidos teus, pelo que vejo.

ALTMAYER

Olha o pansa pellado, a dor commove-o;
Na ratazana inchada vê o retrato.

Fausto e Mephistopheles

MEPHISTOPHELES

Em primeiro logar mostrar-te devo

Alegre companhia, p'ra que vejas
Como é facil viver. P'ra esta gente
Todo o dia é de festa. Com juizo
Mui pouco, mas com muita liberdade,
Num circulo acanhado se divertem,
Quaes gatinhos correndo atraz do rabo.
Se de dor de cabeça se não queixam
E está prompto a fiar o Taberneiro,
Contentes vivem, de cuidados livres.

BRANDER

Da jornada chegaram neste instante,
Logo se vê de seus extranhos modos;
Não haverá uma hora que aqui andam.

FROSCH

Dizes bem, na verdade, que este Leipzig
É um Paris pequeno, apura a gente.

SIEBEL

Que te parecem estes forasteiros?

FROSCH

Deixa-me cá, com um copinho cheio
Fal-os-hei, sem maior difficuldade,
Dar co'a lingua nos dentes. Dous fidalgos
Parecem elles ser, modos altivos
E desdenhosos teem.

BRANDER

São uns valdevinos
Sem duvida, até aposto.

ALTMAYER

Talvez sejam.

FROSCH

Attenção, que os vou metter a bulha.

MEPHISTOPHELES (*a Fausto*)

O demo não suspeitam elles nunca,
Nem sequer quando a mão já vai deitar-lhes.

FAUSTO

Bons dias, meus senhores.

SIEBEL

Obrigado.

(*Baixo, olhando de revez para Mephistopheles*)

Olha, aquelle manqueja d'uma perna,

MEPHISTOPHELES

Daes licença que ali vamos sentar-nos?
Em vez de boa pinga que não temos,
Gozaremos da bella companhia.

ALTMAYER

Par'ceis estar mui mal acostumado.

FROSCH

De Rippach a partida já foi tarde,
Ainda com o João ceastes antes?

MEPHISTOPHELES

Hoje passámos sempre. Conversando
Com elle o outro dia, muitas cousas
Nos contou de seus primos, e a todos
Manda ternas saudades.

(Inclina-se para Frosch)

ALTMAYER *(baixo)*

Ora chùcha,

Elle sabe da cousa.

SIEBEL

É um fino azougue.

FROSCH

Pois não ! espera lá que já o apanho.

* Vide nota no fim.

MEPHISTOPHELES

Se me não engano ouvi
Bellas vozes cantar cōros ;
Faz o canto effeito aqui,
Estes muros sãõ sonoros.

FROSCH

Talvez que vós sejaes cantor eximio ?

MEPHISTOPHELES

Nada, sou fraco, mas adoro o canto.

ALTMAYER

Dae-nos uma cantiga.

MEPHISTOPHELES

Mil daria.

SIEBEL

Cousa que seja nova.

MEPHISTOPHELES

Ha pouco tempo
Que nos tornámos da famosa Hespanha,
Do vinho e das canções classica terra.

(*Canta*)

Houve um Rei que a uma pulga
Grande amizade tomára,

FROSCH

Ouvistes? a uma pulga, compr'endestes?
É uma pulga p'ra mim bemvindo hospede.

MEPHISTOPHELES

(*Canta*)

Houve um rei que a uma pulga
Grande amizade tomára,
Queria-lhe mais que a seu filho
Que com tanto amor creára.
Mandou chamar alfayates,
Alfayates ahi estão —
Tomae medida ao fidalgo,
Para pellote e calção.

BRANDER

E não vos esqueçaes de aos alfayates
Encarecer immenso, que cuidado
Com a medida tomem, e se estimam
A cabeça, não faça o fato préguas.

MEPHISTOPHELES

De ricas sedas, velludos
Eil-a toda ataviada,
Duzias de fitas no peito
E uma cruz encarnada.
Nomeou-a El-Rey ministro,
Grande commenda lhe dava,
E seus irmãos e irmans
Á sua côrte chamava.

Os cortezãos e as damas
Andavam mui compungidos,
Da Rainha ás açafatas
Todos eram bem mordidos;
E não podiam matal-as
E nem coçar-se sequer.
Nós cá é logo esmagal-a
A que morder-nos vier.

CORO (*enthusiasmado*)

Nós cá é logo esmagal-a
A que morder-nos vier.

FROSCH

Bravo, bravissimo, agradou a cantiga .

SIEBEL

Assim ás pulgas todas aconteça.

BRANDER

Pegae-lhes com dous dedos bem de leve.

ALTMAYER

E viva a liberdade, viva o vinho !

MEPHISTOPHELES

De bom grado bebêra á liberdade,
Se o vinho que tendes melhor fosse.

SIEBEL

Não torneis a dizer-nos cousas dessas.

MEPHISTOPHELES

Tenho medo que grite o Taberneiro ;
Senão aos nobres hospedes daria
Vinho da nossa adega.

SIEBEL

Venha sempre,
Que tomo sobre mim as consequencias.

FROSCH

Dae p'ra cá boa pinga, e cantaremos

O vosso panegyrico ; mas nada
De mostrinhas pequenas, quando provo
Quero a boca bem cheia.

ALTMAYER (*baixo*)

São do Rheno,
Segundo desconfio.

MEPHISTOPHELES

Uma verruma !

BRANDER

Que fareis vós com ella ? Acaso tendes
Os toneis alli fóra ao pé da porta ?

ALTMAYER

Alli 'stá um cabaz com ferramenta.

MEPHISTOPHELES (*pega na verruma*)

(*A Frosch*)

Agora é dizer lá que vinho escolhe.

FROSCH

Como ? pois tendes tantas qualidades ?

MEPHISTOPHELES

Podereis escolher á vossa guisa.

ALTMAYER

(*A Frosch*)

Já tu lambes os beiços.

FROSCH

Bem, se posso
Á vontade escolher, vinho do Rheno
Desejo, pois prefiro os dons da patria.

MEPHISTOPHELES

(*Fura um buraco na meza deante de Frosch*)

Venha um pouco de cera para as rolhas.

ALTMAYER

Ora! são invenções de saltimbancos.

MEPHISTOPHELES

(*A Brander*)

E vós?

BRANDER

Quero Champagne bem espumante.

MEPHISTOPHELES

(Fura, faz rolhas de cêra e tapa)

BRANDER

Nem sempre se dispensa o que é de fóra,
'Stá ás vezes o que é bom de nós tão longe.
Allemão ás direitas a francezes
Nem pode ver, mas os seus vinhos bebe-os.

SIEBEL

(Quando Mephistopheles se chega para elle)

Não sou grande amator de vinho secco,
Dae-me bebida bem assucarada.

MEPHISTOPHELES *(fura)*

Vae manar-vos Tokai deste buraco.

ALTMAYER

Olhae-me bem p'ra cara, meus senhores,
Estaes-vos divertindo á nossa custa?

MEPHISTOPHELES

Com hospedes tão nobres! quem ousára?
Arriscado seria. Eia, depressa!
Com que vinho quereis vós ser servido?

ALTMAYER

Seja qual for. Mas basta de perguntas.

MEPHISTOPHELES

(Com gestos extraordinarios)

Cachos produz o bacello,
Longos cornos tem o bodè;
Vinho é succo, pau a cepa :
Vinho dar a meza pode.
Da natura o fundo olhae,
É milagre, acreditae.

Agora destapae, beber podeis.

TODOS

*(Sacando as rolhas e vendo cahir no copo
o vinho pedido)*

Que bella fonte corre.

MEPHISTOPHELES

Tomae tento,
Não deixeis entornar nem um só pingo.

(Bebem repetidas vezes)

TODOS *(cantam)*

Somos mesmo uns cannibaes,
Uns porcos, uns aniinaes !

MEPHISTOPHELES

O povo é livre. Vê como elle folga.

FAUSTO

Queria ir-me d'aqui.

MEPHISTOPHELES

Antes repara !

A bestialidade e vis instinctos
Em todo o seu primor vão revelar-se.

SIEBEL

(Bebe sem precaução, o vinho entorna-se e inflamma-se)

Ai fogo ! Aqui d'El-Rey, arde o inferno.

MEPHISTOPHELES

(Fallando á chamma)

Elemento querido, tranquillisa-te.

(Aos outros)

Por esta vez só foi do Purgatorio
Um pinguinho de fogo.

SIEBEL

O que foi isto ?

Esp'rae que o pagaes caro. Quer par'cer-me
Que não sabeis quem somos.

FROSCH

Ora deixa,
Fica para outra vez.

ALTMAYER

Melhor seria
Pedir-lhes que se fossem socegados.

SIEBEL

O que, senhor! levas o desaforo
A vir fazer aqui vossos bruxêdos!

MEPHISTOPHELES

Quietinho, borrachão.

SIEBEL

Páo de vassoura,
Pois inda em cima atreves-te a insultar-nos?

BRANDER

Espera que já chovem bordoadas.

ALTMAYER

(Sacca uma rolha da meza, salta-lhe fogo)

Ai que me queimo, ai!

SIEBEL

É feiticeiro,
Pode qualquer matal-o. A elle, a elle!

(Tiram as facas e correm sobre Mephistopheles)

MEPHISTOPHELES

(Com ademanes graves)

Falso ver, falso fallar
Mudam sentido e logar,
Estae aqui e acolá.

(Param admirados e olham-se)

ALTMAYER

Onde estou eu? que terra tão bonita!

FROSCH

São vinhas, não m'engano.

SIEBEL

Aqui 'stão cachos.

BRANDER

Debaixo destas parras verdejantes,
Olhae que cepa, olhae que bellas uvas!

(Pega no nariz a Siebel, os outros fazem reciprocamente o mesmo e erguem as facas)

MEPHISTOPHELES

(Como acima)

Desvenda-lhes os olhos, erro, vejam
Como brinca o demonio.

(Desapparece com Fausto, os outros separam-se)

SIEBEL

Que foi isto ?

ALTMAYER

Como ?

FROSCH

Pois era o teu nariz ?

BRANDER

Cá tenho

O teu na minha mão !

ALTMAYER

Sinto um abalo
Por todo o corpo, uma cadeira, eu cáio !

FROSCH

Nada, dissei-me ao menos, que foi isto ?

SIEBEL

Que é feito do tratante, se o pilho
Não m'escapa com vida.

ALTMAYER

Pela porta,
Num tonel a cavallo, o vi safar-se.
Tenho nos pés um pezo como chumbo.

(Voltando-se para a meza)

Se ao menos o vinho ainda corresse !

SIEBEL

Tudo foi illusão, mentira, engano.

FROSCH

Eu sempre julgo que bebi bom vinho.

BRANDER

E como foi aquillo das parreiras ?

ALTMAYER

Diga-me agora alguem, — não ha milagres !

COSINHA DE BRUXA

(Sobre uma lareira baixa uma panella grande ao lume. No vapor que della sobe apparecem differentes vultos: Uma macaca sentada junto da caldeira espuma-a, cuidando em que não trasborde. Sentados ao pé o macaco e os macaquinhos que se aquecem. Paredes e tecto adornados com os mais singulares objectos de bruxaria.)

Fausto, Mephistopheles

FAUSTO

Enoja-me esta torpe bruxaria,
Promettes-me que hei de achar remedio
D'insania neste pelago? A uma velha
Conselho pedirei? Póde tirar-me
Esta cosinha immunda uns trinta annos?
Ai de mim se não sabes outro alvitre,
Já a esp'rança me foge. A natureza
Ou engenho sublime não acharam
Um balsamo efficaz?

MEPHISTOPHELES

Meu charo amigo,
Com muito acerto fallas: ha maneira
Natural de tornar-te á juventude;

Noutro livro porém se encontra escripta,
E capitulo é maravilhoso.

FAUSTO

Sabel-o quero.

MEPHISTOPHELES

Bem, podes obtel-o
Sem despeza, sem medico e sem bruxa.
Parte já para o campo, poda, cava,
A ti e a teu pensar em estreito circulo
Procura restringir, e alimenta-te
De comida bem simples. Com o gado,
Como gado vivendo, não desdenhes
Por ti mesmo adubar o chão que ceifas;
Eis, acredita, o methodo seguro
Para até de oitent'annos remoçar-te.

FAUSTO

Não estou a isso affeito, mal soubera
A enchada empunhar; a vida estreita
De modo algum convir-me poderia.

MEPHISTOPHELES

Sempre tem pois de entrar na cousa a bruxa.

FAUSTO

Mas para que ha de ser por força a velha?
Não podes preparar tu a bebida?

MEPHISTOPHELES

Bonito passatempo! Preferia
Edificar cem pontes no entanto.
Saber e engenho é pouco, para a obra
É muita paciencia indispensavel.
Annos se cansa um applicado espirito
E a fermentação só a faz' o tempo.
Tudo o mais que é mister é cousa extranha,
Verdade é que o ensinou o démo
Mas o démo fazel-o não poderá.

(Olhando para os animaes)

Vê lá que raçasinha tão mimosa,
A creada esta é, esse o creado.

(Aos animaes)

A senhora não 'stá, pelo que vejo.

OS ANIMAES

Foi jantar
A senhora,
Pela chaminé fóra.

MEPHISTOPHELES

Que tempo gasta ella em divertir-se?

ANIMAES

O que gastamos p'ra aquecer as unhas.

MEPHISTOPHELES (*a Fausto*)

Estes bichos gentis que te parecem?

FAUSTO

Os mais semsaborões que tenho visto.

MEPHISTOPHELES

Pois olha, uma conversa como esta
É o que mais prazer costuma dar-me.

(*Aos animaes*)

Ora dizei-me cá, meus cachorrinhos,
Nessa panella ahi que estaes mexendo?

OS ANIMAES

Fartas sopas cozemos p'ra mendigos.

MEPHISTOPHELES

Haveis de ter bem grande concorrencia.

(*O mono chega-se a Mephistopheles e affaga-o*)

Vem dados jogar,
Faz-me enriquecer,
Deixa-me ganhar.

É cruel destino,
Se ouro eu tivesse
Tambem tinha tino.

MEPHISTOPHELES

Como o mono ditoso se julgára,
Se pudesse jogar na loteria.

*(No entretanto brincam os macaquinhos com uma
bola, e rolam-na para deante)*

O MONO

O mundo aqui vae
Que sobe e que cae,
Que rola constante;
Qual vidro, é soante;
Quam prompto o quebraes!
Aqui é brilhante,
Alli inda mais.
Sou vivente ser!
Cuidado, meu filho,
Que tens de morrer!
É de barro, e vai-se
Em cacos fazer.

MEPHISTOPHELES

O crivo p'ra que é?

(O mono tira para baixo o crivo)

Se fosses ladrão
P'ra te conhecer.

(Corre á macaca e fal-a olhar pelo crivo.)

Olha pelo crivo.
Conhécel-o, e podes
Seu nome dizer?

MEPHISTOPHELES

(Chegando-se ao fogo.)

E p'ra que é o pote?

O MONO E A MONA

Estupido zote!
Não sabe o que é pote,
Nem o que é caldeira!

MEPHISTOPHELES

Malcreado bicho!

O MONO

Toma o hyssope, e senta-te
Aqui na cadeira.

(Obriga Mephistopheles a sentar-se.)

FAUSTO

*(Que durante este tempo esteve de pé diante de um
espelho, chegando-se a elle e affastando-se.)*

Que vejo eu? que apparição divina,

Neste espelho encantado se reflecte!
Tuas azas mais leves me confia,
Amor, e junto della me transporta.
Se parado não fico, se me chego
Mais de perto, só ao longe vel-a posso,
Como se veu de nevoa m'a toldasse.
De mulher a figura mais perfeita...
Pois é possível? É a mulher tão bella?
No reclinado corpo vêr me é força
Dos ceus todos a essencia resumida?
Cousa assim poderá na terra achar-se?

MEPHISTOPHELES

De certo, quando um Deus seis dias lida
E no fim a si mesmo grita—: bravo!
Ha de sair por força cousa boa.
Por esta vez sacia-te de vel-a;
Joia de equal valor hei de alcançar-te,
E feliz quem tiver a doce sorte
De conduzil-a ao thalamo de esposo.

(Fausto continua a olhar para o espelho. Mephistopheles estendendo-se na cadeira e brincando com o hyssope prosegue:)

Como rei no seu throno 'stou sentado;
Tenho o sceptro na mão, falta a corôa.

OS ANIMAES

(que estiveram fazendo toda a casta de movimentos extravagantes, trazem a Mephistopheles uma corôa, com grandes alaridos.)

Fazei-nos favor,
Com sangue e suor
Grudae esta c'rôa.

(Manejam desgeitosos a corôa e quebram-na em dous pedaços com que entram a saltar.)

Agora está prompto!
Nós vêmos, fallamos,
Ouvimos, rimamos.

FAUSTO

(voltado para o espelho.)

Ai de mim, que enlouqueço inteiramente!

MEPHISTOPHELES

(mostrando os animaes.)

Quasi que até a mim se offusca o cerebro.

OS ANIMAES

Se bem nos sahimos,
Se o conseguimos,
Idéas serão.

FAUSTO (*como acima.*)

O meu peito começa a incendiar-se,
Fujamos d'aqui prompto.

MEPHISTOPHELES

(*na mesma posição.*)

Pelo menos,
Que são poetas sinceros confessemos.

(*A caldeira, que a macaca abandonou, começa a trasbordar; levanta-se uma grande lavareda que sobe pela chaminé. A bruxa desce por entre as chaminas com berros horrorosos.*)

A BRUXA

Au, Au, Au, Au!
Maldicto animal, porca malcreada,
Perdida a panella, tu'ama escaldada,
Maldito animal!

(*Vê Fausto e Mephistopheles.*)

Que é isto aqui?
E vós quem sois lá?
Que quereis ahi?
Quem se metteu cá?

Os ossos vos ardam
No fogo infernal.

(Remexe a espuma de madeira na panela, respingam chamas sobre Fausto, Mephistopheles e os animaes. Os animaes espirram.)

MEPHISTOPHELES

(Volta o hyssope que tem na mão e quebra as panellas e os vidros.)

Traz, traz, em bocados!
Ahi tens as papas,
Os vidros quebrados.
Isto é p'ra brincar
E á musica tua
Compasso tocar.

(Á bruxa, que recua cheia de horror e de espanto.)

Conheces-me, aventesma, monstro horrendo,
De teu amo e senhor não te recordas?
Não sei porque não dou já bordoadas
E a ti e esses monos não escacho.
Ao vermelho gibão não tens respeito,
Nem a penna de gallo reconheces?
Escondi esta face, ou é preciso
Que meu nome te diga?

BRUXA

Perdoae-me,

Senhor, a minha saudação grosseira,
O casco de cavallo não descubro.
E os vossos dous corvos onde param?

MEPHISTOPHELES

Por esta vez escapas, pois ha tempos
Largos que nos não temos encontrado.
O progresso que pule o mundo inteiro
Até o mesmo diabo chegar soube;
O phantasma do norte é do passado.
Que é delles, cornos, rabo, agudas garras?
Pelo que toca ao pé, produziria
Na gente mau effeito, e p'ra evital-o,
Como tantos rapazes elegantes,
De barrigas de perna uso postigas.

A BRUXA (*dansando.*)

De todo perco tino e entendimento,
O nobre satanaz em casa vejo!

MEPHISTOPHELES

Mulher, não quero ouvir mais esse nome.

BRUXA

Porque? que vos fez elle?

MEPHISTOPHELES

Ha muito tempo

Que no livro das fabulas 'stá escripto;
Sem valerem por isso mais os homens;
Do Mau se desfizeram, mas ainda
Lhes ficaram os maus. Podes chamar-me
Senhor Barão, assim fica bem tudo;
Um cavalheiro sou como os mais todos.
Do meu illustre sangue não duvidas,
Olha, aqui estam as armas de que uso.

(Faz um gesto indecente.)

A BRUXA *(rindo desmedidamente.)*

Ha, ha, ha, bem conheço os vossos modos,
Sois um brejeiro como sempre fostes.

MEPHISTOPHELES *(a Fausto)*

Toma sentido 'nisto, meu amigo,
Eis a maneira de lidar com bruxas.

BRUXA

Por que vindes, senhores? dissei-o agora.

MEPHISTOPHELES

Por um pichel lá do licor que sabes,
Mas do mais velho; com o andar dos annos
Sua força redobra.

BRUXA

De bom grado.

Uma garrafa tenho de que provo
Eu mesma ás vezes, e que já não deita
Fedor algum; servir-vos vou de prompto
Um copinho bem cheio.

(*baixo*)

Mas se este homem
Sem estar preparado ousar bebel-o,
Bem sabeis que não dura uma só hora.

MEPHISTOPHELES

É meu amigo e ha de aproveitar-lhe;
Quero dar-lhe o melhor desta cosinha.
Fórma o circulo, dize os teus encantos
E um copo bem cheio lhe ministra.

(*A bruxa, com gestos extravagantes, descreve um circulo e nelle põe cousas extranhissimas; começam os vidros a tinir, o caldeirão a soar e fazem como uma musica. A final traz um livro grande, colloca os monos no circulo, fal-os servir de estante e pegar nas tochas. Acena a Fausto que se cheque.*)

FAUSTO (*a Mephistopheles*)

Dize-me cá, para que é tudo isto?
Estas cousas ridiculas, os gestos
Delirantes e este alvar embuste
Ha muito que os conheço e os odeio.

MEPHISTOPHELES

Ora! são farças. P'ra brincar sómente.
Não sejas tão austero; como medico,
Ha de ella fazer seus gatimanhos
Para o licor poder aproveitar-te.

(Obriga Fausto a entrar no circulo.)

BRUXA

(Começa a lêr, declamando com grande emphase.)

Deves entender!
De um dez fazer,
E os dois deixar;
Os tres quadrarás
E rico serás.
Os quatro perder!
C'os cinco e os seis,
Assim diz a bruxa,
Sete e oito conta,
E 'stá a cousa prompta.
E nove são um,
E dez é nenhum.
Da bruxaria é esta a taboada.

FAUSTO

Em delirio febril discorre a velha.

MEPHISTOPHELES

Para chegar ao fim falta-lhe muito;
Sei que todo assim reza o livro inteiro.
Desperdicei com elle infindos dias,
Pois a contradicção, quando perfeita,
Para sabios e tolos é mysterio.
É velha e nova, meu amigo, a arte;—
Com um e tres e tres e um foi moda,
Em todo o tempo, ir espalhando o erro
Em logar da verdade. Assim quieto
Se discorre e se ensina; quem quizera
Metter-se com taes parvos? Quasi sempre,
Quando vê só palavras, acredita
O homem que um sentido ellas encerram.

BRUÇA (*prosegue*)

Alta potencia
Da gran sciencia,
Ao mundo escondida!
A quem não pensa
É concedida,
E sem trabalhos
Adquirida.

FAUSTO

Que disparates 'stá dizendo ella?
Parte-se-me a cabeça dentro em pouco.

Parece-me um côro ouvir inteiro
De cem mil idiotas discorrendo.

MEPHISTOPHELES

Basta, é bastante, oh optima sybilla!
Traze aqui o licor e até a borda,
Esta taça me enche bem de prompto.
Mal não fará ao meu amigo caro:
É homem que passou por muitos grãos
E que já boas pingas tem bebido.

*(A bruxa, com muitas cerimoniaes, traz a bebida
numa taça. Quando Fausto a põe á boca ergue-se
uma chamma.)*

Vamos, depressa! Bebe tudo, tudo!
Has de vêr como o peito te conforta.
Tratas por tu o démo e a chamma temes?

(A bruxa desfaz o circulo. Fausto sáe.)

MEPHISTOPHELES

Vamo-nos já, que descansar não deves.

BRUXA

Bom proveito vos faça o golosinho.

MEPHISTOPHELES *(á bruxa)*

Se te posso servir d'alguma cousa,
Has de dizer-m'ó a noite de Walpurgis.

BRÙXA

Levae esta canção, cantandô a ás vezes,
Suas virtudes sentireis subidas.

MEPHISTOPHELES (*a Fausto*)

Anda ligeiro e deixa-me guiar-te.
É de summa importancia que transpires,
Para que no teu ser interno e externo,
O remedio penetre. Depois disso
Ensino-te a prezar o nobre ocio,
E breve sentirás com almo gosto
Do alado Cupido as travessuras.

FAUSTO

Deixa que n'um relance olhe o espelho,
A fórma de mulher era tão bella!

MEPHISTOPHELES

Nada, não quero, que verás em breve
Do bello sexo a flor, em carne e osso.

(*baixo*)

Co'o copo de licor que tens no corpo,
Numa mulher qualquer vês uma Helena.

UMA RUA

Fausto. Margarida (*passando.*)

FAUSTO

Minha linda senhora, dá licença
Que para a acompanhar lhe off'reça o braço?

MARGARIDA

Não sou senhora, nem tão pouco linda,
Para casa posso ir sem companhia.

(*Desembaraça-se e passa.*)

FAUSTO

Meu Deus, como é bonita a rapariga!
Nunca vi cousa assim. É tão sisuda,
Tão cheia de decencia, e ao mesmo tempo
Um não sei que se lhe acha de travesso.

Dos labios o rubor, do rosto o brilho,
Em quanto eu existir jamais esqueço,
O modo com que os olhos poz em terra
De meu peito no fundo impresso vive.
E que tom tão altivo; é encantadora!

(*Entra Mephistopheles*)

FAUSTO

Escuta, has de alcançar-me aquella moça.

MEPHISTOPHELES

E qual?

FAUSTO

A que ainda ha pouco ia passando.

MEPHISTOPHELES

Aquella? vem agora do seu padre
Que dos peccados todos lhe deu plena
Absolvição. Atraz m'introduzira
Do confessor. É um anjo de innocencia
Que se foi confessar por cousa alguma;
Não me é dado exercer poder sobre ella.

FAUSTO

E comtudo já passa dos quatorze.

MEPHISTOPHELES

Fallas como o famoso Hansliedrich¹,
Que toda a linda flor p'ra si quizera.
E pensa que não ha favor nem honra
Que não possa colher; porém as cousas
Não correm sempre assim.

FAUSTO

Senhor pedante,
Deixe-me em paz com seus moraes axiomas.
Aqui lh'o digo claro, se inda hoje
Em meus braços não dorme a linda moça,
Á meia noite estamos separados.

MEPHISTOPHELES

Pensa bem no que pode ou não fazer-se.
Quinze dias ao menos são precisos,
Só para excogitar hora opportuna.

FAUSTO

Se tivesse vagar umas seis horas,
O auxilio do demo não pedia.
P'ra seduzir a pobre creatura.

MEPHISTOPHELES

Fallaes como um francez, tão presumpçoso;

¹ Vide nota no fim.

Mas tende paciencia por quem sois,
De que serve gosar já, de repente ?
Está longe de ser tão grande o gosto
Como quando primeiro de mil modos,
Com bagatellas mil, o amorsinho
Haveis disposto e bem afeiçoado,
Como tantos romances nos ensinam.

FAUSTO

Sem d'isso carecer tenho appetite.

MEPHISTOPHELES

Agora serio e sem mais brincadeira,
Digo-vos uma vez por todas; nada
Desta linda pequena se consegue
De subito, de assalto não se leva ;
É mister empregar ardis, astucia.

FAUSTO

Alguma cousa dá-me do thesouro
Desse anjo, conduz-me onde repousa.
Um lenço que tocasse o brando seio,
Uma liga me dá, que lh'estreitasse
O joelho gentil.

MEPHISTOPHELES.

Para que vejas
Que ao teu soffrer desejo ser propicio

E te quero ajudar, sem um momento
Perder, hoje ao seu quarto vou levar-te.

FAUSTO

Vel-a-hei? será minha?

MEPHISTOPHELES

Não de certo.
Ha de estar co'a vizinha. No entanto,
Na ventura porvir todo esp'rançado,
Podereis á vontade regalar-vos
Do ambiente que a cerca.

FAUSTO

E é já? vamos?

MEPHISTOPHELES

Inda é cedo.

FAUSTO

Procura-me um presente
Que lhe possa levar.

(*Vae-se*)

MEPHISTOPHELES

Já dá presentes
Ora bravo que tem victoria certa.
Sei de muito logar onde ha thesouros

Enterrados ha tempos, vou passar-lhes
Uma leve revista sem tardança.

(*Vae-se*)

—
Noite

(*Um quarto pequeno e aceado.*)

MARGARIDA (*entrançando o cabello.*)

O que não dera eu se conseguisse
Saber quem foi aquelle senhor de hoje;
Era tão bem par'cido; e de alto sangue
De certo, que no rosto se lhe lia;
Nem se outro fosse a tanto se atrevera.

(*Sae*)

Mephistopheles — Fausto

MEPHISTOPHELES

Entra. Devagarinho, bem de manso.

FAUSTO (*depois de uma pausa.*)

Deixa-me só, te peço.

MEPHISTOPHELES (*examinando tudo em volta.*)

Tal aceio

Não é qualquer mulher que assim o guarda.

(*Sae*),

FAUSTO (*elevando os olhos e correndo-os em torno.*)

Crepusculo suave, sê bemvindo
Tu que vagueas neste santuario!
Enche meu coração, pena amorosa,
Que do orvalho da esp'rança arfando vives!
Como em torno de mim tudo respira
Repouso, ordem, são contentamento;
Nesta pobreza, que abundancia immensa,
Que bemaventurança neste carcere!

(*Lança-se na cadeira de braços ao pé do leito.*)

Tu me recebe agora, que os passados,
Em horas de tristeza ou de alegria,
Em teus braços abertos acolheste!
Quantas vezes em volta deste throno
Paternal, se juntou risonha chusma
De creanças gentis. Aqui outr'ora,
Pelos dons do Natal agradecida,
Minha amada talvez, co'as rubicundas
Faces da infancia, depozesse um beijo

*

Do avô na mão rugosa. Sinto, oh virgem,
Teu espirito d'ordem e vigilancia
Sussurrar junto a mim, que te ensinára,
Com materno cuidado, os dias todos
A estender sobre a meza o liso panno,
E até a teus pés o chão de arêa
Reluzente cobrir. Oh mão amada,
Tens divino poder, fazes da choça
Paraiso celeste.

E aqui?

(Ergue uma cortina do leito.)

Eu tremo
D'intensissimo gosto, horas inteiras
Aqui passar quizera. Natureza,
Aqui em doces sonhos tu formaste
O anjo á terra vindo.

Trasbordando
Calor e vida do mimoso seio,
Aqui dormiu infante e com sagrada
E pura evolução, da divindade
A imagem se perfez, ficou completa.

E tu! O que te trouxe aqui? Movido
Como sinto da alma o mais profundo!
Que buscas? Porque sentes pesaroso
O coração no peito? Pobre Fausto

Não te conheço já.

Cerca-me acaso

Um encantado ambiente? O meu desejo

Era facil prazer, e eis-me todo

Em amorosos sonhos engolphado...

Das impressões do ar á mercê 'stamos?

E se subito aqui ella appar'cesse,

Bem caro pagarias teu arrojo!

O grande homem, ah, quam pequenino

Cairia a seus pés anniquilado.

MEPHISTOPHELES

Depressa, vejo-a vir alli a baixo.

FAUSTO

Vamo-nos, vamos, nunca mais cá torno.

MEPHISTOPHELES

Aqui tens um estojo assaz pesado

Que fui buscar algures. Vae-o tu sempre

Mettendo no armario. Em ella o vendo,

Perde a cabeça; púz aqui cousinhas

Para vencer a outras mais difficeis.

Creanças são creanças, brinco é brinco.

FAUSTO

Não sei, talvez não deva....

MEPHISTOPHELES

Que perguntas?

Talvez queiras guardar p'ra ti as joias?

Nesse caso aconselho á paixão vossa, .

Que o tempo me poupe e mais trabalho.

Quero crer que não és um avaro?

Dou tratos ao miolo, ando a cançar-me, —

(Põe o estojo no armario e fecha-o.)

Vamos daqui depressa, vem comigo. —

Só para conseguir que a pobre moça

A vosso desejar se ageite prompto;

E vós estaes ahi como se houvesseis

De ir dar aula, e palpaveis vos surgissem

Physica e Metaphysica deante!

Anda dahi.

(Sáem.)

MARGARIDA *(com um candieiro.)*

Está tão abafado,

Tão quente aqui.

(Abre a janella.)

E todavia fóra

Não é tanto o calor. Não sei que tenho.
Quem me dera que a mãe 'stivesse em casa.
Sinto correr-me o corpo um calafrio...
Uma creança sou, tola e medrosa.

(Canta despindo-se.)

Houve outr'ora um Rei em Thule,
Até á morte constante;
Uma taça de ouro fino
Lhe deixou morrendo a amante.

Nada mais o Rei prezava,
Nos banquetes lhe servia;
Arrasavam-se-lhe os olhos,
Sempre que della bebia.

Quando estava p'ra morrer;
Cidades, reinos contou;
A seus herdeiros os dava,
P'ra si a taça guardou.

Sentou-se á mesa, ao redor
Seus cavalleiros sem par,
No salão de seus Avós,
No castello ao pé do mar.

Lá se ergue o bom do Rei,
Ultimo trago tomou,

E nas ondas azuladas
A taça de ouro lançou.

Viu-a cahir, affundar-se
E no mar desappar'cer.....
Os olhos no chão cravou,
Não tornou mais a beber.

*(Abre o armario para guardar o fato e vê
a caixa das joias.)*

Como veio aqui ter tão lindo estojo?
De ter fechado o armario 'stou bem certa.
Maravilhoso é! Que estará dentro?
É talvez um penhor sobre o qual hoje
Deu minha mãe dinheiro. D'uma fita
Aqui pende a chavinha. Abril-o quero.
Que é isto, Deus do ceu! Não vi tal nunca!
Um adereço com que mostrar-se pode
Nos mais solemnes dias uma dona!
Deixa ver o collar. Tanta riqueza
De quem será? De quem tão bellas joias?

(Enfeita-se com ellas e chega-se ao espelho.)

Se podessem ser meus sequer os brincos!
Em os pondo, pareço logo outra.
Que te serve a belleza, pobre moça?
É muito, mas aos homens que lh'importa;

Quasi que mostram dô quando nos gábam.
Ao ouro tende e do ouro depende
Tudo no mundo, tudo! Ai de nós pobres.

Passeio

*(Fausto meditando passeia para cá e para lá, depois
Mephistopheles.)*

MEPHISTOPHELES

Por quanto amor na terra achou desprezo!
Pelo fogo do inferno! Quem me dera
Cousa peor que praguejar podesse.

FAUSTO

Que tens tu? que te morde tanto ao vivo?
Uma carranca assim jamais hei visto.

MEPHISTOPHELES

Aos diabos me dera neste instante
Se diabo não fosse.

FAUSTO

Na cabeça
Alguma cousa tens desarranjada?
Fica-te bem berrar como um possesso.

MEPHISTOPHELES

Ora pensa. O ad'reço que trouxera
P'ra a Margarida, um padre arrebatou-o!
Mostra as joias á mãe, que occulto medo
Sentiu logo n'alma; a tal senhora
Tem olfacto mui fino, no seu livro
De orações o nariz tem sempre, e cheira
Os trastes todos para ver se santos
Ou profanos serão. As joiasinhas
Logo viu que não eram benzidas.
Minha filha, exclamou—bens mal ganhados
São da alma grilhões, da paz inimigos,
Á mãe de Deus as joias consagremos,
Que com manná celeste ha de pagar-nos.
A Margaridasinha fez careta,
E comsigo pensou: cavallo é dado,
E um impio não era certamente
Quem com tal arte soube aqui trazel-o.
A mãe mandou chamar um padre; e este
Apenas soube o caso, regalou-se
De ver as prendas e fallou dest'arte:
«Pensastes muito bem, com muito acerto,
Quem se sabe vencer é quem mais lucra.
Gosa a Egreja de estomago excellente,
Pois que terras inteiras devorando
Não teve indigestões; somente a Egreja

Tem o poder, minhas amadas filhas,
De digerir riquezas mal ganhadas.»

FAUSTO

Isso é uso geral, o mesmo fazem
Os Reis e os Judeus.

MEPHISTOPHELES

E dito isto,
Bracelete, collar, aneis e brincos,
Tudo levou como se fossem nada;
Não agradeceu mais que se lhe dessem
Uma cesta de nozes, prometeu-lhes
Recompensas celestes, — e deixou-as
Profundissimamente edificadas.

FAUSTO

E Margarida?

MEPHISTOPHELES

Vive em dessocego,
Não sabendo que faça nem que queira,
Noite e dia pensando no ad'reço,
E muito mais em quem lá foi levar-lh'o.

FAUSTO

Sabel-a magoada desconsola-me,
Outro ad'reço lhe arranja promptamente,
Que não era o primeiro gran riqueza.

MEPHISTOPHELES

Pois não! para o senhor tudo é brinquedo.

FAUSTO

E anda, faze tudo o que desejo,
Com a vizinha mette-te, não sejas
Diabo de agua doce; eia, outras prendas
Para ella me traze.

MEPHISTOPHELES

Hei de fazel-o
Do coração, meu generoso amo.

(Sáe Fausto.)

Um tonto assim devéras namorado,
Sol, estrellas e lua queimaria,
Para um fogo de vistas dar á amante.

A casa da vizinha

MARTHA *(só.)*

Perdoe nosso Senhor a meu marido,
Para mi n não foi bom; por esse mundo
Lá se foi divertir, e na miseria,

Sosinha me deixou. Nunca pesada
Lhe fui, sabe-o Deus, sempre lhe tive
Muito amor.

(Chora.)

Pode ser que já morresse...
— Oh dor! se a certidão tivesse ao menos.

MARGARIDA (*entra*)

Senhora Martha.

MARTHA

Que é, Margaridinha?

MARGARIDA

Mal me tenho nas pernas, outra caixa
De pau de ebano achei no meu armario,
E magnificas joias, em riqueza
Muito além das primeiras.

MARTHA

Não no diga
A menina á maman, que as mette logo
Nas mãos do confessor.

MARGARIDA

Veja lá, olhe.

MARTHA (*enfeitando-a.*)

Oh bemaventurada creatura!

MARGARIDA

Mas com ellas saír não posso nunca,
Nem á missa leval-as.

MARTHA

A miúdo

Vem ter comigo e põe as tuas prendas
Aqui ás escondidas, do espelho
Por deante passeia uma horasinha;
Assim sempre teremos algum gosto.
Havendo occasião, em qualquer festa,
Vai a gente mostrando-as pouco e pouco:
Pões primeiro o collar, depois arriscas
De perolas os brincos; não repara
A mãe ou lhe contamos uma historia.

MARGARIDA

Quem seria que trouxe as duas caixas?
Assim com cousas boas não succede.

(*Batem.*)

Jesus! se é minha mãe.

MARTHA (*olhando pela cortininha.*)

Um estrangeiro.

Entre.

(*Mephistopheles entra.*)

MEPHISTOPHELES

Vir eu assim tão sem cer'monia
Queiram estas senhoras perdoar-me.

(*Recua respeitoso deante de Margarida.*)

Dona Martha Schwerdtlein é quem procuro.

MARTHA

Sou eu. E o senhor o que deseja?

MEPHISTOPHELES (*baixo a Martha.*)

Já a conheço agora, estou contente;
Tendes hoje visitas mui distinctas,
A liberdade que tomei perdoem-me.
Voltarei esta tarde.

MARTHA (*a Margarida.*)

Pensa, filha,
Que singular engano, o senhor julga
Que és uma fidalga!

MARGARIDA

Rapariga

Bem pobre sou. Jesus, muita bondade
Tem o senhor, não são as joias minhas.

MEPHISTOPHELES

Não são somente as joias, um ar tendes,
Um olhar tão altivo; quanto estimo
Poder me demorar.

MARTHA

O que procura,
Se me faz o favor.

MEPHISTOPHELES

Oxalá fosse

Mais alegre a noticia que vou dar-lhe,
Não me queira por isso mal, lhe peço.
Seu marido morreu e recommenda-se.

MARTHA

O meu homem morreu. Ai que desgraça!
Meu marido morreu, ai que desmaio.

MARGARIDA

Minha rica senhora não se afflija.

MEPHISTOPHELES

A miseranda historia ouvi agora.

MARGARIDA

Por isso em minha vida amar não quero,
Matar-me-hia a perda.

MEPHISTOPHELES

Não se encontra
Alegria sem dor, dor sem delicia.

MARTHA

Contae-nos pois o fim da sua vida.

MEPHISTOPHELES

Jaz sepultado em Padua; logo junto
De Santo Antonio, em terra consagrada,
Frio leito de seu repouso eterno.

MARTHA

E não tendes mais nada que trazer-me?

MEPHISTOPHELES

Sim, um pedido bem pesado e grave,
Que lhe mandeis dizer trezentas missas
Por alma, e em quanto ao mais, senhora,
As minhas algibeiras 'stam vasias.

MARTHA

O que? Nem um presente, um pobre enfeite,
O que guarda no sacco o jornaleiro,
Como lembrança, padecendo fome,
Chegando a mendigar para poupal-o.

MEPHISTOPHELES

Minha senhora, tenho muita pena ;
Mas não desbaratou elle o dinheiro.
Tambem se arrependeu dos seus peccados
E mais inda chorou sua desgraça.

MARGARIDA

Como os homens, meu Deus, são desditosos.
Hei de rezar por elle muito requiem.

MEPHISTOPHELES

Bem mer'cieis achar um casamento,
Sois tão boa menina.

MARGARIDA

Isso não pode
Ser ainda.

MEPHISTOPHELES

Pois se não for marido
Que seja um namorado. Dos maiores

Dons do ceu ha de ser; tão linda cousa
Pelo braço levar.

MARGARIDA

Não é costume
Cá na terra.

MEPHISTOPHELES

Costume ou não costume
Sempre pode fazer-se.

MARTHA

Ide contando.

MEPHISTOPHELES

Do seu leito de morte estive junto;
Era melhor que esterco, palha podre:
Mas como bom christão morreu, dizendo
Que mer'cera peor. Como me devo
Aborrecer, dizia, bem do fundo
Do coração, por ter mulher deixado
E meu emprego! Ai, Deus, que só a lembrança
Me mata. Se ella ao menos nesta vida
Me perdoasse.

MARTHA (*chorando*)

Eu, perdoei-lhe ha muito,
Marido meu amado.

MEPHISTOPHELES

Mas a culpa
Foi della, Deus o sabe, mais que minha.

MARTHA

Mentira ! Pois ousou mentir á beira
Da sepultura ?

MEPHISTOPHELES

Estava delirando
Em seu extremo arranco, se de engano
Eu victima não sou. Não tinha tempo
Para me divertir, dizia elle,
Era mister primeiro fazer filhos
E ganhar-lhes depois pão, na mais lata
Accepção da palavra ; e nem podia
O meu quinhão comer tranquillamente.

MARTHA

Assim do meu amor pôde esquecer-se,
E do que lhe aturava noite e dia ?

MEPHISTOPHELES

Pelo contrario, tinha-o bem presente ;
Quando saí de Malta, accrescentava,
Por filhos e mulher orei devoto
E foi-me o ceu propicio, que o navio,

Em que ia, prezou baixel de turcos,
Do sultão com o thesouro carregado.
Dessa vez boa paga ao valor coube,
E tambem recebi, como era justo,
Della uma parte muito bem medida.

MARTHA

Talvez o enterrasse. Onde seria?

MEPHISTOPHELES

Onde o terão agora os quatro ventos!
Quando inda extranho em Napoles andava,
Delle se namorou moça formosa
E de fé e de amor lhe deu taes provas,
Que no leito da morte inda as sentia.

MARTHA

Infame! roubador dos proprios filhos!
Nem miserias nem faltas lhe poderam
Atalhar o viver escandaloso.

MEPHISTOPHELES

Vêde lá que o pagou elle co'a vida.
Se eu estivesse agora em vosso caso,
O anno de decencia punha lucto,
E buscava entretanto outro marido.

MARTHA

Ah meu Deus, como era este primeiro
Facil outro não acho n'este mundo,
Não podia existir melhor doidinho.
Só tinha amor demais á vida errante
E a mulheres alheias, e á bebida
E ao jogo de azar, que Deus maldiga.

MEPHISTOPHELES

Vamos lá; ia a cousa á maravilha
Se pouco mais ou menos outro tanto
Vos perdoava elle. Aqui vos juro;
Com essa condição, de mui bom grado
Trocaria comvosco annel de noivc.

MARTHA

Quer vossa senhoria divertir-se.

MEPHISTOPHELES (*á parte.*)

Vou-me safando a tempo, capaz era
De pegar na palavra té ao Diabo.

(*A Margarida.*)

O vosso coração como se sente?

MARGARIDA

O que quer o senhor dizer com isso?

MEPHISTOPHELES (*para si*)

Tu innocente, santa creatura !

(*Alto*)

Adeus, senhoras.

MARGARIDA

Guarde-o Deus.

MARTHA

Dizei-me,

Bem quizera arranjar um attestado
De como, quando e onde meu marido
Morreu e se enterrou. Fui sempre amiga
Da boa ordem, quero na gazeta
Annuncio do seu obito.

MEPHISTOPHELES

Senhora,

De duas testemunhas pela boca
A verdade se prova em toda a parte.
Tenho comigo um fino companheiro
Que 'stá prompto a jurar. Virá comigo.

MARTHA

Pois fazei isso, sim ?

MEPHISTOPHELES

Mas tambem ha de

Esta menina vir? Um bello moço,
Tem viajado muito e é mui polido
Com as damas.

MARGARIDA

Terei tanta vergonha
Desse senhor.

MEPHISTOPHELES

De nenhum Rei da terra.

MARTHA

No meu jardim, alli detraz da casa,
Estaremos á noite á vossa espera.

RUA

Fausto. — Mephistopheles

FAUSTO

Como vai o negocio? Anda, é em breve?

MEPHISTOPHELES

Ora bravo, que em fogo vos encontro!
Em pouco tempo é vossa a Margarida.
Ind'hoje á noite em casa da vizinha,
Da Martha, a encontrareis. É uma matrona,
Uma mulher.... nem feita de proposito
Para prestar serviços desta especie.

FAUSTO

Bravo!

MEPHISTOPHELES

Mas um favor de vós se espera.

FAUSTO

Um serviço vale outro.

MEPHISTOPHELES

Deporemos
Validamente, que de seu esposo
O corpo inteiriçado jaz em Padua,
Em terra consagrada.

FAUSTO

Mui discreto!
É mister fazer antes a viagem.

MEPHISTOPHELES

Que candura de santo! De tal cousa
Nem se falla sequer. Dás juramento
Sem saber se é verdade.

FAUSTO

Se outro meio
Não tiver, o seu plano mallogrou-se.

MEPHISTOPHELES

Santo homem! De certo o sois agora!
Será a vez primeira em vossa vida,
Que levantareis falsos testemunhos?
Não tendes dado já com grande força,
Com insolente fronte, altivo peito,
Definições de Deus e do Universo,
Do que nelle se move, e até do homem
E do que a mente e coração lhe agita?
Se metterdes a mão na consciencia,
Confessareis que disso não sabieis
Mais que da morte do senhor Schwerdtlein.

FAUSTO

És e serás sophista e mentiroso.

MEPHISTOPHELES

Era bom se mais longe nós não vissemos.
E amanhã, co'as vistas mais honestas,
Não irás seduzir a Margarida
E amor lhe jurar do fundo d'alma?

FAUSTO

E bem do coração.

MEPHISTOPHELES

Bello e bonito!

Depois eterna fé, paixão infinda,
Impulso omnipotente, irresistivel....
Do coração também será tudo isso?

FAUSTO

Basta. Será! — Se fortemente sinto
E p'ra esse sentir, essa procella,
Nome procuro em vão que nenhum acho;
Se depois com o pensar percorro o mundo,
Das palavras mais altas me apodero
E o fogo em que ardo infindo chamo,
Eterno, eterno; é infernal mentira?

MEPHISTOPHELES

Mas eu tenho razão.

FAUSTO

Ouve e repara,
Te peço e que os pulmões poupar me queiras;
Quem quer levar a sua ávante e lingua
Possue, sempre o consegue. Anda 'stou farto
Deste palrar; emfim sempre venceste,
Porque me é força consentir em tudo.

Jardim

*(Margarida pelo braço de Fausto. Martha
com Mephistopheles passeando.)*

MARGARIDA

Bem vejo que o senhor todo é bondade
E abaixar-se quer p'ra confundir-me.
Anda tão costumado quem viaja
A contentar-se por delicadeza
De pouco. Sinto eu sobejamente,
Que minhas pobres fallas não divertem
Quem tanto sabe.

FAUSTO

Um só de teus olhares,
Uma palavra, muito mais m'int'ressam
Que deste mundo toda a vã sciencia.

(Beija-lhe a mão.)

MARGARIDA

Não faças tal! Como podeis beijal-a!
É tão grossa, tão rude! Em que trabalhos
Não tenho de lidar o dia todo!
Minha mãe é poupada em demasia.

(Passam.)

MARTHA

E vós, senhor, andaes sempre em viagens?

MEPHISTOPHELES

Quam duro é que a isso nos obriguem
Dever e profissão! Com que saudade
Às vezes de um logar nos apartamos
E sem poder ficar!

MARTHA

Nos verdes annos
Cabe bem divagar por esse mundo;
Mas chega alfim a idade, e á sepultura
Baixar solteiro, só, não fez ainda
Bem a ninguem.

MEPHISTOPHELES

É com horror que vejo
De longe tal futuro.

MARTHA

Pois em tempo,
Caro senhor, deveis acautelar-vos.

(Passam.)

MARGARIDA

Sim, mas longe dos olhos serei longe
Tambem do coração. Em cortezia
Sois mestre, mas amigos tendes tantos
De muito mais engenho que eu coitada.

FAUSTO

Acredita, querida, o que se chama
Engenho e intelligencia, as mais das vezes
É mera estupidez, louca vaidade.

MARGARIDA

O que?

FAUSTO

Pois a innocencia, a singeleza
Jamais conhecerão sua valia?
Humildade, modestia, dons supremos
Que com amor concede a natureza....

MARGARIDA

Pensae em mim sequer um instantinho,
Para pensar em vós sobra-me tempo.

FAUSTO

Estaes a miudo só?

MARGARIDA

Sim; é pequeno
Nosso arranjo caseiro, mas carece
Quem delle trate sempre. Uma creada
Não temos; varro, coso, o comer faço
E ando dentro e fora noite e dia;

É minha mãe em todas estas cousas
Tão exigente! Não que ella precise
Viver tão acanhada. Bem podíamos,
Melhor que muitos, pôr-nos á vontade:
Deixou-nos nosso pae bem boa herança,
Uma casa e jardim no arrabalde.
Comtudo passo vida bem tranquilla
Agora; meu irmão assentou praça,
Morreu minha irmansinha. Duras penas
Co'a creança passei, mas quem m'as dera
De novo, tanto a amava.

FAUSTO

Um anjo era
Se par'cida contigo.

MARGARIDA

Foi creada
Por minhas mãos e tinha-me sincero
Entranhavel amor. Viera ao mundo
Já depois do pae morto; por perdida
Tivemos nossa mãe, tão mal esteve.
Foi pouco e pouco recobrando as forças,
Mas em amamentar a creancinha
Nem podia pensar. Assim criei-a
Eu só com leite e agua, como filha
Minha que fosse, e ao meu collo o anjo
Sorria, bracejava, ia crescendo.

FAUSTO

A mais pura alegria então gosaste.

MARGARIDA

Mas também tive horas trabalhosas.
O berço da pequena estava á noite
Ao pé da minha cama, em se mexendo
Acordava-me logo; ora o seu leite
Tinha de dar-lhe e junto a mim deital-a,
Ou, se não se calava, levantar-me
E pelo quarto andal-a passeando.
E de manhan bem cedo ao lavadouro
Havia de ir, e á praça, e da cosinha
Tratar, e isto sempre; como hoje
Ámanhan outra vez. O animo falta
Neste lidar, senhor, algumas vezes,
Mas descanso e comida melhor sabem.

(*Passam.*)

MARTHA

A mulher 'stá peor, não tem partido,
Um solteirão a custo se converte.

MEPHISTOPHELES

Uma mulher qual sois, bem poderia
Idéas mais sensatas inspirar-me.

MARTHA

Dizei-o francamente, até agora
Nada encontrei? Em parte alguma o vosso
Coração se prendeu?

MEPHISTOPHELES

Diz o dictado —
Um lar que é nosso e uma boa esposa
Valem mais que ouro e perolas.

MARTHA

Dizia

Se nunca desejastes....

MEPHISTOPHELES

Fui eu sempre
Em toda a parte mui bem recebido.

MARTHA

Perguntava se amastes algum dia
Seriamente?

MEPHISTOPHELES

Ninguem deve atrever-se
A brincar com senhoras.

MARTHA

Não me faço

Entender.

MEPHISTOPHELES

Sinto muito, mas entendo
Que de grande bondade sois dotada.

(*Passam.*)

FAUSTO

Conheceste-me ha pouco, anjo adorado,
Quando entrei no jardim ?

MARGARIDA

Pois não o viste ?
Puz os olhos no chão.

FAUSTO

E tu perdoas
A liberdade que tomei, e quanto
Minha insolencia ousou quando saías.
Da cathedral ?

MARGARIDA

Fiquei como assombrada.
Nunca me succedera tal ; não tinha
Ninguem que me dizer. Ai, eu pensava,
Teus modos immodestos acharia ?
Parece que lhe veio ao pensamento
Logo, tratar-te com desembaraço.
Confesso-vos porém, não sei que cousa

Logo aqui se moveu em vosso abono ;
Quiz-me deveras mal, por não ter força
De mal vos querer a vós.

FAUSTO

Coração, anjo !

MARGARIDA

Deixae-me ver.

*(Colhe um malmequer e arranca as folhas
uma por uma.)*

FAUSTO

Que fazes ? ramalhetes ?

MARGARIDA

Não, 'stou brincando.

FAUSTO

Que é ?

MARGARIDA

Deixae-me agora,
Que de mim zombarieis.

(Arranca as folhas fallando baixo.)

FAUSTO

Que m'urmas ?

MARGARIDA (*a meia voz.*)

Mal me quer, bem me quer.

FAUSTO

Rosto divino.

MARGARIDA (*continúa.*)

Mal me quer, bem me quer, mal me quer,—ama-me!

(*Arrancando a ultima folha com alegria.*)

Sim, bem me quer!

FAUSTO

Dos ceus seja um oraculo
O que te disse a flor, sim, minha vida,
Ama-te! Entendes o que é—elle ama-te?

(*Pega-lhe nas mãos.*)

MARGARIDA

Estremeço de gosto.

FAUSTO

Não, não tremas!
O apertar das mãos, os olhos digam
O que ineffavel é; todo entregar-se
Arroubado em delicia tão intensa
Que deve ser eterna! Sim, eterna!

O fim della seria o desespero.

Sem fim! Sem fim!

(Margarida aperta-lhe as mãos, desprende-se e foge.

Fausto fica um momento pensativo e segue-a.)

MARTHA (*entra*)

A noite vem chegando.

MEPHISTOPHELES

É verdade, partamos.

MARTHA

Pediria

Que mais tempo ficassem, mas a terra
É muito má. Parece que outro officio
Ninguem tem mais, do que saber da vida
Da visinhança e os passos espreitar-lhe,
E por mais que se faça, não ha modo
De escapar ás más linguas. O que é feito
Do nosso lindo par?

MEPHISTOPHELES

Lá se sumiram
Da alameda no fim, quaes passarinhos
Que alegres brincam.

MARTHA

Ai, morre por ella.

MEPHISTOPHELES

E ella por elle. Assim vai sempre o mundo.

Um caramanchão

(Margarida salta dentro, esconde-se detraz da porta, põe o dedo nos beiços e espreita pela fenda.)

MARGARIDA

Elle ahi vem.

FAUSTO *(chega.)*

Másinha, p'ra que fazes
Negaças? Olha que eu....
(Beija-a.)

MARGARIDA

(Apertando-o nos braços e tornando o beijo)

Como te quero
Do coração, oh homem da minh'alma.

MEPHISTOPHELES *(bate.)*

FAUSTO *(batendo o pé.)*
Quem é?

MEPHISTOPHELES

Amigo.

FAUSTO

Animal.

MEPHISTOPHELES

É tempo

De nos irmos embora.

MARTHA

Sim é tarde,

Meu senhor.

FAUSTO

Poderei acompanhar-vos ?

MARGARIDA

A mãe era capaz... A Deus.

FAUSTO

Forçoso

É pois que parta ? A Deus.

MARTHA

A Deus.

MARGARIDA

Té vêrmo-nos.

(*Fausto e Mephistopheles saem.*)

MARGARIDA

Oh santo Deus, o que pensar não ha de
Este homem de mim? Toda acanhada
Diante delle estou e a tudo digo
Sempre que sim. Sou uma pobre tonta,
O que lhe agrada em mim não adivinho.

Bosque e grutas

FAUSTO (só.)

Espirito sublime, concedeste
Quanto pedir-te ousei. Não foi de balde
Que em fogo para mim volveste a face.
Para reino a soberba natureza
Me has dado, e poder para sentil-a
E gosar-lhe as bellezas. Não permittes
Que frias vistas só lhe lance attonito,
Deixas-me penetrar-lhe o intimo seio
Como um peito de amigo. Ante meus olhos
Dos viventes desdobras a cadêa,
E no bosque frondoso e fundas aguas,
Na vastidão do ar, irmãos me mostras.
E quando na floresta a tempestade
Ronca e brama, o pinheiro agigantado
Baqueando destroça hastes e troncos
Em torno, e ao fragor de sua queda

Com cavo e rouco som retumba o monte;
Então me guias a escondida gruta
E de meu ser o intimo descobres-me;
Do proprio peitò meu mysteriosas
Profundas maravilhas se revelam.
E pura, serenando tudo em torno,
A meus olhos se eleva a meiga lua,
E das rochas a prumo e moitas humidas,
Surgem-me do passado argenteos vultos,
Que da contemplação vem mitigar-me
O austero gosar, enlevo ardente.

Oh que nada completo é dado ao homem,
Ora conheço eu. Esta delicia,
Que dos Deuses tão proximo me leva,
Para agual-a me deste o companheiro
Que dispensar não posso, embora frio
Com insolente mofa ante mim mesmo
A abaixar-me se attreva, e só com um chasco,
Teus encantados dons em nada torne.
Accende no meu peito um fogo vivo
Que aquella imagem linda só cubiça,
E assim do desejar caio no goso,
E quando góso, desejar quizera!

(*Mephistopheles entra*)

MEPHISTOPHELES ,

De levar essa vida não 'staes farto?

Como podeis sustel-a tanto tempo!
Não é máo uma vez experimental-o,
Mas passando depois a cousa nova.

FAUSTO

Oxalá que afazer maior tivesses,
Que vir atormentar-me num tal dia.

MEPHISTOPHELES

Como, como? deixava-te quieto;
Mas não ousas pedir-m'ò seriamente.
Em companheiro tal, grosseiro e doido,
Perdera muito pouco. Em todo o dia
Um instante não tenho. O que lhe agrada
Ou se deve evitar, ninguém o póde
Ler na cara ao senhor.

FAUSTO

É muito justo
O que estás a dizer. Agradecer-te
Devo inda em cima quando me apoquentas.

MEPHISTOPHELES

Pobre filho da terra, de que modo
Viverias sem mim? Dos disparates
De teu imaginar, por muito tempo
Curar-te soube, e se eu não fôra, ha muito
Com a vida terias acabado.

Nas fendas dos rochedos, nas cavernas
Porque passas a vida como a c'ruja?
Que alimento sorves, como o sapo,
Das pedreiras, do musgo humedecido?
Passatempo celeste, primoroso!
Inda tens o doutor dentro do corpo.

FAUSTO

Se soubesses que vida e nova força
O vaguear no ermo em mim suscita,
Se podesses de leve suspeital-o;
És demonio de mais p'ra me deixares
Gosar tanta delicia.

MEPHISTOPHELES

É na verdade
Mais que humano prazer, sobr'as montanhas,
Ao relento da noite repousando,
Com a mente abranger em puro extasis
Toda a terra e os ceus, infatuando-se
Até julgar-se Deus, e com presago
Ardor ir revolver do mundo o seio;
Dos seis dias a Obra ter no peito,
Saborear com força altiva, energica
Não sei o que, fundir-se em doce raptio
Com este immenso todo, despojada
Toda a terrena essencia, e a sublime
Intuição—

(Faz um gesto.)

Não posso dizer como? —
Terminar a final.

FAUSTO

Mettes-me nojo.

MEPHISTOPHELES

Desagrada-vos isto; de dizer-me
Que cause nojo tendes o direito.
A pudicos ouvidos não se ousa
Dizer, o que de modo algum dispensam
Pudicos corações. Em fim, licença
Lhe dou de a si mentir algumas vezes,
Que não dura isso muito. Aborrecido
Já começa a estar, e dentro em pouco
Demencia, ancia ou terror te dilaceram.
Basta já disso! Espera a tua amante,
Tudo no mundo achando escuro e triste,
Não lhe sáis do sentido, doidamente
Te ama. No principio, qual torrente
Engrossada das neves derretidas,
Trasbordou teu amor; todo no seio
Lh'o vasaste, e agora o teu regato
Secco de novo está. Lá me parece
Que em vez de reinar nos vastos bosques,
O illustre doutor melhor faria,
Agradecendo á pobre da creança,

Um tão sincero amor. Moroso o tempo
E pesado lhe é; põe-se á janella,
Vê por cima dos muros da cidade
Passar as brancas nuvens. «Ah, se eu fosse
Um leve passarinho!» eis a cantiga
Que repete de dia, á noite canta.
Alegre ás vezes 'stá, muitas mais triste,
Chorosa ou na apparencia socegada,
Mas namorada sempre.

FAUSTO

Serpe, serpe!

MEPHISTOPHELES (*á parte.*)

Oxalá que te apanhe.

FAUSTO

Indigno, vai-te!
Nessa mulher tão bella não me falles,
A cubiça de seu mimoso corpo
Não me tragas á mente desvairada!

MEPHISTOPHELES

Que ha de ser então? Julga-te ella
Fugido já e quasi o és deveras.

FAUSTO

Perto estou della, e que estivesse longe.

Esquecel-a não posso nem deixal-a;
Do sacramento até tenho ciumes
Quando os labios lhe toca!

MEPHISTOPHELES

Bem, amigo.
Tambem vos invejei o par de gemeos,
Entre rosas pastando.

FAUSTO

Indigno, infame
Vai-te daqui!

MEPHISTOPHELES

Insultos? Rio delles.
Esse Deus que creou mulher e homem,
Reconheceu tambem o nobre officio
De lhes facilitar gostoso encontro.
Andae lá, que não é grande a desdita;
Não ides a morrer, ides a casa
De vossa namorada.

FAUSTO

E a ventura
Celeste de sentir-me nos seus braços
Que vale? Acalentando-me em seu seio
Pesa-me sempre a perdição de um anjo!
Pois não sou foragido, vagabundo,
Um monstro que não tem fim nem repouso,

Qual torrente que em furia se despenha
E se arroja espumante até o abysmo?!
Ella em sua innocencia, retirada
Na cabana que acoita o valle alpestre,
Neste pequeno mundo, em paz serena,
Toda a sua existencia circumscripta.
A mim de Deus precito não me basta
Os penedos levar, fazer pedaços;
É mister que a sepulte e o seu socego?
Inferno, para ti mais esta victima?
Ajuda-me, demonio, a ancia m'encurta.
Isso que tem de ser, emfim succeda.
Sobre mim em ruinas baqueando
O seu destino caia, e na voragem
Comigo se despenhe ella p'ra sempre!

MEPHISTOPHELES

Como de novo ferve, como arde!
Anda lá, tolo, corre a consolal-a.
Quando uma cabecinha assim não acha
Sahida, logo a morte se lhe antolha.
Viva quem se comporta com bravura!
Pouco te falta já p'ra ser diabo,
E no mundo não acho cousa alguma
Mais semsabor, que um démo desesp'rado.

QUARTO DE MARGARIDA

MARGARIDA (*só, fiando.*)

Perdido tenho o socego,
Magoado o coração;
Fugiu a paz da minh'alma,
Não a torno a achar mais, não.

Logar onde o não encontre
Triste é qual sepultura,
O mundo todo parece
Repassado de amargura.

A cabeça desvairada
Tenho, e turvo o pensamento.
Saudades, ai, que endoucem,
São meu continuo tormento.

Perdido tenho o socego,
Magoado o coração;
Fugiu a paz da minh'alma,
Mais não torno a achal-a, não.

Quando á janella me chego,
Querem meus olhos buscal-o;
E quando saio de casa,
É sómente p'ra encontral-o.

O seu ar é magestoso,
É gentil sua estatura.
Que fogo altivo nos olhos,
No sorriso que doçura!

E se dos labios lhe correm
Doces fallas de encantar,
Quando a mão elle me aperta,
Quando me chega a beijar!

Perdido tenho o socego,
Magoado o coração;
Fugiu a paz da minh'alma,
Não a torno a achar mais, não.

A elle meu peito aspira
Todo em amor abrazado,
Oh quem me dera aqui tel-o
Nestes braços apertado.

E tanto tempo beijal-o
Que me podesse faltar,
Ainda que de seus beijos
Eu houvesse de expirar.

JARDIM DE MARTHA

Margarida, Fausto.

MARGARIDA

Henrique, tu promettes?

FAUSTO

Quanto eu possa.

MARGARIDA

Se tens religião saber quizera ;
És bom deveras, sei, mas imagino
Que não guardas a fé.

FAUSTO

Não falles nisso,
Vida minha, bem sabes quanto te amo,
Por meu amor o sangue e vida dera ;
A ninguém roubar quero o sentimento,
A fé na sua Igreja.

MARGARIDA

Isso não basta,
Deve-se crer tambem.

FAUSTO

Devido o julgas?

MARGARIDA

Se contigo pudesse alguma cousa!
Não respeitas os santos sacramentos.

FAUSTO

Respeito, sim.

MARGARIDA

Mas sem amor. Ha muito
Que á missa não vais, nem te confessas;
Acreditas em Deus?

FAUSTO

Quem póde, filha,
Dizer eu acredito em Deus? Pergunta
Aos padres e aos sabios, a resposta
Parece escarnecer de quem pergunta.

MARGARIDA

Então não crês?

FAUSTO

Entende o que te digo,
Anjo, anjo do ceu. Quem é que ousa
A dar-lhe um nome e a affirmar se atreve
«Eu acredito nelle.» E quem sentindo,
A dizer se abalança «não, não creio?»

O que tudo contem, que tudo anima,
A mim, a ti e a si contem e anima.
Dos ceus não vês além curvar-se a abobada,
E firme a nossos pés não jaz a terra?
Com amoroso olhar astros eternos
Não se elevam? Não cravo nos teus olhos
Os meus, e penetrar em ti não sentes
Na mente e coração todo o Universo,
Que, arcano insondável, se desdobra
Visível e invisível de ti junto?
Com esse sentimento o peito inunda
E quando nelle immersa te sentires,
O nome então lhe dá que mais quizeres:
Delícia, coração, ou Divindade!
Nome não acho, o sentimento é tudo,
O nome é rumor vão, o nome é fumo,
Que o brilho dos ceus tolda e offusca!

MARGARIDA

Tudo isso é mui bom, muito bonito,
Quasi que diz o mesmo o nosso padre,
Mas por outras palavras.

FAUSTO

Dil-o tudo!
Todos os corações que o Sol aquece,
Na lingua cada um que lhe foi dada,
Dizel-o posso eu também na minha.

MARGARIDA

E sôa muito bem quando se ouve,
Mas algum erro nisso entra por força,
Pois não és bom Christão.

FAUSTO

Luz da minh'alma.

MARGARIDA

Ha muito tempo que me doe o vêr-te
Em companhia

FAUSTO

De quem é ?

MARGARIDA

Do homem
Que sempre anda contigo, e que aborreço
Do fundo de minh'alma. Em toda a vida,
Nada no coração me deu tal golpe,
Como a sua figura repellente.

FAUSTO

Meu coração; não tenhas delle mêdo. -

MARGARIDA

Ferve-me o sangue, se o vejo perto ;

E p'ra todos os mais sou sempre boa!
Mas assim como só por ver-te morro,
Assim pavor occulto elle me causa,
E por malvado o tenho só por isso.
Deus me perdoe, se sou com elle injusta.

FAUSTO

Neste mundo é mister que haja de tudo.

MARGARIDA

Com semelhante homem não quizera
Um instante viver. Se a porta cruza,
Olha p'ra tudo como escarnecendo
E quasi enfurecido. Vê-se logo
Que não o int'ressa nada, que não pode
Ter amor a ninguem. Dando-te o braço
Tão ditosa me sinto, e á vista d'elle
Confrange-se-me o peito.

FAUSTO

Tens meu anjo
Algum pressentimento.

MARGARIDA

Este horror tanto
Me possui, que se elle a nós se chega,
Acho que não te amo, e quando o vejo

Nunca posso resar. Isto magôa-me
Immenso; has de sentir o mesmo, Henrique.

FAUSTO

É uma antipathia.

MARGARIDA

Agora vou-me.

FAUSTO

Ai, pois não poderei nunca tranquillo,
Repousar um instante em teu regaço,
E o peito ao peito, a alma unir á alma?

MARGARIDA

Se dormisse sosinha, mui gostosa
O ferrolho te abrira hoje de noite;
Mas a mãe tem o somno muito leve
E se ella nos visse, eu morreria.

FAUSTO

Isso, meu amorsinho, não estorva.
Aqui tens este frasco; só tres gotas,
Que no copo lhe deites, a sepultam
Em somno bem profundo.

MARGARIDA

O que não faço

Eu por amor de ti? Mas estas gotas
Não farão mal algum.

FAUSTO

Pois de outro modo
Ousára aconselhal-o?

MARGARIDA

Em eu te vendo,
Não sei que força, homem da minh'alma,
Me move a teu capricho. Tenho feito
Tanto por ti, que me não resta quasi
Mais que fazer.

(*Sae.*)

(*Entra Mephistopheles.*)

MEPHISTOPHELES

A macaquinha foi-se?

FAUSTO

Estiveste outra vez espionando?

MEPHISTOPHELES

Ouvi perfeitamente o que se disse,
Foi o senhor Doutor cathechisado;
Bom proveito lhe faça, é o meu desejo.
Tem o maior empenho as raparigas
Em devotos nos ver á antiga moda;

Se nisto se dobrar, cogitam ellas,
Em tudo o mais é nosso.

FAUSTO

Monstro infame,
Não vês como s'afflige aquella santa,
Cheia de sua crença, que imagina
Unica ser que os homens salvar pode,
Porque julga perdido o que mais ama?

MEPHISTOPHELES

Tu ideal e sensual amante,
Pelo nariz te leva uma creança!

FAUSTO

Aborto singular de lama e fogo!

MEPHISTOPHELES

E de physionomia entende a palmos.
Quando me vê, não sabe o que em si sente,
Lê-me na face occulta pravidade,
Percebe que hei de ser de certo um genio
E talvez o diabo. Então á noite?

FAUSTO

E que te importa?

MEPHISTOPHELES

Tenho gosto nisso,

NA FONTE

Margarida. Elisa (*com bilhas.*)

ELISA

Não ouviste dizer nada de Barbara?

MARGARIDA

Cous'alguma. Com pouca gente fallo.

ELISA

Pois é certo, que a mim Sybilla o disse,
Lá se perdeu em fim. Eis o que fazem
Basofias.

MARGARIDA

O que foi?

ELISA

Por ahí'corre
Que quando come e bebe a dois sustenta.

MARGARIDA

Devéras?

ELISA

Teve a sorte que mer'cia;
Pois se não se largavam nem de noite!
Eram passeios, dansas lá n'aldéa,

Ella a ser a primeira em toda a parte,
E de vinho e pasteis a regalar-se.
Mettera-se em cabeça que era linda
E não tinha vergonha de acceitar-lhe
Presentes. Eram beijos e caricias,
Mas por fim lá se foi tambem a honra.

MARGARIDA

Coitada!

ELISA

Dó não tenhas! Quando á noite
Ficavamos fiando e vir á porta
Nos não deixava a mãe, ella folgava
Ao lado do amante; ao pé da entrada,
No banco ou nas escuras alamedas,
Ligeiro lhes corria o doce tempo.
Pois agora que soffra, e vá na Igreja
Penitencia fazer de dó vestida.

MARGARIDA

Por mulher elle a toma certamente.

ELISA

Não ha de ser tão tolo. Um moço esperto
Em outro logar pode ir divertir-se;
E até já partiu.

MARGARIDA

Isso é mal feito.

ELISA

Ainda que o apanhe paga-o caro!
Arrancam-lhe os rapazes a capella,
E nós á porta vamos espargir-lhe,
Palha picada.¹

MARGARIDA

Como pude outr'ora
Tão acre censurar, quando uma moça
Se deitava a perder! Como bastantes
Palavras não achava contra as faltas
Dos outros! Eram negras a meus olhos,
E denegria-as mais, e todavia
Denegridas assaz me não par'ciam.
Benzia-me e fazia-me soberba, —
E agora tambem sou peccadora. —
Porém, meu Deus, o que arrastar-me pôde
Ao mal, era tão doce, tão suave!

Muralha da cidade

*(Num nicho uma imagem de Nossa Senhora das
Dores. Diante da imagem jarras de flôres.)*

MARGARIDA *(pondo flôres nas jarras.)*

Oh volve,
Mãe dolorosa,
A meu soffrer a face piedosa!

¹ Vide nota no fim.

Com o coração varado,
Com o peito traspassado,
A morte do teu filho vê's e choras;

Com supplicante olhar,
Com triste suspirar,
Pela dôr que soffreis a Deus imploras.

Quem sente
Como é ardente
A dor que me devora?
O que meu peito recêa,
Porque treme, porque ancêa,
Sabes tu, só tu, Senhora!

Aonde quer que vá,
Que dor, que dor me dá
No coração, aqui;
Apenas fico só,
Choro, choro sem dó,
Rasga-se o peito em mi.

Os vasos das janellas
Em lagrimas banhei,
Quando ao amanhecer
Estas flôr's apanhei.

Bem cedo no meu quarto,
Brilhante o sol entrou;
Na cama já sentada,
Em prantos m'encontrou.

Vale-me, livra-me da vergonha e morte!

Oh volve,
Mãe dolorosa,
A meu soffrer a face piedosa.

Noite

(Rua diante da porta de Margarida.)

VALENTIM *(soldado, irmão de Margarida.)*

Quando ás vezes estavamos bebendo,
Uma roda de alegres camaradas, —
Com o copo na mão todos se gabam, —
E diante de mim os companheiros
As mais lindas donzellas celebravam,
Innundando o louvor com taças cheias,
Fincados sobre a banca os cotovellos;
Em todo o meu socego, lh'escutava
As basofias. Depois ria comigo,
Retorcias os bigodes e empunhando

Uma taça bem cheia lhes dizia :
Tudo tem seu logar, mas ha na terra
Quem se compare á minha Margarida,
Às mãos de minha irman quem deite agua ?
Toque, toque, tlin, tlão, corria a roda,
Muitos gritavam — tem razão, é a perola
De todas as donzellas. E callavam-se
Os maiores falladores. — E agora ?
É p'ra arrancar a grenha e na parede
A cabeça partir ! Com zombarias
Ou torcendo o nariz, qualquer brejeiro
Pode insultar-me, e vivo sempre em sustos,
Como mau pagador, estremecendo
A cada dito que fortuito escapa !
E ainda que em postas os fizesse —
Não podia chamar-lhes mentirosos.

Quem vem alli ? Quem acolá se esquivava ?
Parecem os taes dous de Margarida —
Mato-o, se é elle, não escapa vivo.

Fausto — Mephistopheles

FAUSTO

Como da fresta sáe da sacristia
Frouxo reflexo da perpetua lampada,
E cada vez mais fraco bruxulêa,

Pelas trevas de entorno circumscripto ;
Assim no peito meu é noite escura.

MEPHISTOPHELES

Pois eu estou como um gato em Janeiro,
Que canta o seu amor pelos telhados,
E detraz das paredes se espreguiça. —
Estou perfeitamente, sinto uns longes
Da avidez do ladrão e uns ardores
De cubiçosa, soffrega lascivia.
Tal effeito produz já no meu corpo
A noite de Walpurgis portentosa,
Que depois de ámanhan torna de novo.
É noite que se vela de bom grado.

FAUSTO

E no entretanto á superficie sobe
O thesouro que em terra luzir vejo ?

MEPHISTOPHELES

Has de ter muito breve o prazer grato
De pôr as mãos no precioso cofre.
Deitei-lhe ha pouco os olhos, e vi dentro
De bellas peças d'ouro gran quantia.

FAUSTO

Porém nenhum anel, nenhum enfeite
Com que possa adornar a chara amante ?

MEPHISTOPHELES

Parece-me que lá vi cousa a modo
De perolas em fio.

FAUSTO

Estou contente!
Pesa-me tanto ir vel-a sem levar-lhe
Algum presente.

MEPHISTOPHELES

Por algumas vezes
Gosardes gratis não deveis doer-vos.
Ides agora ouvir, pois que scintillam
Estrellados os ceus, um primor d'arte;
Para com mais certeza seduzil-a,
Uma canção moral eu vou cantar-lhe.

(*Canta acompanhando-se na guitarra.*)

Que estás aqui a fazer
Á porta do teu amado,
Cath'rina, ao alvorecer
Quando inda o sol não é nado?
Anda lá, deixa tu 'star;
Entras a porta donzella,
Mas não tornas a voltar
Como quando entraste nella.

Meninas, tento tomae,
Mal as cousas consummadas,
Boas noites; lá se vai
O amante e vós... — coitadas !
Não façaes, se amor vos tendes,
A nenhum ladrão favores,
Se não quando o anel no dedo
Vos metterem, meus amores.

VALENTIM (*entra.*)

A quem vens engrazar? com mil demonios,
Caça ratos maldito, leva a breca
Essa guitarra e tu que a 'stás tocando.

MEPHISTOPHELES

Partiu-me a guitarra! esta perdeu-se.

VALENTIM

E vou-te pôr ao sol esses miolos.

MEPHISTOPHELES (*a Fausto*)

Oh lá senhor Doutor, nada de medos !
Cozei-vos bem comigo, eu vou guiar-vos ;
Puxae por a catana e dae 'stocada,
Eu pararei somente.

VALENTIM

Pára esta.

MEPHISTOPHELES

E porque não ?

VALENTIM

Mais esta.

MEPHISTOPHELES

Com certeza.

VALENTIM

Parece que me bato com o demonio !
Que é isto ? tenho a mão entorpecida !

MEPHISTOPHELES (*a Fausto.*)

Atira.

VALENTIM (*caindo.*)

Eu morro.

MEPHISTOPHELES

Ahi o tens bem manso.
Agora safa, temos de sumir-nos
Que não tarda algazarra furiosa ;
Co'a policia sei eu mui bem haver-me,
Mas com crime de morte, não.

MARTHA (*á janella*)

Accudam !

MARGARIDA (*o mesmo.*)

Venha luz!

MARTHA

É uma briga, um alarido!

POVO

Um já 'stá morto.

MARTHA (*saindo.*)

O matador fugiu?

MARGARIDA (*saindo.*)

Quem jaz por terra?

POVO

De tua mãe o filho.

MARGARIDA

Que desgraça, meu Deus omnipotente!

VALENTIM

Eu morro! Diz-se breve e ainda mais breve
Succede. Porque estaes a prantear-me,
Mulheres? vinde ouvir-me aqui de perto.

(*Chegam-se a elle.*)

Escuta, Margarida, inda és mui nova

Fazes as cousas mal. Aqui t'o digo
Entre nós, já que és mulher perdida,
Sabe sel-o ás direitas, pelo menos.

MARGARIDA

Ai, Deus Nosso Senhor, irmão, que é isso?

VALENTIM

Deixa Nosso Senhor em paz! Passado,
Inda mal, é passado e d'ora ávante
Has de seguir o costumado trilho.
Com um amante começas em segredo,
Vem outro delle atraz e se uma duzia
Chegar a possuir-te, já pertences
Á inteira cidade!

Quando nasce,
Vem a torpeza ao mundo occultamente
E sobre a face lançam-lhe de pressa
O denso veu da noite. Bem quizeram
Suffocal-a á nascença. Mas se cresce
E ganha corpo, á luz do sol se affoita,
E todavia não se fez mais bella.
Com tanto mais ardor a luz procura,
Quanto mais se lhe augmenta a fealdade.
Já vejo o tempo vir em que se arrede
De ti, como d'um corpo corrompido,

Todo o burguez honrado, prostituta!
Ha de tremer-te o coração no peito
Se alguém te encarar! Nem cordão d'ouro
Tornarás a trazer, nem mais na Igreja
A chegar-te ao altar. Lenço de rendas
Não has de tu pôr mais, p'ra divertir-te
Nas danças aldeans. Num canto escuro,
Mettida entre aleijados e mendigos,
Embora do Senhor perdão alcances,
Has de na terra sempre ser maldicta!

MARTHA

Vossa alma ao senhor das misericórdias
Recommendae, com maldicções ainda
A quereis carregar?

VALENTIM

Maldicta velha,
Se podesse arrancar-te a pell' tisonada,
Tinha certo o perdão de meus peccados.

MARGARIDA

Que dizes, meu irmão, ai que tormento!

VALENTIM

Já te disse que escondas essas lagrimas.
Quando a honra perdeste, mortal f'rida

Me rasgaste no peito. P'ra Deus subo,
Morrendo qual soldado valoroso.

(*expira.*)

Cathedral

(*Officio, organ e canto. Margarida entre muito povo.
Espírito máo atraz de Margarida.*)

ESPIRITO MÁO

Margarida, como eras
Outra, quando de innocencia
Inda cheia, te chegavas
Ao altar e do livrinho
As orações murmuravas?
No coração ora tinhas
O teu Deus, ora os brinquedos
De creança. Margarida,
Em tua mente que mêdos,
Que crime no coração!
Por tua mãe 'stás rezando
Que morreu por culpa tua,
Que tormentos 'stá penando
Longos, longos? Este sangue
De quem é na tua porta?
E no teu ventre não sentes
Que se agita e te angustia,
Um ente cuja presença
Crua dôr te presagia?

MARGARIDA

Ai, ai!

Quem me dera escapar aos pensamentos,
Que me perseguem crus e se levantam
Contra mim!

CORO

Dies iræ, dies illa
Solvat sæc'lum in favilla.

(Orgão.)

ESPIRITO MÁO

Apodera-se o pavor
De ti, da tuba ao clangor
Os sepulchros estremecem,
E treme teu coração
Das cinzas ressuscitado,
Para ser na eterna chamma
Do inferno sepultado.

MARGARIDA

Quem me dera daqui longe.
Tolhe m'a respiração
O organ, rasgam-me os cantos
O fundo do coração!

CORO

Judex ergo cùm sedebit
Quid quid latet, apparebit,
N'il inultum remanebit

MÁRGARIDA

Já me sinto suffocar!
As columnas me comprimem,
O tecto esmaga-me. Ar!

ESPIRITO MÁO

Esconde-te! O crime e a vergonha
Escondidos não ficam.
Luz e ar?
Ai de ti!

CORO

Quid sum miser tunc dicturus?
Quem patronum rogaturus,
Cùm vix justus sit securus?

ESPIRITO MÁO

De ti os justos desviam
A face transfigurada,
E auxilio te recusam
Até os santos desgraçada!

CORO

Quid sum miser tunc dicturus?

MARGARIDA

Ai, vizinha, que 'desmaio!

(*Desmaia.*)

NOITE DE WALPURGIS

Montanhas do Harz — Cercanias de Schierke e Elend.

Fausto — Mephistopheles.

MEPHISTOPHELES

Um bom pau de vassoura não cubiças?
Eu quizera dos bodes o mais forte.
Da meta neste andar longe inda vamos.

FAUSTO

Em quanto sinto as pernas diligentes,
Este bordão nodoso é me bastante.
Achar mais curta senda que aproveita?
Dos valles vaguear no labyrintho,
Estas rochas galgar d'onde se arroja
Em eterna espadana a pura fonte,
Eis o deleite que a jornada adoça.
Já nos alamos ferve a primavera,

No pinheiro invernosso já se sente,
Como não ha de os membros penetrar-me?

MEPHISTOPHELES

De tal cousa não sinto nem suspeitas!
No corpo tenho o inverno, gelo e neve
Por sobre este caminho desejára.
Como sobe tristonho o mingoante
Disco da lua, com fulgor tardio,
Allumiando mal, que a cada instante
Em penedos e troncos tropeçamos.
Deixa-me aqui chamar um fogo fatuo,
Descubro acolá um que alegre brilha.
Oh lá, amigo, oh lá! posso pedir-te
Que te chegues a nós? De que te serve
Arder assim debalde? Favor faze
De vir allumiar-nos a subida.

FOGO FATUO

Espero conseguir de respeitoso,
Que se constranja minha leve essencia;
Caprichosa e errante a marcha é nossa.

MEPHISTOPHELES

O que? Pois imitar os homens cuida?
Ande direito em nome do demonio,
Ou sopro-lhe essa vida vacillante.

FOGO FATUO

Sois da casa o Senhor, bem o conheço,
Ao mando vosso de bom grado acudo;
Porém notae, de mil feitiços cheia
A montanha hoje está; se um fogo fatuo
Quereis por guia ter, muito exigentes
Vos não deveis mostrar, nem mui severos.

FAUSTO, MEPHISTOPHELES E O FOGO FATUO

(Cantando alternadamente.)

Parece que penetramos
Dos encantos nas regiões,
Bem nos guia que te honras,
Porque ávante prosigamos
Nestas vastas soidões.

Vejo arvore apoz d'arvore
Velocissimas passando,
Curvam-se altos alcantis;
Roncam e vão assoprando
As rochas pelo nariz.

Pelos seixos, pela relva,
Vão regatos sussurrando,
Ouço murmurios na selva
Ou canções? São melodias,

Vozes de passados dias,
Doce amor, ardente esp'rar,
Que como legenda antiga,
Vem o echo recordar.

Uhu, schuhu gritam perto
Gaio, mocho e noitibó.
Pois tudo 'stará desperto,
Não dormirá nem um só?
Barrigudas salamandras
São nas moitas a mexer?
E as raizes quaes cobras
No areal a correr,
Extranhos laços formando,
Eis nos prendem nos aterram;
De troncos solidos lançam
Mãos, de polypo que afferram
O viandante. E os torpes ratos
Variegados, numerosos,
Pelo musgo da charneca
Vão correndo pressurosos.
E lá fulgem vagalumes,
Voando em densos cardumes
Ao cortejo que endoudece.

Mas dize tu se paramos
Ou inda mais longe vamos?
Tudo volver-se parece!

Os rochedos e as arvores,
Feias visagens fazendo,
Os nocturnos fogos fatuos
Que vão inchando e crescendo.

MEPHISTOPHELES

Eis aqui no centro um pincaro,
Segura bem o meu manto.
Qual brilha Mammon no monte
É de ver-se com espanto.

FAUSTO

Que triste extranha luz de aurora pallida,
Pelo fundo dos valles scintillando,
Té as fauces immensas dos abysmos,
Estende os frouxos raios. D'aqui sobe
Um espesso vapor, acolá correm
Exhalaçõcs, miasmas insalubres ;
Entre denso negrume, alli refulge
Um clarão, que depois em tenues fios
S'escoa, ou qual nascente salta em jorro ;
Aqui serpeia por espaço longo,
Nò fundo deste valle em veias cento,
Acolá n'um recanto comprimido
Isola-se de subito. Mais perto
Saltam faiscas como arêa de ouro.
E olha, lá se acende a rocha a prumo,
Em toda a sua altura, grandiosa.

MEPHISTOPHELES

Não illumina com magnificencia,
Mammon para tal festa o seu palacio?
De ditoso te preza pois que o viste!
Já pressinto os convivas appressados.

FAUSTO

Como o vento raivoso estruge os ares,
E com golpes a nuca me fustiga!

MEPHISTOPHELES

Se ás fendas da rocha não te afferras,
Desse abysmo no fundo vae lançar-te.
Engrossa a noite escura um nevoeiro;
Ouve estalar os bosques. Assustadas
As c'rujas fogem. Lá se fendem, ouve,
Dos sempre verdes paços as columnas;
Gemer e rebentar de longas hastes,
De forte tronco sonoro arranco,
Estalar de raizes que se racham!...
Em temerosa queda confundidos
Baqueando estouram troncos, e os ventos,
Pelos corgãos cobertos de destroços,
Assobiam e uivam. Nas alturas,
Ao longe, ao perto, não escutas vozes?
Oh sim, ao longo da montanha inteira,
Um magico cantar sôa estridente.

BRUXAS (*em côro.*)

Correm ao Brocken as bruxas,
Louro é o colmo e verdejante
A seara. Lá se junta
O tropel e Uriante¹
No cimo sentado está,
Pedras, bosques passam. Fede
Bode e bruxa dá.

VOZ

A velha Baubo sosinha,
Numa porca vem montada.

CORO

Honra seja a quem compete,
Baubo á frente a commandar;
Porco forte, a mãe em cima,
Atraz bruxas a marchar.

VOZ

Porque caminho vens ?

VOZ

Por Ilsenstein,
Da coruja espreitar eu fui o ninho ;
Fez uns olhos tamanhos !

¹ Vide nota no fim.

VOZ

Vai-te ao demo,
Porque cavalgas tu com tanta pressa !

VOZ

Esfolou-me o corpo todo,
Olha as f'ridas, deste modo !

CORO DE BRUXAS

O caminho é largo, é largo e comprido,
Que tumulto é este tão descomedido ?
Espeta o forçado, arranha a vassoura,
Abafa a creança e a mãe estoura.

BRUXOS (*meio coro.*)

Como o caracol a casa arrastando,
Mulheres á frente nós vamos andando.
Do demo á morada se alguém ir quizer,
Ávante uma milha lhe passa a mulher.

OUTRA METADE

A cousa não vemos nós dessa maneira ;
A mulher mil passos terá de dianteira,
Em vão porém corre, de balde se cança,
Com um pulo sómente o homem a alcança.

15

voz (*de cima.*)

Lá do lago das rochas, venham, venham.

VOZES (*de baixo.*)

Bem quizeramos nós subir ao alto ;
Lavamo-nos, e brancos 'stamos todos,
Mas estereis tambem p'ra todo o sempre !

AMBOS OS COROS

Cae o vento, foge a estrella,
Esconde a face o luar ;
Sussurrando o coro magico,
Mil faiscas faz saltar.

voz (*de baixo.*)

Alto lá, alto lá.

voz (*de cima.*)

Quem dessa fenda
De rochedo nos chama ?

voz (*de baixo.*)

Oh, levae-me !
Levae-me, que ha tres seculos que subo
E não attinjo o cimo. Á minha equalha
Como iria juntar-me de bom grado !

AMBOS OS COROS

Leva a vassoura, o bordão,
Leva o forçado e o bode;
Quem hoje se não eleva,
Perdido julgar-se póde.

SEMIBRUXA (*de baixo.*)

Atraz de vós já corro ha tanto tempo;
Como vão longe os mais! Nunca descanso
Em casa, mas aqui nada consigo.

CORO DE BRUXAS

O unguento á bruxa dá coragem
E um trapo qualquer é vela bôa,
Um balde, um gamelão bellos navios;
Quem hoje não voar, nunca mais vôa.

AMBOS OS COROS

Quando ao cimo nós chegarmos,
No chão vos ide sentando;
E com o tropel do bruxêdo,
Toda a charneca inundando.

(*Sentam-se.*)

MEPHISTOPHELES

Apertam-se e empurram-se, escorregam,
Sibilam, rodam, puxam-se e sussurram,
Faiscam, luzem, ardem, fedem, queimam!

'Stá no seu elemento a bruxaria.
Mas segura-te a mim que nos separam.
Onde estás tu? -

FAUSTO (*ao longe.*)

Aqui.

MEPHISTOPHELES

Pois já tão longe!
Forçoso é que use dos direitos
De um dono de casa. Logar, eia!
Deem logar ao senhor Voland¹ que chega.
Logar, boa canalha. Doutor, anda,
Pega-te a mim e agora de um só pulo
Escapemo-nos desta turbamulta,
Que até para mim demais é doida.
Acolá 'stá luzindo alguma cousa
Com extranho fulgir, p'ra aquellas moitas
Attrahido me sinto. Anda depressa,
Vamo-nos lá metter.

FAUSTO

Da contradicta

O espirito és! Pois bem, conduze-me.
De mui discreto alvitre me pareces:—
Em noite de Walpurgis vir ao Brocken
E depois de lá estar, fugir das turbas!

¹ Vide nota no fim.

MEPHISTOPHELES

Olha p'ra alli, que variadas chammas!
Reunido um club alegre. Entre pequenos,
Ninguem se acha isolado.

FAUSTO

Mas prefiro
Áquelle monte ir. Fulgor de chammas
E turbilhões de fumo já descubro.
Impetuosa a turba corre ao démo;
Mais d'um enigma alli solver-se deve!

MEPHÍSTOPHELES

Tambem mais d'um enigma alli s'enreda.
Deixa do grande mundo o vão sussurro,
Vamos aqui gosar muito em socego.
É usança de ha muito consentida,
Do gran'circ'lo fazer muitos pequenos.
Bruxasinhas lá vejo todas nuas,
E velhas que prudentes se vestiram.
Peço por quanto ha que amavel sejas,
O incommodo é leve e o gosto grande.
Parece que ouço bulha de instrumentos;
Algazarra maldicta! E ha de a gente
Acostumar-se a isto! Vem comigo,
Não ha outro remedio. Entrando, levo-te
E um novo favor torno a fazer-te.

Que dizes, meu amigo? É largo o espaço.
Estende ao longe o olhar, — fim não descobres,
Ardem fogueiras mil em longas filas,
Uns dansam, outros palram, comem, amam;
Onde melhor se encontra, has de dizer-me.

FAUSTO

E para introduzir-nos qual te mostras,
Como demonio ou como feiticeiro?

MEPHISTOPHELES

É verdade que uso andar incognito,
Mas em dias de gala põe-se a farda.
Nenhuma jarreteira aqui m'illustra,
Mas o pé de cavallo é respeitado.
Não vês aquella lesma? vem chegando
De rojo; com a face que tactea
Já pressentiu em mim alguma cousa.
Ainda que quizesse, não lograva
O disfarçar-me aqui. Vem pois comigo,
De fogueira em fogueira seguiremos,
Eu serei o mercurio, tu o amante.

*(A alguns que estão sentados em torno de carvões
que se apagam.)*

Velhotes, que fazeis aqui de parte?
Se no meio da festa e das folias
Que faz a mocidade vos topasse,

Gabára-vos de certo. É' já bastante
O tempo que se passa a sós em casa.

GENERAL

Quem ainda em nações póde fiar-se?
E por mais que por ellas tenha feito;
Sempre rendem os povos, quaes mulheres,
De preferencia á mocidade preto.

MINISTRO

Estes tempos de agora, da justiça
Muito se affastam; louvo o tempo antigo.
A idade d'ouro foi de certo a época,
Em que todo o poder tinha comigo.

PARVENU¹

Na verdade não fomos nenhuns parvos,
E soubemos trepar de muito modo;
Porém, quando queríamos socego,
Parece confundir-se o mundo todo!

AUTOR

Quem póde agora lêr um só escripto
De moderado, douto conteúdo?
Pelo que toca á chara mocidade,
Tem-se feito insolente mais que tudo.

¹ Vide nota no fim.

MEPHISTOPHELES (*apparecendo de subito muito velho.*)

Para o dia novissimo maduros
Os homens me parecem, pois que subo
Pela vez derradeira esta montanha;
E como o meu tonel dá vinho turvo,
O mundo todo acho em decadencia.

BRUXA VENDILHÔA

Não vos vades assim, oh meus senhores,
Não desprezeis occasião tão bella!
Estas minhas fazendas vêde attentos.
Entre ellas achaes mui varias cousas,
E todavia nada que na terra
Tenha rival ou seja equiparado,
Que não haja uma vez funesto damno
Aos homens e ao mundo produzido!
Punhal algum que sangue não vertesse,
Nem calix que peçonha devorante
A membros são não tenha propinado;
Joiias que vedes, tem comprado honras
De formosas donzellas, não ha espada
Que, violando a fé, se não cravasse
Nas costas do contrario, traiçoeira.

MEPHISTOPHELES

Isso é não conhecer os tempos, tia!

O passado é passado. Fornecei-vos
De cousas novas, essas chamam gente.

FAUSTO

Oxalá que o tino me não fuja,
Mas parece-me ser isto uma feira.

MEPHISTOPHELES

O turbilhão inteiro ao cimo tende
E julgas impellir, quando t'impellem.

FAUSTO

Quem é aquillo ?

MEPHISTOPHELES

Considera-a attento;
Lilith é ella.

FAUSTO

Quem ?

MEPHISTOPHELES

De Adão a esposa
Primeira. Teme os seus cabellos d'ouro,
Esse ornato com que singular brilha;
Quando nelles enreda algum mancebo,
Da formosa prisão não o solta facil.

FAUSTO

Além 'stam duas damas, moça e velha ;
Teem dansado devéras esta noite.

MEPHISTOPHELES

Para ellas não ha descanso hoje ;
Nova dansa começa, anda dansemos.

FAUSTO (*dansando com a moça.*)

Sonhando vi uma arvore,
Dois lindos pomos trazia ;
Em appetite abrazado,
Para colhel-os subi-a.

A BELLA

É já desde o paraizo
Que os pomos cubiçaes,
Toda de gosto me encho
Por ter no meu jardim taes.

MEPHISTOPHELES (*com a velha.*)

Tive um sonho monstruoso ;
Arvore immensa fendida,
Um nella aberto
E gostei, por minha vida.

A VELHA

Ao senhor com pé de besta,
Minha melhor saudação;
Boa tenha prompta
Se não teme o

PROKTOPHANTASMISTA ¹

A que vos atreveis, maldita gente?
Não vos foi demonstrado ha muito tempo,
Que em pés ordinarios não descansam
Espiritos? Dansaes como nós outros?!

A BELLA (*dansando.*)

Que vem este fazer ao nosso baile?

FAUSTO (*dansando.*)

Ora, elle apparece em toda a parte!
Dos outros ha de criticar a dansa;
Se cada passo apreciar não pode,
É como se tal passo não houvesse.
Sobre tudo o irrita irmos ávante.
Se volver-vos em circulo quizesseis,
Como em sua atafona fazer usa,
Talvez o approvasse; maiormente
Em lhe fazendo grave reverencia!

¹ Vide nota no fim.

PROKTOPHANTASMISTA

E ainda ahi estaes ! Cousa inaudita !.
Desappar'cei, que somos illustrados.
Regras não guarda a sucia endiabrada ;
Somos tão atilados e comtudo
Ousam phantasmas amostrar-se em Tegel¹
Estas vans illusões tanto ha que varro,
E perco o meu trabalho ; é inaudito !

A BELLA

Ora deixae de estar a apoquentar-nos.

PROKTOPHANTASMISTA

Na cara vol-o digo a vós, phantasmas,
Despotismo de espiritos não soffro,
Que nunca o meu capaz foi de exercel-o.

(Continua a dansa.)

Já conheço que hoje nada faço :
Mas sempre umas viagens² levar quero,
E antes de morrer, affago a esp'rança
De vir a dominar demo e poetas.

MEPHISTOPHELES

Eil-o que vai sentar-se n'uma poça,

¹ Vide nota no fim.

² Vide nota no fim.

É maneira que tem de aliviar-se,
E quando no trazeiro se lhe fartam
As sanguesugas, cura-se de espiritos
E de espirito.

(*A Fausto que saiu da dança.*)

E tu assim deixaste
A linda moça, que tão bellas trovas
Te cantava dansando?

FAUSTO

Um rato ruivo,
Da boca lhe saltou quando dansava.

MEPHISTOPHELES

Ora fizeste bem! Não se repara!
Já bastava não ser o rato pardo.
Quem nas horas de amor de tal se occupa?

FAUSTO

E mais eu vi, —

MEPHISTOPHELES

O que?

FAUSTO

Mephisto, olha,
Vês uma linda, pallida creança

Que só, de parte está? Tão lentamente
Anda, como de algemas entravada;
Que semelhava á chara Margarida
Confesso que pensei.

MEPHISTOPHELES

Deixa lá isso,
Que a ninguem faz bem. É uma phantasma,
Um idolo sem vida. É o encontral-a
Aziago e ruim; co'o olhar gelado
O sangue paralyza, em pedra torna:
De certo que já ouviste da Medusa?

FAUSTO

Os olhos são, bem vejo, de defunta
Que mão amiga não cerrou. Aquelle,
O seio é da chara Margarida,
Aquelle o corpo, que gosei mimoso.

MEPHISTOPHELES

Pois é esse o encanto, pobre tonto,
Que tão facil t'illudes. Affigura-se
A todos, nella ver da amante a imagem.

FAUSTO

Que belestes delicia, que tormento!
Daquelle olhar não posso desprender-me.
Que maravilha que o formoso collo,

Roxo cordão adorne tão estreito,
Qual gume de cutello.

MEPHISTOPHELES

Certamente,
Tambem o vejo eu. Bem pode ella
A cabeça trazer de sob o braço,
Que lh'a cortou Perseu. Com que então sempre
Esse amor da illusão? Deste outeirinho
Subamos té o tope. É tão alegre
Isto aqui como o Prater. Se não érro,
Um theatro até vejo. O que vai dar-se?

SERVIBILIS

Nova peça começa já de prompto;
A ultima de septe, que outras tantas
É de uso aqui dar-se. Um dilettante
As escreveu e outros representam-nas.
Perdão, senhores, se ousou assim deixar-vos,
O meu deleite é levantar o panno.

MEPHISTOPHELES

De vos vir encontrar aqui no Blocksberg,
Mui satisfeito estou, pois pertenceis-lhe.

SONHO DA NOITE DE WALPURGIS

ou

As bodas de ouro

DE OBERON E DE TITANIA

Intermezzo

DIRECTOR DE THEATRO

Valentes filhos de Mieding¹,
Descansamos a final;
Formam sósinhos a scena,
Alto monte, humido val.

ARAUTO

Para serem de ouro as bodas,
Lustros dez hão de passar;
Mas o ouro é o que prefiro,
Quando a disputa² acabar.

¹ Vide nota no fim.

² Vide nota no fim.

OBERON

Se de mim sois perto, espiritos,
Neste momento appar'cei;
Pois que de novo a Rainha,
Congraçada está com o Rei.

PUCK

Vem Puck torcendo o corpo,
O pé na dansa arrastando,
Veem aos centos apoz delle
Outros alegres brincandó.

ARIEL

Com puros suaves tons,
Ariel cantando vem;
Attrahe o som feios medos,
Mas formosuras tambem.

OBERON

Esposos que amar-se querem
De nós exemplo tomando,
Para que ternos s'estimem,
Um do outro ide apartando.

TITANIA

Se tem caprichos a esposa,
Ralha o homem todo o dia;

Mandae aquella p'ra o norte
E este p'ra o Meio Dia.

ORCHESTRA TUTTI

(*Fortissimo.*)

Trompas de moscas, mosquitos,
Mil insectos zumbidores,
Ran do charco, negro grillo,
Eis aqui os tocadores.

SOLO

Lá vem a gaita de folles,
É a bola de sabão;
Ouvi-lhe do nariz rombo
O arruido guinchão.

ESPIRITO QUE COMEÇA A FORMAR-SE

Ventre de ran, pés de aranha
E azas ao entesito;
Não chega a ser um bichinho,
Mas sim um poemasito.

UM PÁRSINHO

Por doce orvalho e perfumes,
Passinhos, alto pular;
Saltitas de certo muito,
Mas não te elevas ao ar.

VIAJANTE CURIOSO

Não é isto mascarada?
Nos olhos me fiarei?
Oberon, o Deus formoso,
Inda hoje aqui verei?

ORTHODOXO

Não tem nem garras nem rabo,
Mas não ha que duvidar;
Como as deidades da Grecia,
Por demonio ha de passar.

ARTISTA DO NORTE

Os meus trabalhos de agora
Apenas esboços são,
Mas a viagem a Italia
Já tenho em preparação.

PURISTA

A desdita aqui me trouxe,
Que cousas disparatadas!
De toda a chusma das bruxas
Só 'stam duas empodadas!

BRUXA MOÇA

Para velhas já grisalhas
Os pós e vestidos são,

Monto nua no meu bode,
Mostro um corpo bello e são.

MATRONA

Somos muito bem creadas
Para bem vos responder;
Moça e fresca como sois,
Inda haveis de apodrecer.

DIRECTOR DE ORCHESTRA

Trompas de moscas, mosquitos,
Não zumbaes da nua perto;
Ran do charco, negro grillo,
O compasso não vai certo.

CATAVENTO

(Para um lado.)

Companhia, da melhor!
Tudo noivas, na verdade;
E rapazes, quantos são,
Esp'rançosa mocidade.

CATAVENTO

(Para outro lado.)

Se a terra se não abre
Para todos engulir,

Delles vou, sem mais detença,
Até o inferno fugir.

XENIAS

De ferrão pequeno, agudo,
Como insectos 'stamos cá;
Para honrar, como é devido,
Satanás nosso papá.

HENNINGS¹

Vede-as em densa chusma,
Gracejar ingenuamente!
A final hão de dizer
Até que são boa gente.

MUSAGETA

Neste tropel de bruxêdo
Contente me sumiria;
Quanto melhor do que as musas
Eu guial-o saberia.

CI-DEVANT GENIO DO TEMPO

Com boa gente é se muito;
Ergue o meu manto do chão!
É tão espaçoso o Blocksberg
Como o Parnaso allemão.

¹ Vide nota no fim.

VIAJANTE CURIOSO

Dizei quem o homem teso
Que com passo altivo anda?
Fareja a, bom farejar.
«A Jesuitas demanda.»

GROU

Gósto de nas aguas claras,
E mais nas turvas pescar;
Por isso vêdes um santo
Ir-se aos diabos juntar.

MUNDANO

Aos devotos, crede em mim,
Tudo serve de vehiculo;
Pois até aqui no Blocksberg,
Formam muito conventiculo.

DANSARINO

Lá vem de certo outro coro;
Ouço de longe tambores,
Ora escutem, — nos canissos
São unisonos cantores.

MESTRE DE DANSA

Pulam todos quanto podem,
Com ardor pernas mexendo,

E nem ao menos perguntam,
Que figura estão fazendo.

PATUSCO

Odeia-se esta canalha,
Folgára de exterminar-se;
Qual de Orpheu a lyra as feras,
Fal-os a gaita juntar-se.

DOGMATICO

Não me podem confundir
Disputas nem gritaria;
É o diabo alguma cousa,
Aliás não existia.

IDEALISTA

Minha mente a phantasia
Domina de pólo a pólo;
Sendo todas estas cousas,
Tambem hoje hei de ser tolo.

REALISTA

Agonia-me a substancia,
Pesa-me sobremaneira;
Mal seguro sobre as plantas
Estou pela vez primeira.

SUPRANATURALISTA

Com prazer aqui me acho,
Vou-me com estes unir;
Pois dos demonios bem posso
Os bons anjos deduzir.

SCEPTICO

Seguem das chammas o rasto,
Cuidando o thesouro achar;
Diabo rima com duvida¹,
Aqui estou no meu logar.

CHEFE DE ORCHESTRA

Ran do charco, negro grillo,
Oh maldictos amadores;
Trompas de moscas, mosquitos,
Devéras sois tocadores.

OS DESTROS

De creaturas alegres,
Sem cuidados diz-se a roda;
Sobre as cabeças andamos,
Que com pés já não é moda.

¹ Vide nota no fim.

OS LORPAS

Noutros tempos bons bocados
Alcançámos, mas agora, —
Andamos quasi descalços,
Com os dedinhos de fóra.

FOGOS FATUOS

Vimos dos brejos aonde
Fomos primeiro nascidos,
E somos, aqui na dansa,
Cavalheiros mui luzidos.

ESTRELLA CADENTE

Das alturas aqui vim,
D'astro com vivo fulgor;
-Eis-me na relva estendida,
Quem de pé me torna a pôr?

OS MACISSOS

Deem logar, arreda tudo!
As hervas tem os vergado;
São espiritos e espiritos
Tambem tem corpo pesado.

PUCK

Tão pesados não andeis,
Quaes novilhos de elephante!

De nós todos neste dia,
Seja Puck o mais possante.

ARIEL

Se vos deu azas o espirito
Ou natureza, ao outeiro,
Que vestem rosas fragrantas,
Segui meu rasto ligeiro.

ORCHESTRA

(pianissimo.)

Veiu de nuvens, nevoeiros,
Alta luz allumiou ;
Sopra o vento nos canissos
E tudo se dissipou.

DIA NUBLADO

Campo

Fausto. — Mephistopheles

FAUSTO

Na miseria! Desesperada! Por muito tempo vagueando miseravelmente na terra e emfim presa. Encerrada, como criminosa, num carcere onde soffre horriveis tormentos, aquella meiga, desditosa creatura. A tanto, a tanto chegou! — E tudo isto me occultaste, espirito indigno, traiçoeiro! — Pára ahi, pára. Retorce enfurecido esses olhos diabolicos. Pára e desafia-me com a tua intoleravel presença. Presa! Em irreparavel desdita. Entregue a ruins espiritos e á despiadada justiça dos homens. E tu, no entanto, embalas-me com as mais desenxabidas distracções, escondes-me a sua dôr cada vez mais crua e deixas que pereça sem soccorro!

MEPHISTOPHELES

Não é a primeira.

FAUSTO

Cão! Monstro abominavel! Transforma-o, espirito infinito, transforma de novo o verme em cão; dá lhe a forma sob que folgava de correr de noite diante de mim, rolando-se debaixo dos pés do viandante inoffensivo e pendurando-se dos hombros do infeliz que se despenhava. Restitue-lhe a sua forma favorita; que diante de mim roje o ventre na terra e eu calque aos pés o reprobó! — Não é a primeira! — Horror, horror de nenhuma alma humana concebido, que mais de uma creatura seja submergida neste abysmo de miseria; que a primeira que se estorceu nas angustias da morte, não expiasse, aos olhos do Todo Misericordioso, as culpas de todas as mais. Abala-me até a medulla a desgraça desta unica, e tu ris socegado do soffrer de milhares!

MEPHISTOPHELES

Ora ahi estamos de novo nos limites da nossa razão, onde vós outros homens perdeis de todo a cabeça. Para que te associas connosco, se te fallece a necessaria força? Queres voar sendo

subjeito à vertigens? Procurámo-te nós a ti, ou tu a nós?

FAUSTO

Não ranjas diante de mim .esses dentes de fera. Mettes-me nojo! — Immenso, glorioso espirito, que te dignaste apparecer-me; tu que conheces meu coração e minha alma, porque me encadêas a este infame, que folga com o mal e se regosija com a ruina dos outros?

MEPHISTOPHELES

Acabas com isso?

FAUSTO

Salva-a, ou desgraçado de ti! Sobre ti cáia, por seculos de seculos, a peor das maldições.

MEPHISTOPHELES

Não posso desfazer as algemas vingadoras, nem abrir os ferrolhos da prisão. Salva-a?—Quem a lançou na perdição? Eu ou tu?

(Fausto olha furioso em roda de si.)

Queres deitar mão do raio? Ainda bem que vos não foi dado, miseráveis mortaes. Aniquillar o innocente que nos resiste, é o modo porque os tyrannos se livram de difficuldades.

FAUSTO

Leva-me onde ella está. Ha de ser salva.

MEPHISTOPHELES

E o perigo a que te expões? Sabes que naquella cidade commetteste um crime de morte. Sobre o sepulchro da victima, pairam espiritos vingadores, que espreitam o regresso do assassino.

FAUSTO

Mais essa da tua parte? Cáiam todas as pragas do Universo sobre ti, monstro. Guia-me até lá, te digo, e salva-a.

MEPHISTOPHELES

Guiar-te-hei, e o que posso fazer, escuta-o. Sou porventura omnipotente? — Turvarei os sentidos do carcereiro, apodera-te das chaves e salva-a com meios humanos. Ficarei á espera. Estarão promptos os cavallo encantados, levar-vos-hei. Eis o que posso.

FAUSTO

A cavallo e vamos.

NOITE

Planície descoberta

Fausto e Mephistopheles

(Em cavallos negros passando a toda a brida.)

FAUSTO

Que vultos são aquelles que esvoaçam
De um cadafalso em torno ?

MEPHISTOPHELES

O que lá fazem,
Não posso descobrir.

FAUSTO

No ar pairando,
Ora sobem e descem ou se curvam,
E para o chão s'inclinam.

MEPHISTOPHELES

É de bruxas
Algum conciliabulo.

FAUSTO

Parecem
Benzer e semear.

MEPHISTOPHELES

Ávante, ávante.

CARCERE

FAUSTO

*(Com um molho de chaves e uma candeia,
diante de uma portinha de ferro.)*

Insólito terror de mim se apossa ;
Todo o humano soffrer sinto no peito.
Detraz destas muralhas que gotejam,
A desditosa jaz, e foi seu crime
Uma doce illusão ! Entrar recêas ?
Tremes de vel-a ? Animo, se hesitas,
Angustiosa morte attrá'es sobre ella.

(Pega no ferrolho. Cantam dentro.)

Minha mãe, a meretriz
Que a vida me roubou !
Meu pae, cruel assassino
Que meu corpo devorou !
Os meus ossos n'um logar
Mui fresco, minha irmansinha
Foi piedosa enterrar ;
Fiz-me logo um passarinho,
Vôo, vôo, ando a voar.

FAUSTO *(abrindo.)*

Que o amante a escuta não presente,

E que ouve o tinir dos duros ferros
E da palha o rumor.

(Entra.)

MARGARIDA *(escondendo-se no leito.)*

Ai! Ai! são elles.

Morte amarga.

FAUSTO *(baixinho.)*

Socega, p'ra salvar-te

Eu venho.

MARGARIDA *(estorcendo-se.)*

Tem piedade, se és um homem,
De meu soffrer.

FAUSTO

Despertas com teus gritos,
Os guardas da prisão!

(Pega nas cadeas para abril-as.)

MARGARIDA *(de joelhos.)*

Quem te deu, barbaro,
Sobre mim tal poder? Já vens buscar-me
Á meia noite? Por quem és, condoe-te;
Ámanhan de manhan não é bastante?

(Levanta-se.)

Moça, tão moça ainda e morrer devo!
Formosa também fui, minha desgraça
A formosura fez. Tinha a meu lado
Então o amante, abandonou-me agora.
Desfolhada a capella jaz e as folhas
Despargidas no chão. Mãos violentas
Em mim não ponhas, não te fiz mal nunca;
Não me deixes clamar debalde. Em dias
De vida te não vi.

FAUSTO

Terei eu força
De supportar tal dôr?

MARGARIDA

Sei que tu podes
Sobre mim tudo. Deixa que amamente
O pequenino. Com amor materno
De noite o acarinhei. Foi-me roubado,
Atormentar-me querem e levantam-me
Que o matára eu. Jamais alegre
Eu tornarei a estar. Trovas me deitam;
É maldade da gente. Assim acaba
Uma antiga canção; quem os ensina
A dar-lhe tal sentido?

FAUSTO (*lança-se de joelhos.*)

P'ra salvar-te

*

Desta horrenda prisão, a teus pés olha
Um amante fiel.

MARGARIDA (*ajoelhando ao lado delle.*)

Ajoelhemos

Para rezar aos santos ! Olha, ao fundo
Destes degráos e sob o pavimento,
Ruge o inferno, e um ruido horrendo
Faz o demonio, em cholera bramando.

FAUSTO (*alto.*)

Margarida adorada, Margarida !

MARGARIDA (*attenta.*)

Era a voz do amigo !

(*Levanta-se, as algemas cáem.*)

Onde está elle ?

Ouvi que me chamava. Eis-me liberta,
Nada me tolhe os passos ! Vou beijar-lhe
A fronte idolatrada, no seu seio
Tranquilla repousar. Oh Margarida,
Lhe ouvi gritar á porta. Entre os lamentos
E o ranger de dentes dos infernos,
Sua voz conheci, voz que amei tantò !

FAUSTO

Sou eu.

MARGARIDA

És tu? oh, outra vez o dize!

(Apertando-o nos braços.)

É elle, é elle, do soffrer que é feito?
Que é feito das algemas, das angustias
Do temeroso carcere? Salvar-me
Vens, 'stou salva! Eis ante mim a rua
Onde ver-te logrei a vez primeira,
E o alegre jardim onde com Martha
A tua vinda esp'rava.

FAUSTO *(fazendo por leval-a.)*

Anda comigo.

MARGARIDA

Espera, estou tão bem onde te tenho.

(Affaga-o)

FAUSTO

Depressa! Se não foges, cruelmente
Havemos de expial-o.

MARGARIDA

Já não sabes

Beijar-me? Caro amigo, por tão pouco
Affastado de mim, dos doces beijos
Podeste-te esquecer? Porque me sinto
Angustiada agora nos teus braços,
Eu que d'antes ou vendo-te ou fallando-te,
Té ao ceu me sentia transportada,
E tu com beijos quasi me abafavas?
Beija-me ou beijo-te eu.

(Abraça-o.)

Ai, 'stam gelados
E mudos os teus labios! — Que fizeste
Do amor que me tinhas? — Pois roubaram-m'o?

(Affasta-se delle.)

FAUSTO

Vem, meu amor, anima-te, acompanha-me!
Sempre hei de amar-te com paixão infinda;
Mas vem comigo agora, é quanto peço.

MARGARIDA *(voltando-se para elle.)*

Pois és tu? És deveras?

FAUSTO

Sou, mas vamos.

MARGARIDA

E quebras as cadeas? no teu seio

Recebes-me outra vez? Como é possível
Que te não cause horror?! Sabes, amigo,
A quem vens libertar?

FAUSTO

Anda, que a noite
Já foge.

MARGARIDA

Minha mãe, tirei-lhe a vida,
Affoguei o meu filho, que foi dado
A mim e a ti. A ti também. Não posso
Crer inda que és tu. As mãos me aperta;
Sonho não é! As tuas mãos queridas!
Ai, 'stam molhadas, limpa-as, isto é sangue!
Que fizeste, meu Deus! Peço que mettas
A espada na bainha.

FAUSTO

Isso é matar-me,
O que passou, passou.

MARGARIDA

Não, viver deves!
As covas que é mister encommendaras,
E ámanhan sem falta, vou dizer-te;
Dás o melhor logar á mãe amada,
Logo ao lado o irmão, de parte um pouco,

Mas inda perto, o meu sepulchro seja,
Descanse o pequenino no meu seio.....
E quem mais junto a mim quizera a campa ?
Estreitar-me ao teu peito era delicia
Suspirada, porém que já não lógro.
É com esforço que p'ra ti me chego,
Como se tu cruel me repellisses ;
E todavia olhas-me tão doce,
Tão piedoso.

FAUSTO

Foge, vem comigo,
Se julgas que tal' sou.

MARGARIDA

Que daqui saía ?

FAUSTO

Sim, para a liberdade.

MARGARIDA

Se o sepulchro
Me aguarda lá, se lá me espera a morte,
Vamos ! D'aqui só sairei p'ra a cova.
Não vou mais longe. — Partes tu, Henrique,
Oxalá que pudesse acompanhar te.

FAUSTO

Podes. Basta querer, 'stá aberta a porta.

MARGARIDA

Partir não posso, não me resta esp'rança.
De que serve fugir, se me perseguem?
Mendigar é tão triste, e mais ainda
Com ruim consciencia! Em terrã extranha
É tão triste fugir, andar errante;
E quando nem assim lógro escapar-lhes!

FAUSTO

Mas vou contigo.

MARGARIDA

Corre, corre, salva
O desgraçado filho. Pela senda
Que vae pelo ribeiro, além da ponte,
Do bosque bem no meio, á mão esquerda,
Junto da prancha que atravessa o tanque!—
Corre que ainda lucta, que braceja,
Vê se o salvas, vê.

FAUSTO

Socega, pensa,
Um passo e ficas livre.

MARGARIDA

Se tivéssemos
Passado aquelle monte! Numa pedra

Minha mãe 'stá sentada. Horrorisados.
Erriçam-se os cabellos. 'Stá sentada
Minha mãe numa pedra, meneando
A pendida cabeça. Não acena,
Não nos olha sequer. Pesa-lhe a fronte,
Do prolongado somno não desperta.
Dormia porque alegres nós folgássemos. —
Foram tempos felizes!

FAUSTO

Se não valem
Para mover-te supplicas nem rogos,
Vou levar-te daqui.

MARGARIDA

Deixa-me! força!
Não consinto, não queiras arrastar-me!
Em tudo o mais te fiz sempre a vontade.

FAUSTO

Já apparece o dia, Margarida!

MARGARIDA

O dia, raia o dia! O derradeiro!
Devêra de ser de meu noivado o dia.
Que estiveste já com Margarida
Não digas a ninguém. Ai, minha c'rôa,
Perdi-a! Ainda nos vemos, não na dansa.

A multidão apinha-se em silencio,
As ruas e a praça não lhe bastam;
Já lá dobram os sinos, já se quebra
A varinha fatal. ¹ Eil-os me arrastam
Manietada; o cadafalso subo;
Sobre o collo de todos a segure
Que meu collo ameaça, se levanta.
A mudez do sepulchro invade a terra!

FAUSTO

Maldicta a hora em que nasci!

MEPHISTOPHELES (*apparece.*)

Depressa!

Foge que estás perdido; o tempo gastas
Em timido hesitar, em vans palavras, —
Já fremem os cavallos, amanhece!

MARGARIDA

Das entranhas da terra quem surgiu?
É elle, é elle! Expulsa-o. Que procura
Neste santo logar? Minh'alma busca!

FAUSTO

Has de viver.

¹ Vide nota no fim.

MARGARIDA

Meu Deus, toda m'entrego
A teu juizo.

MEPHISTOPHELES (*a Fausto.*)

Vem depressa, ou deixo-te
Com ella na prisão.

MARGARIDA

Omnipotente,
Sou tua, salva-me. Acudi, oh anjos,
Oh phalanges celestés, protegei-me!
Henrique, de ti tremo.

MEPHISTOPHELES

Foi julgada.

voz (*de cima.*)

Salvou-se.

MEPHISTOPHELES (*a Fausto.*)

Vem comigo!

(*Desapparece com Fausto.*)

UMA VOZ (*do interior, esmorecendo.*)

Henrique, Henrique!

FIM

NOTAS

A rainha geníl..... — pag. 57

Allude esta passagem ás operações de Alchimia, aos processos com que os adeptos da «Grande Obra» procuravam obter um meio de curar todas as molestias e de converter em ouro todos os metaes. Este meio, conhecido pelos nomes de Pedra Philosophal, Paçacéa, Elixir da vida, etc., imaginavam os alchimistas obtel-o pela fusão das mais puras essencias ou germens metallicos, que dividiam e classificavam com as mais extranhas denominações. Paracelso (vide Archidoxa e De Tinctura Physicorum) intitula — *sangue do leão de ouro*, ou *leão vermelho* — o principio masculino extrahido do ouro, e diz — *gluten da agua branca* — o germen feminino tirado da prata. A este ultimo é tambem dado em obras de Alchimia o nome de — *lirio branco*. Da combinação ou fusão destas duas essencias num forno denominado camera nupcial ou *Camera delectationis*, devia resultar a Pedra Philosophal, que os adeptos denominavam — *a Rainha*. Estes nomes, bem como os processos que deviam levar á realisação da «Obra maxima», variam em cada Tratado de Alchimia. Goethe, que á volta de Leipzig se oc-

cupou sériamente desta sciencia, cuja immensa aspiração at-
trahia o seu curiosissimo espirito, escolheu as denominações
de Paracelso de preferencia ás de Raymundo Lullo e outros.

Kobolde luctar — pag. 67

As lendas allemans attribuem a cada um dos quatro elemen-
tos que os antigos admittiam, uma classe correspondente de
espiritos. Ao fogo pertencem as Salamandras, á agua as Ondi-
nas, ao ar os Sylphos. A ultima e mais material destas fami-
lias de espiritos são os Gnomos, Pigmeus ou Kobolds que
pertencem á terra.

Ainda com o João.... — pag. 114

João de Rippach. Rippach é uma aldêa das cercanias de
Leipzig. João de Rippach chamam os estudantes de Leipzig a
um homem rude e boçal.

Hansliederlich — pag. 147

Litteralmente João Lascivo, como Hans ohne Sorgen — João
sem cuidados, — Hanswurst — etc.. O allemão tem muitas
destas expressões, analogas ás nossas João Fernandes, João
Ninguem, Juan de las Vinhas, etc.

Palha picada — pag. 208

Segundo os usos populares da Allemanha, a noiva que suc-
cumbia antes do matrimonio, não podia trazer a capella de
flores, symbolo da virgindade, e as raparigas do povo espa-
lhavam-lhe de noite diante da porta, em vez de ramos verdes,
palha picada.

Uriante — pag. 228

É nome generico para indicar um desconhecido que se não

quer nomear. O demo é muitas vezes designado com este nome pelos escriptores allemães.

Voland — pag. 232

Tambem Valant e Volland, um dos nomes do Demo nos escriptores allemães da meia idade.

Parvenu — pag. 236

Conservei a palavra franceza, como adiante fiz com as palavras Intermezzo e Ci-devant, no Sonho da noite de Walpurgis; porque Goethe empregou reflectidamente nestes casos termos estrangeiros. Nem sei que tenhamos uma palavra unica que compendie todas as idéas contidas no vocabulo Parvenu.

Proktophantasmista — pag. 240

É termo da composição de Goethe. Para dar uma idéa do que significa em portuguez, servir-me-hei da phrase que Diniz applica no Hyssope ao prior da Alcaçova «Homem vexado de nocturnas visões». Dá Goethe este singular nome ao livreiro Nicolai, de Berlim, grande inimigo de superstições e preconceitos e ridiculamente infatuado com a sua illustração. Nicolai criticou com incrível arrogancia a eschola litteraria que fundaram Goethe e Schiller, e estes grandes genios não desdenharam retorquir-lhe com pungentissimos epigrammas.

Tegel — pag. 241

Quinta da familia de Humboldt, logo junto de Berlim, na qual se deu em 1797 uma famosa historia de phantasmas sobre que escreveu Nicolai.

Viagens — pag. 242

Allude ás «Viagens na Suissa e na Allemanha» livro fastidioso e pedantissimo de Nicolai.

Filhos de Mieding..... — pag. 243

João Martinho Mieding era Director do scenario no Theatro da Córte, em Weimar. Chamava-lhe Goethe, em razão da sua habilidade, o Director da natureza.

Quando a disputa acabar — pag. 245

A disputa de Oberon e de Titania no Summer night's dream de Shakespeare.

Hennings — pag. 250

Augusto Adriano Frederico de Hennings, Camarista d'El-Rey da Dinamarca, fundador do periodico litterario *O Genio do Tempo*, com o qual publicou, em 1798 e 99, uns seis folhetos intitulados *O Musageta*, criticou Goethe e Schiller, que o fustigaram cruelmente nas *Xenias*, epigrammas por ambos elles redigidos.

Diabo rima com duvida — pag. 253

Em allemão, diabo — Teufel — rima com — Zweifel — duvida.

Já se quebra a varinha fatal — pag. 271

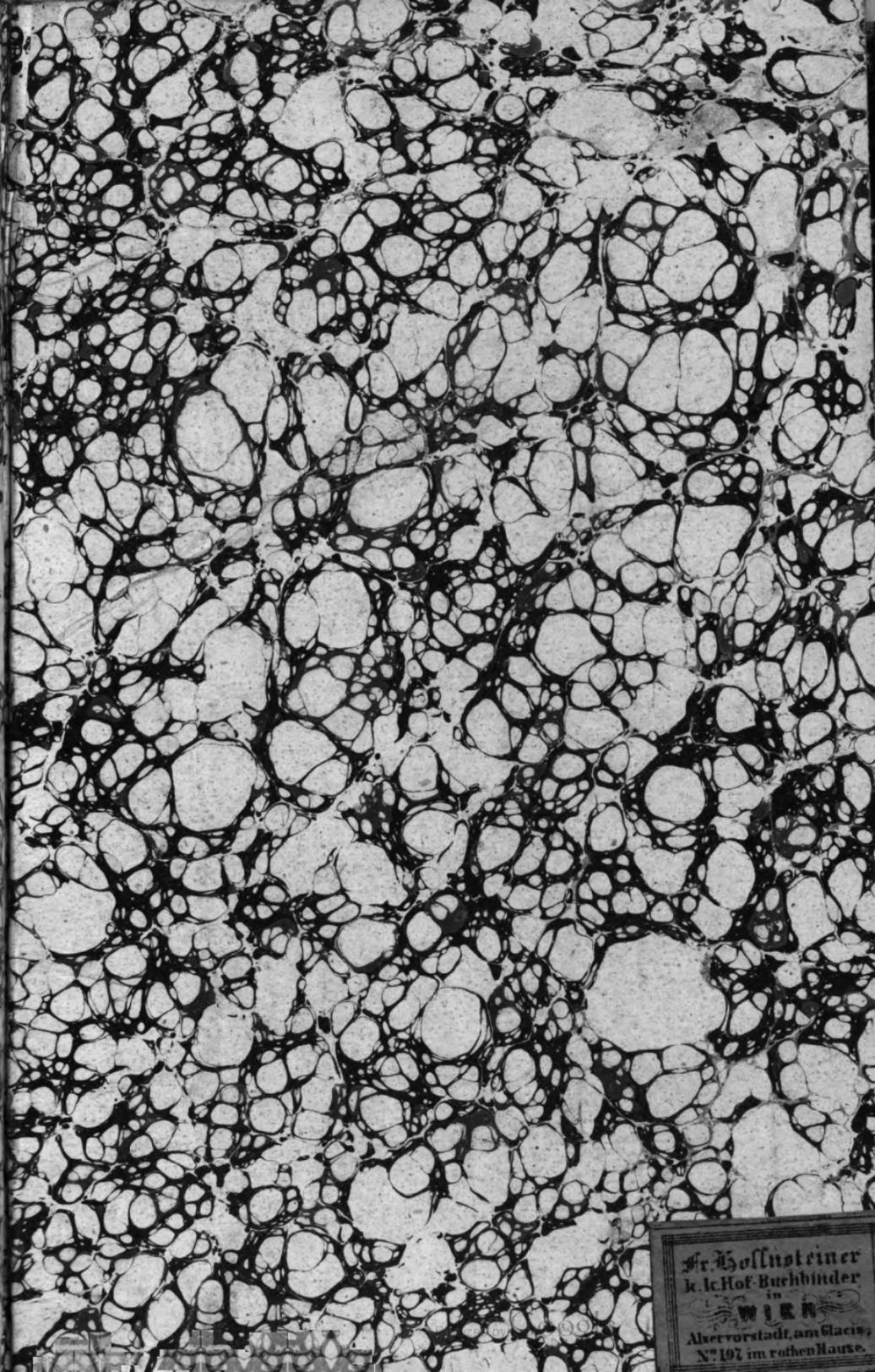
Acto symbolico que acompanhava a leitura da sentença de morte antes da execução.



ERRATA

PAG.	VERSO	EM VEZ DE	LEA-SE
33	5	fer	for
»	12	espontanea	spontanea
34	ult.	leva morte	leva a morte
35	7	poder-se transportar	poder se transportar
48	3	séria	sérias
58	17	tranquillo mundo	tranquillo o mundo
68	ult.	hirtas	hirtas.
76	penult.	despersa	dispersa
84	15	ardor	ardor.
113	7	perna,	perna.
120	ult.	espumante	spumante
147	14	pedia.	pedia,
182	4	viste	vistes
190	2	experimental-o	exp'riental-o
210	14	Innundando	Inundando
220	15	Tolhe m'a	Tolhe-m'a
225	16	Mãos,	Mãos
240	5	Tegel	Tegel.





Fr. Hollnötner
k. k. Hof-Buchbinder
in
WIEN
Aboer vorstadt, am Glacis,
N^o 191 im rothen Hause.

